

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”
Campus Universitário de Bauru
Faculdade de Ciências
2010

FABIANE DE PAULA SILVA

**LEVANTAMENTO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO
CENTRO EXPANDIDO DA CIDADE DE SÃO PAULO.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENSINO DE CIÊNCIAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”

Campus Universitário de Bauru

Faculdade de Ciências

2010

FABIANE DE PAULA SILVA

***LEVANTAMENTO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO
CENTRO EXPANDIDO DA CIDADE DE SÃO PAULO.***

***Dissertação apresentada à banca examinadora de
defesa do Programa de Pós – Graduação em
Educação para a Ciência, Área de concentração:
Ensino de Ciências, da Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” Campus de Bauru, como requisito à obtenção
do título de Mestre em Educação para a Ciência, sob
orientação da Professora Doutora Jandira Lúcia
Biscalquini Talamoni.***

Bauru

Silva, Fabiane de Paula.

Levantamento sobre as concepções e práticas de educação ambiental nos cursos de educação de jovens e adultos do centro expandido da cidade de São Paulo/ Fabiane de Paula Silva, 2010.
210 f.

Orientador: Jandira Liria Biscalquini Talamoni

Dissertação (Mestrado)—Universidade Estadual Paulista. “Julio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências, Bauru, 2010

1. Prática docente na EJA. 2. Questões sócio-ambientais. 3. Educação crítica. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Banca Examinadora

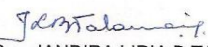
Professora Doutora Jandira Liria Biscalquini Talamoni

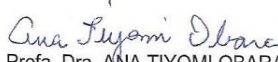
Professora Doutora Ana Maria de Andrade Caldeira

Professora Doutora Ana Tiyomi Obara

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FABIANE DE PAULA SILVA,
DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DO(A)
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.**

Aos 03 dias do mês de setembro do ano de 2010, às 10:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. JANDIRA LIRIA B TALAMONI do(a) Departamento de Ciências Biológicas / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. ANA TIYOMI OBARA do(a) Programa de Pós-Graduação / Universidade Estadual de Maringá, Profa. Dra. ANA MARIA DE ANDRADE CALDEIRA do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FABIANE DE PAULA SILVA, intitulada "LEVANTAMENTO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CENTRO EXPANDIDO DA CIDADE DE SÃO PAULO.". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. JANDIRA LIRIA B TALAMONI


Profa. Dra. ANA TIYOMI OBARA


Profa. Dra. ANA MARIA DE ANDRADE CALDEIRA

Dedicatória

***Dedico esse trabalho a minha Mainha,
Painho, sobrinho Biel, Irmão Miltinho e a
meu noivo Martinho.
Amo muito vocês!!!***

Agradecimentos

A Deus, primeiramente, por me dar força nessa caminhada e iluminar todos os meus dias com alegria, perseverança e amor.

À minha Mainha, “Dona Eliane” e ao meu Painho “Senhor Milton”, pois sem eles essa minha trajetória não seria possível, já que estiveram e estão sempre presentes em cada instante de minha vida e em cada decisão, devido à educação que me deram. Agradeço a essas duas pessoas maravilhosas, pelas quais tenho Imensa Admiração, Respeito e Amor.

Ao meu irmão Milton, pela ajuda diária em diversos momentos durante a minha caminhada; ao meu sobrinho, Bielzinho, menino alegre, amoroso que a cada sorriso e demonstração de Amor fez com que a Tia Fabi continuasse caminhando. E a todos os meus familiares que de uma forma ou de outra estiveram por perto.

Ao meu noivo Martinho que, apesar da distância e da correria de todos os dias, esteve sempre do meu lado e que apesar das dificuldades sempre se mostrou carinhoso, amoroso, amigo, e paciente, compreendendo a minha ausência.

À Professora Doutora Jandira Liria Biscalquini Talamoni, a quem carinhosamente chamo de Jandinha, agradeço pela amizade, carinho, apoio, compreensão, paciência e, acima de tudo, sou grata pelo grande profissionalismo que essa encantadora pessoa sempre demonstrou em todos os momentos desta minha caminhada, desde a graduação.

Aos meus amigos, Nelsinho e Guinis, pelo apoio que deles recebi tantas vezes e por todo o carinho e amizade; também por permanecerem por perto em momentos significativos da minha trajetória na maravilhosa cidade de Bauru.

Ao meu amigo Alan e minha amiga Jú agradeço pelo carinho, amizade, compreensão e palavras de “vamos lá” e incentivo diário.

Ao pessoal do GPEA, pelas importantes reflexões que fizemos em diferentes momentos acadêmicos, que me possibilitaram significativo crescimento.

Aos professores das escolas Municipais e Estaduais do centro expandido da Cidade de São Paulo, que gentilmente me acolheram em suas realidades, possibilitando que eu fizesse a minha pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Universidade

Estadual Paulista - Campus Bauru, pelo voto de confiança.

A todos os docentes dos Departamentos de Ciências Biológicas e do departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” que tive a oportunidade de conhecer e com os quais pude compartilhar momentos de aprendizado, respeito e amizade. E em especial ao Professor Doutor Osmar Cavassan, pela sua pronta boa vontade com respeito à leitura deste manuscrito, bem como pelas valiosas sugestões que apresentou e que, certamente contribuíram para melhoria deste trabalho.

A Professora Doutora Ana Maria de Andrade Caldeira e a Professora Doutora Ana Tiyomi Obara pelas valiosas contribuições e indagações nos exames de qualificação e defesa.

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido com a bolsa de auxílio à pesquisa.

Muito Obrigada!

***“O VERDADEIRO COMPROMISSO É A SOLIDARIEDADE, E NÃO A
SOLIDARIEDADE COM OS QUE NEGAM O COMPROMISSO SOLIDÁRIO, MAS
COM AQUELES QUE, NA SITUAÇÃO CONCRETA, SE ENCONTRAM
CONVERTIDOS EM COISAS”.
(PAULO FREIRE, 1979)***

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
LISTA DE TABELAS	iii
LISTA DE QUADROS	iv
O PORQUÊ DESTA PESQUISA	v
INTRODUÇÃO	1
<i>O PROBLEMA DE PESQUISA</i>	8
<i>OBJETIVOS</i>	9
I. SOBRE A EDUCAÇÃO	10
<i>A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO</i>	20
<i>A EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA)</i>	25
<i>A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA SOCIEDADE BRASILEIRA</i>	33
II. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	41
<i>PLANEJAMENTO INICIAL</i>	45
<i>AS ESCOLAS SELECIONADAS</i>	47
<i>CARACTERIZAÇÃO DO LOCUS</i>	51
<i>COLETA DE DADOS</i>	54
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
<i>PERFIL DOS PROFESSORES</i>	56
<i>PERFIL DOS ALUNOS</i>	59
<i>PERFIL DAS ESCOLAS</i>	66
<i>VISÃO DOS ALUNOS E PROFESSORES SOBRE A EA E EJA</i>	74
<i>A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</i>	78
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS	118

RESUMO - LEVANTAMENTO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO CENTRO EXPANDIDO DA CIDADE DE SÃO PAULO.

O presente estudo buscou conhecer e analisar a contribuição da educação ambiental (EA) na atuação de professores envolvidos na educação de jovens e adultos (EJA), com relação à inserção dos alunos daquela modalidade de ensino na sociedade. Com intuito de analisar o contexto e interpretar os fenômenos presentes nas escolas de EJA envolvidas nesse estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva utilizando-se como técnicas de coleta de dados a análise documental, entrevistas, aplicação de questionários e observação de campo. Para desempenharmos esta tarefa, realizamos estudos em 20 escolas caracterizando os 78 alunos e 21 professores do programa de educação de jovens e adultos de escolas da região do centro expandido de São Paulo. No delineamento do perfil dos professores foram considerados os aspectos pessoais, profissionais e sociais envolvidos na escolha da profissão. O perfil dos 78 alunos da EJA foi traçado com base nos pontos de vista do aluno e do professor, observando a importância da EJA na consolidação das expectativas dos estudantes. Buscamos, ainda, identificar as concepções e práticas dos professores, relativas à EA no contexto da EJA. Para auxiliar na consolidação da pesquisa caracterizamos 23 escolas localizadas na região do centro expandido da cidade de São Paulo, nas quais estes professores atuam, com relação aos seguintes aspectos: localização, ponto de referência e acessibilidade a partir do marco zero da cidade de São Paulo, a “Catedral da Sé”. Consideramos que uma articulação da EA na EJA seja importante no processo de formação de sujeitos críticos, questionadores e participantes da atual realidade, no entanto, observamos que naquelas escolas eram escassas as oportunidades de teorização e debate, pois os professores atuantes naquele contexto educacional, aparentemente, não tiveram uma formação que os preparasse para tal. Constatamos, portanto, que os professores necessitam de mais informações sobre o tema, o que implica em maior empenho por parte das políticas públicas para se viabilizar uma educação crítica e questionadora do contexto da sociedade atual. Consideramos que o oferecimento, a estes professores, de informações científicas que lhes oportunizem uma melhor formação em EA, poderá torná-los aptos à ação multiplicadora dos conhecimentos construídos, tanto nas Instituições de Ensino como fora delas. Acreditamos que a reflexão crítica, sob a égide de uma EA transformadora, a respeito das questões sociais, políticas, culturais, ambientais e econômicas presentes na nossa sociedade poderá auxiliar na formação desses professores e, conseqüentemente, na de seus alunos, permitindo-lhes apresentar questionamentos, se engajarem em processos que busquem as transformações consideradas necessárias e se inserirem efetivamente na sociedade, de maneira apropriada e coerente com a visão crítica da realidade.

Palavras chaves: prática docente na EJA; questões sócio-ambientais; educação crítica.

ABSTRACT - SURVEY ON THE CONCEPTIONS AND PRACTICES IN ENVIRONMENTAL EDUCATION COURSE FOR YOUTH AND ADULT EDUCATION IN SCHOOLS OF THE CENTER EXPANDED IN SÃO PAULO CITY.

This study sought to understand and analyze the contribution of environmental education (EE) in the performance of teachers involved in youth and adult education (EJA), regarding the inclusion of students in that mode of education in society. In order to analyze the context and interpret the phenomena observed at those schools which EJA targeted with this study, we conducted descriptive qualitative research using techniques such as data collection by way of analysis, interviews, questionnaires and field observation. To accomplish this task, we conducted studies in 20 schools featuring 78 students and 21 teachers, the education program for youth and adults of the expanded center of São Paulo. In the delineation of the profiles of the teachers, We considered a personal, professional and social choice for the teaching profession. The profile of the 78 students of EJA was drawn up based on the views of the student and the teacher regarding the importance of adult education in the consolidation of the students' expectations. We seek also to identify the concepts and practices of teachers concerning the EA in the context of adult education. To consolidate the research featured, the study looked at twenty-three schools located in the central region of the expanded city of Sao Paulo, where these teachers work. It concentrated on the following aspects: location, point of reference, and the accessibility of the ground zero of the São Paulo city, the "Sé Cathedral". We believe that an articulation of EA in the EJA is important for the formation process of critical, questioning and participating in the current reality, however, observed in adult education, opportunities to theorize and debate because the teachers working at the educational context, apparently had no training that prepared them for this. Thus we find, therefore, that teachers need more information, on the subject, which implies a greater commitment on the part of public policies achieving a critical and questioning of the educational context of contemporary society. We believe that critical reflection, under the base of an EA, about the social, political, cultural, environmental and economical in our society can assist in the training of teachers and consequently on their students, allowing them to submit questions, engage in processes that seek the changes necessary and they fall in society effectively, appropriately and consistent with the critical view of reality.

Keywords: teaching practice in adult education, socio-environmental issues, critical education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos professores que atuam nas escolas que oferecem a EJA, da região do centro expandido de São Paulo.	56
Tabela 2 - Caracterização dos perfis de 35 alunos (A1 a A35) da escola localizada na região de Moema.	59
Tabela 3 - Caracterização dos perfis de 31 alunos (A36 a A67) da escola localizada na região do “Centro Velho” de São Paulo.	60
Tabela 4 - Caracterização dos perfis de 11 alunos (A68 a A78) da escola localizada na região da Barra Funda.	61
Tabela 5 - Faixa etária dos alunos das três escolas que oferecem a EJA localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).	62
Tabela 6 - Regiões brasileiras de origem dos alunos das três escolas que oferecem a EJA, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).	63
Tabela 7 – Níveis de escolaridade dos alunos das três escolas que oferecem a EJA, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).	65
Tabela 8 – Distâncias entre as residências dos alunos e as escolas onde estudam, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).	65
Tabela 9 – Características de cinco das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.	66
Tabela 10 – Características de cinco das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.	68
Tabela 11 – Características de sete das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo que oferecem a EJA.	70
Tabela 12 – Características de sete das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.	72
Tabela 13 - A Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental na visão dos alunos.	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Motivos que levaram o professor à escolha da profissão.	79
Quadro 2 - Categorias de análise obtidas para os motivos que levaram o professor a atuar na EJA	81
Quadro 3 - Categorias de análise para os dados obtidos sobre o que representa a EJA para o professor (P) e para os alunos (A).	83
Quadro 4 - Motivos pelos quais, na visão do professor e na do aluno, os alunos procuram a EJA.	87
Quadro 5 - Classificação das concepções de EA dos professores (P) e alunos (A) da EJA de escolas da região do centro expandido de São Paulo.	90
Quadro 6 – Respostas obtidas dos professores (P) e alunos (A) da EJA sobre como a EA nessa modalidade de ensino pode influenciar a inclusão dos educandos na sociedade.	95

O PORQUÊ DESTA PESQUISA

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu quando, a partir da minha aprovação no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNESP-Bauru, o professor que em 2002 atuava como presidente do Conselho do Curso de Ciências Biológicas se disponibilizou a encaminhar os alunos ingressantes aos professores das diversas especificidades da área, para que pudessem estagiar e desenvolver projetos durante o curso. Assim, na busca pelo professor orientador para o desenvolvimento de um trabalho específico, percebi que era possível realizar, concomitantemente, estudos nas áreas de Biologia e de Educação e surpreendi-me com a possibilidade dessa conciliação.

Após estabelecer contato com um docente do Departamento de Educação, iniciei minha participação em um grupo de estudos que se reuniu semanalmente, de julho de 2002 até dezembro de 2003. O contato com a área de Educação evidenciou-me inúmeras possibilidades de conciliar aqueles conhecimentos com outros, sobre a vida e o ambiente. Naquela ocasião também tive contato com a EA e, aos poucos, muitos e novos questionamentos surgiram.

Posteriormente, estagiei por seis meses na Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Bauru (Núcleo de Educação Ambiental), e no ano de 2005 também tive oportunidade de estagiar no Jardim Botânico Municipal de Bauru. Algumas das respostas para os questionamentos surgidos durante esta minha trajetória começaram a delinear-se quando, para cumprir um dos requisitos de uma disciplina oferecida pelo Departamento de Ciências Biológicas, tive que desenvolver uma pesquisa em EA. Foi então que encontrei a forte motivação para ampliar meus estudos nessa área.

Assim, a EA tornou-se objeto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que objetivou conhecer como a EA era conduzida nas escolas; quem estava envolvido nessas atividades e em que as escolas de ensino fundamental – as municipais, estaduais e da rede privada - se embasavam para a realização de projetos de EA. Este TCC trouxe respostas para alguns dos meus questionamentos iniciais, no entanto, outras indagações se instalaram... Na busca dessas respostas, freqüentei uma disciplina oferecida no Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Unesp – Bauru, o que me possibilitou conhecer os principais referenciais teóricos utilizados nos trabalhos acadêmicos de EA.

Assim, não só tive contato com as obras de autores que tratavam da formação de indivíduos críticos, questionadores e participantes, mas também tive acesso às informações sobre os materiais que eram consultados pelos professores para trabalhar a EA. Foi então que me questioneei sobre como seria o trabalho dos professores da EJA, com relação à EA e como esta poderia contribuir, por exemplo, para que os mesmos atuassem como facilitadores do processo de inserção de seus alunos na sociedade. Enquanto cursava disciplinas, como aluna-ouvinte, naquele Programa de Pós-graduação observei a necessidade de investigar esta relação entre a EA e a EJA e fui buscar, na leitura de estudos então recentes e relativos ao tema, apresentados nos Anais do ENPEC e do ANPED, o que vinha sendo feito - e ali divulgado - a esse respeito. Percebi que havia muito a ser explorado com relação ao assunto, já que aparentemente pouco se conhecia, por exemplo, sobre os aspectos envolvidos na escolha da profissão e na atuação desses docentes na EJA, bem como sobre a importância da EA nas suas formações inicial e continuada e na sua prática docente junto àquela modalidade de ensino. Também fiquei curiosa sobre os motivos que levaram os alunos da EJA a, ocasionalmente, terem abandonado seus estudos, bem como sobre aqueles que os estimularam a voltar à escola, embora acreditasse que esses alunos teriam voltado a estudar devido à necessidade de se incluírem no mundo do trabalho. Eu supunha que estes indivíduos não se consideravam inseridos realmente na sociedade, pois a maioria deles dispunha de trabalhos ditos informais e, portanto, sem acesso aos direitos dos trabalhadores. Eu considerava, também, que eles não conheciam a EA, mas que acreditam na educação como possibilidade de melhorarem a qualidade de suas vidas.

Foi assim que a busca de resposta para estas dúvidas tornou-se o objeto desta minha pesquisa. A motivação era muito forte e, apesar dos entraves que naturalmente ocorrem, pude realizar este estudo e, assim, conhecer melhor a realidade da EJA em escolas da região do centro expandido de São Paulo. Pude chegar a algumas conclusões sobre as necessidades dos professores que nelas atuam - relativas à EA - e, também, sobre a importância do trabalho daqueles docentes no sentido de possibilitar que seus alunos se integrem e atuem, realmente, na sociedade em que vivem.

Assim, apresento aqui, em IV capítulos, os detalhes do processo pelo qual esta pesquisa foi desenvolvida. Na Introdução apresento algumas questões relativas à ação do homem sobre o ambiente e escrevo sobre a EA e a sua importância para a formação de

indivíduos críticos e participantes, além de apresentar a questão que norteou este trabalho, contextualizar a pesquisa e, em seguida, apresentar os objetivos desta. No capítulo I há um estudo teórico sobre a Educação, os papéis da escola e dos educadores, a importância da EJA e da EA neste contexto. No capítulo II descrevo o processo da pesquisa, desde que esta se iniciou e no capítulo III coloquei, passo a passo, o caminho percorrido para a obtenção dos resultados, presentes e discutidos. No capítulo IV apresento as Considerações Finais e alguns questionamentos que poderão ser aprofundados em pesquisas futuras. A seguir, estão os referenciais teóricos que embasaram este estudo e, no último item, os Anexos, constituídos pelos documentos produzidos e utilizados no decorrer da pesquisa.

INTRODUÇÃO

As relações do homem com o ambiente, segundo Odum (1988), caracterizam-se por constantes conflitos, visto que a utilização dos recursos naturais torna-se necessária desde as primeiras civilizações humanas, na medida em que propiciam a sobrevivência das mesmas. O homem sempre foi considerado como o ser que, sendo capaz de pensar, pode atuar sobre os recursos naturais para satisfazer as suas necessidades. O autor ressalta que as civilizações humanas sempre provocaram modificações ambientais e que o surgimento das mesmas coincide com a descoberta do fogo e a produção de ferramentas. Estas possibilitaram ao homem a realização do trabalho com maior eficiência, ou seja, com menor investimento de energia ou maior facilidade.

A utilização de instrumentos para desenvolver determinadas atividades possibilitou que o homem deixasse de ser um indivíduo nômade, passasse a viver em pequenos grupos e, posteriormente, em sociedade.

Embora a relação homem-natureza inicialmente não representasse sérios riscos ao ambiente, isso veio se modificando ao longo do tempo, na medida em que se intensificava a exploração dos recursos presentes na natureza. Nesse sentido, Guimarães (2006) afirma serem evidentes: a atual percepção, o reconhecimento generalizado em todo o mundo, da seriedade dos problemas ambientais que afetam a nossa sociedade. Questões como o aquecimento global e a ocorrência de enchentes nas grandes capitais são apenas algumas das respostas do ambiente as atitudes inconsequentes do ser humano.

Autores como Medina e Santos (2001) salientam que o homem passou a utilizar os recursos naturais de maneira predatória, conduzindo o ambiente às atuais crises e Maturana (1998) ressalta que o uso da expressão "recursos naturais" em nada facilita a compreensão de que todos os processos naturais são cíclicos e que tais ciclos tendem a desaparecer, quando sistematicamente interrompidos por ações degradantes, as quais interferem no encadeamento do sistema complexo constitui o ambiente natural. Não se trata de algo novo o modo como o ambiente foi utilizado e modificado pelo homem; nova é a dimensão dos mecanismos de depredação que vêm sendo utilizados para tal.

De acordo com Medina e Santos (2001), os problemas ambientais só passaram a ser de fato percebidos como significativos, após a revolução industrial e a organização urbana -

embora a história da humanidade mostre que a relação do homem com o ambiente tem sido a de sujeito (homem) e objeto (ambiente) – criando, assim, um conflito permanente em virtude da exploração irracional dos recursos ambientais. No entanto, segundo Protásio (2009), o que se pretende e se faz necessário não é mais considerar essa relação de oposição (homem versus natureza) e sim uma relação diferente, dialógica, complementar.

No entanto, segundo Leite e Mininni-Medina (2000), muitos autores ainda acreditam que a Educação Ambiental (EA) refere-se, principalmente (ou unicamente) às questões naturais, desconsiderando a importância das inter-relações dinâmicas que, ao longo da história, foram estabelecidas entre a sociedade e a natureza.

Leff (2002) enfatiza, num capítulo de sua obra intitulada “Articulação das ciências na relação natureza-sociedade” que:

Na história humana, todo saber e conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas têm estado condicionados pelo contexto geográfico, ecológico e cultural em que produz e se reproduz determinada formação social. As práticas produtivas, dependentes do meio ambiente e da estrutura social das diferentes culturas, geraram formas de percepção e técnicas específicas para a apropriação social da natureza e da transformação social do meio (LEFF, 2002: 21).

Fica claro, assim, que as relações humanas são resultados de um contexto e da sociedade na qual ocorrem, cabendo ressaltar, portanto, o importante papel da escola no sentido de possibilitar a formação dos alunos a partir da aproximação dos conhecimentos a sua realidade e cotidiano. Esse diálogo com a realidade poderá conduzir ao desenvolvimento de um modo de vida sustentável, no qual sejam respeitadas as necessidades de todos os seres vivos presentes no planeta.

As temáticas ambientais, como o aquecimento global e o descongelamento das geleiras, bem como o excesso de consumo e a produção exacerbada de lixo tem sido constantemente focadas, em diversos ambientes. Assim, se existir na escola uma disposição para buscar o enfrentamento dessa problemática, será necessária a contextualização das ações e atividades propostas com a realidade na qual aquela está inserida.

Observa-se, especialmente nas escolas, que essa busca tem se intensificado, evidenciando-se tal interesse nos projetos de EA. Nesse sentido, Jacobi (2005) afirma que:

Os educadores têm um papel estratégico e decisivo na inserção da educação ambiental no cotidiano escolar, qualificando os alunos para um posicionamento crítico face à crise socioambiental, tendo como horizonte

a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade no seu significado mais abrangente (JACOBI, 2005: 1).

O autor enfatiza, ainda, a necessidade de que sejam incrementados os meios de informação - e de acesso aos mesmos - considerando-se sempre o papel dos conteúdos escolares como um caminho para viabilizar a alteração do quadro atual de degradação socioambiental. A discussão de problemas ambientais em sala de aula pode promover uma maior sensibilização dos indivíduos face aos mesmos e, também, o resgate da responsabilidade destes com respeito à fiscalização e ao controle da degradação ambiental.

É necessário, portanto, levar em conta as condições sociais, políticas e econômicas envolvidas nas questões relativas ao ambiente dito “natural”. Acreditando que o exercício de conciliação do social, político, econômico e ambiental possibilitará um diálogo para o desenvolvimento pleno do indivíduo, é preciso avaliar o modo pelo qual esse enfrentamento da realidade, nos diversos espaços educacionais, tem realmente ocorrido.

Segundo Aranha (1996), o educador precisa tornar sua prática intencional, ou seja, deve ser ultrapassado o espontaneísmo do senso comum, pois somente quando se tem a consciência dos seus fins é que a práxis educacional pode ser mais coerente e eficaz. Essa autora salienta ainda, que a partir da educação é que se pode manter viva a memória de um povo, possibilitando-lhe e aos seus descendentes, condições de garantirem suas sobrevivências. Assim, é possível interligar o indivíduo à sociedade e ao ambiente de maneira harmoniosa a partir da educação, sendo esse um dos diversos pontos de conciliação entre a educação e a EA.

Como Libâneo (1988) destaca que o aluno deve ser um ser pensante, ou seja, um crítico questionador, de modo que suas potencialidades possam ser utilizadas para a reconstrução do meio, de atitudes, habilidades e valores, essa sua visão do processo educativo coincide com a de Loureiro (2004), visto que este afirma que a educação implica processos teóricos e práticos, políticos, culturais e sociais que redefinem os valores considerados adequados para que se tenha uma vida digna e sustentável.

Sabemos que as idéias ligadas à temática ambiental não surgiram de um dia para o outro. Numerosos acontecimentos de âmbito internacional delinearam o que hoje conhecemos como EA. Pode ser citado como sendo um desses importantes acontecimentos, a publicação da obra “Primavera Silenciosa” (RACHEL CARSON, 1962), na qual a autora

evidenciava as condições de degradação ambiental e a perda de qualidade de vida em função do uso indiscriminado de produtos químicos e dos efeitos destes sobre o ambiente. Essa obra teve repercussão mundial, favorecendo o crescimento dos movimentos ambientalistas em todo o mundo.

Tanto a Carta de Belgrado, produzida em 1975, que preconizava o lançamento de um Programa Mundial de Educação Ambiental, quanto a Declaração da Conferência Intergovernamental de Tbilisi sobre Educação Ambiental, de 1977, já observavam o fato de que o poder que o homem tinha e tem de transformar o meio ambiente e alterar o equilíbrio da natureza vem crescendo rapidamente e, de acordo com Dias (1992), expondo as espécies a perigos frequentemente irreversíveis. O evento de Tbilisi é considerado como marco da EA, embora outros tantos eventos internacionais tenham ocorrido posteriormente, promovendo mudanças nos modos de se conceber e praticar a EA.

Dentre os vários tipos de EA desenvolvidas nos diversos espaços formais ou não formais de educação, tomamos como referência a EA de caráter emancipatório, crítico, transformador que se caracteriza pela politização e publicização das questões ambientais, ambas consideradas indispensáveis, social e historicamente.

Para esta modalidade de EA são valorizados, no tratamento dos conflitos ambientais, a democracia e o diálogo para a busca de alternativas que levem em conta não só o conhecimento científico, mas as manifestações culturais populares, uma nova ética nas relações sociedade-natureza e os processos coletivos de transformação social para o estabelecimento de condições que re-qualifiquem a inserção do homem na natureza.

No Brasil, segundo Loureiro (2004), a EA surgiu em meados da década de 1960, embora tenha adquirido caráter público apenas cerca de vinte anos depois, com a realização dos primeiros encontros nacionais, bem como com a atuação crescente das organizações ambientalistas e com a ampliação da produção acadêmica relacionada a este campo do conhecimento. O autor afirma que os movimentos ambientalistas que aconteceram no Brasil tiveram um importante papel no processo de sensibilização dos indivíduos para com as questões ambientais, mas que as orientações, ligadas apenas ao aspecto ambiental, lhe causaram estranheza, já que na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (em Tbilisi, 1977) ficara absolutamente evidente a necessidade de se considerar, também, os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e éticos, entre outros, quando do

tratamento de questões ambientais.

DIAS (1991) afirma que em Tbilisi também ficara claro que a EA não deveria ser pensada como uma nova disciplina específica ou sequer ser inserida como um complemento das disciplinas já existentes. A EA deveria resultar de uma reorientação e articulação das diversas disciplinas e experiências educativas, nas quais a visão do meio pudesse ser facilitada. No entanto, estando inserida na estrutura conceitual cartesiano-newtoniana, a proposta educacional brasileira impedia essa abordagem conceitual mais complexa.

Neste estudo, a EA foi considerada como um ato intencional, com ações que refletem na realidade dos participantes do processo educacional, como aponta Tozoni-Reis (2004) no excerto apresentado a seguir:

Educação Ambiental é dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental. Essa atividade exige sistematização através de metodologia que organize os processos de transmissão/apropriação crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais e históricos. Assim, se a educação é mediadora na atividade humana, articulando teoria e prática, a educação ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem. Podemos dizer que a gênese do processo educativo ambiental é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente (TOZONI-REIS, 2004: 147).

Na concepção de EA balizada por Loureiro (2000), esta também representa um processo educativo permanente e que visa à construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade e a atuação responsável dos atores sociais, individual e coletiva, no ambiente. Para o autor, trata-se de uma “EA crítica e emancipatória, que visa ao acesso e à apropriação democrática dos bens naturais, à gestão participativa e ao exercício da cidadania, capaz de levar os sujeitos a se recolocarem no ambiente, resgatando o conceito de práxis associado à educação” (LOUREIRO, 2004: 3).

Apesar de todas as discussões deflagradas com relação aos futuros do planeta e da humanidade durante os vários encontros nacionais e internacionais realizados com esse intuito, a degradação ambiental intensificou-se dia após dia. Tal situação parece estar

associada a inúmeros fatores e, um deles, segundo Morin (1997), é o fato dos educadores - embora bem intencionados - geralmente desenvolverem atividades que reconhecem a EA segundo uma prática baseada na fragmentação do conhecimento, assim simplificando e reduzindo a compreensão da realidade e, portanto, limitando o entendimento do meio ambiente em sua complexidade.

Manifestando-se a esse respeito, Grün (2007) também destaca que o paradigma fragmentado não dá conta de lidar com as questões atuais da sociedade, ou seja, que a maneira como a EA vem sendo tratada por alguns, apenas como necessidade de se repensar o modo de utilização dos recursos naturais ou tendo como preocupação somente a preservação ambiental, precisa ser ampliada. A questão ambiental - ou crise ambiental - não se refere somente ao comprometimento dos aspectos físicos do ambiente, mas de todos aqueles que resultam das relações estabelecidas pelo homem com o seu meio; inclusive aqueles existentes entre o homem e os demais seres vivos, principalmente com os seus semelhantes.

Se para Sorrentino (1995) a participação é “finalidade e viabilidade da educação”, pois colabora para a superação da postura de distanciamento entre a prática e a teoria, é importante enfatizar que um projeto educativo ambiental é bem mais do que um treinamento de comportamentos considerados corretos ou do que o simples levantamento de problemas. A EA deve ser um estímulo à busca de novas saídas, pelo resgate de valores éticos e morais e por um modo de compreender a realidade nos seus níveis individual e universal. Neste sentido, Loureiro (2004) considera que a construção e o exercício da cidadania na órbita educativa podem ser buscados de diferentes maneiras, independentemente da perspectiva adotada, ou seja, a informação e conhecimento, a mobilização, a organização ou a ação.

E preciso, ainda, considerar que a EA só apresentará resultados consistentes se incorporar o cotidiano de modo contextualizado em seu fazer. É, portanto, indispensável o envolvimento das dimensões social, econômica, política ideológica, cultural e ecológica do problema ambiental, visando a mudanças culturais e sociais, incentivando não apenas a ação individual na esfera privada, mas também a ação coletiva na esfera pública (LAYRARGUES, 2004).

Leff (2001) coloca a necessidade de se encontrar uma nova maneira de lidar com o

meio em que vive, em vista da necessária conciliação entre os indivíduos e o ambiente natural, visando à sobrevivência de ambos e, acima de tudo, à superação das dificuldades já existentes, independente das ações do homem contra o ambiente natural.

[...] a racionalidade ambiental se funda numa nova ética que se manifesta em comportamentos humanos em harmonia com a natureza, em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que dão sentido à existência humana. Estes se traduzem num conjunto de práticas sociais que transformam as estruturas do poder associadas à ordem econômica estabelecida, mobilizando um potencial ambiental para a construção de uma racionalidade social alternativa (LEFF, 2001: 85).

A possibilidade de articulação do conhecimento com a realidade do contexto escolar existe a partir da problematização das diversas situações do cotidiano, e a aplicação de conhecimentos científicos em situações cotidianas proporcionará oportunidades para a formação de sujeitos críticos, questionadores de sua realidade e propícios a participar efetivamente do processo de mudanças que considerarem necessárias.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade educacional que também possibilita esse diálogo entre os conhecimentos técnicos-científicos e os conhecimentos cotidianos, segundo Freire (1983). O autor salienta a necessidade do desenvolvimento de práticas contextualizadas com a realidade, ou seja, a percepção da realidade com suas constantes modificações, substituição e explicações de situações equivocadas por princípios autênticos, referindo-se, dessa maneira, ao “aprender ensinando e o ensinar aprendendo”.

Embora a temática ambiental se apresente como uma possibilidade de engajamento de professores e alunos, em situações de ensino e aprendizagem nas quais a problematização pode ser facilmente atingida, já que envolve direta ou indiretamente questões vitais, sua incorporação como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) impõe um desafio à busca de alternativas formativas para os profissionais atuarem na área.

No seu Art. 10, a LEI 97-95 (BRASIL, 1999) afirma que a EA deve ser contínua e permanente e que deve estar presente nos diversos níveis de ensino, no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando a educação básica, a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, a educação superior e a educação especial.

No Art. 11 desta mesma lei há, também, referência ao fato de que a EA deve constar

dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas e que os professores em exercício da docência devem receber formação complementar para lidar adequadamente com a EA e para atender ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental. Os professores precisam, portanto, ser adequadamente preparados para lidar com esta realidade, caracterizada pela diversidade da sociedade atual (BRASIL, 1998).

Na perspectiva de uma EA que possibilite a inserção do indivíduo na sociedade, e considerando a atuação do professor na EJA, buscamos respaldo em Freire (1987: 84), que propõe a educação “como um processo mediatizado pelo mundo”, acreditando que os processos de acesso e inserção dos sujeitos na sociedade podem ser facilitados pelo estabelecimento do diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento presentes no espaço escolar e pela oportunização, aos alunos, de participarem de uma construção coletiva do conhecimento.

Neste contexto, nossa busca pelas concepções e práticas de EA na EJA, considerando o caráter interdisciplinar da EA, bem como a importância dessa modalidade de ensino para a inserção do aluno-sujeito na sociedade, foi norteadas pela seguinte questão: *Haveria contribuições da EA na atuação dos professores da EJA (mais especificamente em escolas do centro expandido da cidade de São Paulo), no sentido de facilitar-lhes o processo de inserção de seus alunos na sociedade?*

Segundo o relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), em 2007 a EJA era frequentada por cerca de 10,9 milhões de pessoas, ou seja, 7,7% da população com - no mínimo - 15 anos de idade. De aproximadamente 8 milhões de pessoas que passaram pela EJA antes de 2007, cerca de 43% não concluíram o curso; a incompatibilidade do horário das aulas com os de trabalho, a busca por um trabalho, além da falta de interesse por parte de alguns alunos em fazer o curso foram apontados como sendo os principais motivos da evasão.

Considerando que a EJA é uma realidade no Brasil, já que há uma significativa parcela de jovens e adultos de diferentes procedências que recorrem a essa modalidade de ensino - muitos deles por terem abandonado seus estudos para poder ingressar no mercado de trabalho - procuramos investigar se existiriam necessidades específicas, a serem satisfeitas para que os educadores atuantes na EJA fossem devidamente preparados para

melhor atender às expectativas de seus alunos, levando em conta as diversidades regionais, culturais, ambientais e sociais dos mesmos.

Além da aparente escassez de pesquisas referentes a essa temática, constatamos que há relativamente pouco conhecimento científico - ou há pouca divulgação dos mesmos – sobre a importância da EA na formação de professores da EJA, bem como sobre a maneira como esta vem sendo desenvolvida (ou não, apesar de prevista na Lei).

Consideramos também importante conhecer como e em que dimensão a EJA auxilia na efetiva inserção dos alunos que retornam ao ambiente escolar, na sociedade. Julgamos que os professores envolvidos com a EJA precisam perceber a importância que devem atribuir à realidade dos seus alunos e à necessidade de prepará-los - não apenas para a busca de empregos, como vem ocorrendo - para que, tendo acesso a uma diversidade de conhecimentos e oportunidades de refletir e compreender as relações estabelecidas na sociedade na qual estão inseridos, estes atuem como cidadãos críticos, responsáveis e capazes de participar ativamente na busca das mudanças necessárias para que sejam superadas as condições de alienação que lhes tem sido impostas

OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta pesquisa se propôs a conhecer professores e alunos da EJA e investigar, junto àqueles que freqüentam as escolas da região do centro expandido de São Paulo, seus conhecimentos sobre EA e suas opiniões sobre as eventuais contribuições que estes trazem ou poderiam lhes trazer no sentido de facilitar-lhes o processo de inserção na sociedade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Conhecer os perfis de professores e alunos da EJA;
- ✓ Investigar os motivos que levaram os professores à escolha de sua profissão;
- ✓ Verificar como se deu a inserção desse profissional e de seus alunos na EJA;
- ✓ Analisar as concepções de EA de professores e alunos da EJA, bem como as práticas desses docentes, nas escolas, voltadas para as questões ambientais.

I. SOBRE A EDUCAÇÃO

O ato de ensinar é repleto de nuances que variam desde as dificuldades que os alunos apresentam para interagir com um determinado conhecimento até a ausência de interesse, por parte dos mesmos, pelo tema em discussão, o que nos leva a refletir sobre como o ensino deveria ser conduzido para resultar em uma aprendizagem para a vida e para a formação pessoal do aluno.

Ao se buscar a formação mais ampla dos indivíduos, é preciso considerar que um determinado conhecimento não deve ser um fim, mas o meio, ou seja, um facilitador para que as pessoas possam acompanhar e participar dos processos que ocorrem na sociedade atual. No entanto, os alunos julgam que o aprendizado de um determinado conteúdo só se justifica se houver uma utilidade ou aplicação imediata do mesmo; e este parece ser um dos principais fatores responsáveis pelo empobrecimento da educação.

Sabemos que a ação humana se modifica com o passar do tempo e que essas mudanças são determinadas pelas experiências pessoais e coletivas vivenciadas pelos indivíduos. O homem é, portanto, um ser moldado pela sua história e pelas circunstâncias envolvidas nos processos que vivencia (ARANHA, 1996). Sendo a educação um processo histórico e determinado pelo homem, bem como pelas relações deste com o ambiente, vem sendo construída concomitantemente com a evolução dos indivíduos e da sociedade em que estes vivem.

É possível perceber, portanto, que o homem tem conduzido a educação para a busca da consolidação dos processos educativos que facilitaram a sua sobrevivência, através de gerações. Assim, é impossível falar de educação sem falar da relação do homem com o seu meio, já que as situações educacionais estão estritamente relacionadas com o âmbito social em que as pessoas estão inseridas. Assim, a educação não pode ser considerada uma prática neutra, mas sim repleta da ideologia da sociedade da qual faz parte.

Desde o período em que a educação ainda não existia na escola - mas somente como um processo de ensino desenvolvido sob a responsabilidade dos chefes de família e de dirigentes religiosos - já determinava as características sociais e ambientais dos povos. Como um dos principais intuitos do processo educativo era moldar o indivíduo para a sua sobrevivência, ficava evidente a importância da educação no estabelecimento das relações

do homem com o seu ambiente.

Através dos tempos, no período Oriental, a sociedade e a educação passaram por mudanças significativas; uma delas determinada pelo surgimento da escrita - que possibilitou uma diferente forma de comunicação -, levando as sociedades primitivas à formação das primeiras civilizações.

O conceito de educação teve, na antiguidade, inúmeras significações. De acordo com Wiezel (2009), as mudanças ocorridas na época do poeta grego Hesíodo (séculos VII e VIII aC.) marcaram a educação como processo de formação humana e auxiliaram na construção de uma nova realidade, baseada no desenvolvimento individual do cidadão enquanto ser humano, ou seja, valorizando a figura do homem. No período Grego - denominado berço da civilização - um dos princípios da educação era o desenvolvimento do ser humano; para tal, os estudos eram organizados e orientados visando à formação intelectual e cidadã dos indivíduos, possibilitando-lhes agir de forma crítica e questionadora. No entanto, naquela ocasião, o conhecimento era destinado apenas a uma minoria.

Durante o período Romano, caracterizado pela falta de democracia, a educação buscava a formação do guerreiro, designado para auxiliar o exército Romano nas conquistas de novos territórios. A educação tinha como fim, portanto, apenas garantir a ampliação de um império e, apesar desse caráter bélico, ainda estava a serviço do homem e de suas ambições.

Já no período Medieval a educação esteve vinculada aos aspectos religiosos e a Igreja foi, por longo tempo, a única detentora da formação dos poucos que a ela estavam ligados. Tratava-se, portanto, de uma educação conservadora; uma educação cheia de censuras à educação grega - então considerada liberal - e críticas à educação romana (devido ao caráter utilitário da mesma).

Durante o Renascimento - conhecido como o Século das Luzes - surgiu o interesse de conciliar as educações Grega e Romana. Uma das principais características do processo, à época, era possibilitar o aumento do privilégio daqueles que detinham o poder; dessa forma, mais uma vez a educação mostrou-se como um elemento de dominação entre as camadas da sociedade.

Embora no período Moderno tenha caminhado ao lado da família, mostrando um

caráter instrutivo e ensinando conhecimentos e comportamentos, a educação também foi utilizada pela burguesia para a consolidação do seu poder na sociedade e, atualmente, o processo educativo ainda apresenta algumas características semelhantes às aquelas presentes nos períodos anteriormente citados, embora haja outras, marcantes, que o distinguem da maneira como foi visto no passado.

Este processo tornou-se diferenciado a partir do momento em que deixou de se iniciar no lar - no seio familiar -, ou seja, quando passou a ser considerado como responsabilidade de uma instituição, a escola. Ao contrário do que acontecia no passado, a educação então passou a ser oferecida para todos e o ambiente escolar, a ser responsabilizado por todo o sucesso ou insucesso do aluno.

Vista sob essa óptica, a educação faz da escola apenas um caminho para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho, como pode ser observado na EJA e nos cursos de formação técnica, deixando de lado as diversas possibilidades que o aprendizado e o estabelecimento do diálogo podem criar; reduzindo a ação apenas à aquisição dos conhecimentos que serão utilizados de maneira direta e pragmática no trabalho.

Concordamos com Freire (1979), quando o autor afirma que a educação deve ser uma prioridade e que é preciso que todo o país a assuma como tal, não só no discurso, mas expressa em verbas suficientes para que o processo educativo cumpra o seu papel; quando expressa que o homem deve ser o sujeito, a parte ativa do processo, já que não possui o conhecimento completo dos acontecimentos e, portanto, o seu aprendizado é constante. Também é preciso considerar que cada grupo presente na sociedade tem suas particularidades e que os indivíduos possuem determinados conhecimentos, portanto, é necessário levar em conta e respeitar as diferenças sociais, econômicas e ambientais existentes.

Freire (1983) enfatiza, ainda, que a educação não pode e nem deve ser comparada com o que ocorre em uma empresa, visto que o paradigma desta última enfatiza apenas a eficiência e esse modo de pensar a realidade desconhece, desconsidera o ser humano. Sob tal perspectiva, o indivíduo é apenas um agente econômico, um "fator humano". Enquanto o ato empresarial orienta-se pela lógica do ganho e da eficiência somente para a aquisição de valores econômicos, o ato pedagógico se baseia na democracia. Na nossa sociedade, infelizmente, ainda é aceito o posicionamento da lógica empresarial para a educação,

evidenciado quando se observa que são naturalizadas a desigualdade e a exclusão, ao se ouvir frases, como: "É assim mesmo..." ou "Não há outra coisa a fazer".

Assim, Freire (1996) aponta a necessidade de observar a maneira como está sendo construída a subjetividade democrática e indica que a *desigualdade não é natural* (grifo nosso) e que é preciso exacerbar a nossa capacidade de questionar a realidade que se observa na sociedade. Uma concepção diferenciada de mundo, numa vertente sócioambiental, nos ajudaria a compreender melhor o funcionamento do modelo neoliberal e nos ajudaria a construir as respostas necessárias ao mesmo.

É preciso, portanto, que na relação existente entre o educador – o mediador do conhecimento - e seu educando haja a possibilidade de reflexões para que ao realizarem, juntos, as leituras da sociedade, possam desenvolver e ampliar a consciência crítica.

As características da educação, como consciência crítica, são, de acordo com Freire (1979):

[...] uma busca constante de aprofundamento para análise das situações colocadas nos diversos momentos de sua vida; percepção da realidade com suas constantes modificações; substituição e explicações de situações equivocadas por princípios autênticos, ou seja, utilização do conhecimento em sua realidade; avaliação das descobertas constantemente; questionamento e não simplesmente aceitação das diferentes situações da vida; entendimento da responsabilidade como algo coletivo e não particular, conseqüentemente, as escolhas e decisões devem ser coletivas; investigação, questionamento e pergunta, ou seja, o diálogo é tudo para o crescimento e desenvolvimento; o velho e o novo podem conviver de modo pacífico de modo que o novo mostre-se válido ou o velho demonstre a sua validade. (FREIRE, 1979. p. 40-41)

Autores como Freire (1996) e Brandão (1982) consideram que as pessoas aprendem que as maneiras de ensinar e aprender são imprescindíveis para que os grupos humanos sobrevivam, agora e através do tempo, sendo necessário criar situações em que o trabalho e a convivência sejam, também, momentos de circulação do saber. Os autores afirmam que o *Homo sapiens* vivenciou as primeiras situações em que a convivência durável e a comunicação simbólica permitiram a transferência intencional de saberes, considerados como imprescindíveis à reprodução da vida, individual e social.

Freire (1996) ressalta, ainda, a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social, pois considera a educação como um processo contínuo no qual o ato de instruir é somente uma das etapas a serem cumpridas. Segundo o pensamento do autor,

trata-se de um processo de longo prazo que precisa combater o pragmatismo e o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma sociedade crítica e, para ser libertadora, a educação precisa construir entre o educador e o educando uma verdadeira consciência histórica, o que demanda tempo e diálogo contínuo. Para o autor, estudar é alcançar uma compreensão mais exata do objeto, percebendo suas relações com outros objetos, portanto, implica que os estudiosos, educando e educador, se arrisquem; se aventurem para poderem criar e recriar. É preciso que a leitura de mundo deixe de ser ingênua e torne-se crítica.

O educador, mediando o contato de seu educando com a realidade, também passa por um processo de aprendizado, desde que se mostre humilde e permanentemente disposto a repensar o pensado, a rever suas posições, procurando envolver-se com a curiosidade dos alunos:

[...] Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer umas “intimidades” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos? (FREIRE, 1996: 30).

Para Freire (1983), o processo educativo cultural e político é o caminho pelo qual o indivíduo que foi deixado à margem da sociedade e, portanto, impossibilitado de compreender o valor da própria vida, torne-se sujeito da sua própria prática social e reconheça que, os oprimidos como ele, deixarão de ser dominados para assumirem-se como capazes de transformar as condições que recusavam sua humanidade.

Durante um ciclo de seminários que debatia o pensamento de Paulo Freire como matriz integradora de práticas educativas populares, Casali (2008) apresentou reflexões sobre a necessidade de articulação do conhecimento com o contexto dos envolvidos no ato educativo. O autor evidenciou que o pensamento crítico de Freire está organizado no entrecruzamento da radicalidade - não se trata de radicalismo, mas de empenho na busca das raízes das coisas e da História - e da totalidade - como empenho para a compreensão de cada fenômeno, processo ou problema dentro do conjunto do qual faz parte. Casali (2008) afirmou que, para Freire, como todo acontecimento é parte de um todo, sua compreensão está associada à compreensão da totalidade do qual ele é parte.

Segundo Haddad (2008), no nosso país o sistema educacional consta de Educação

Básica e Ensino Superior; a primeira inclui a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Há, também, as modalidades específicas, como a EJA, a educação profissional, a especial - para portadores de deficiências - e a escolar indígena. O Ensino Superior contempla, em geral, de quatro a seis anos de estudos, além da pós-graduação. A Educação Infantil é de responsabilidade administrativa dos municípios, enquanto competem às administrações estaduais e municipais o ensino Fundamental e Médio e ao governo federal, a quase total responsabilidade pelo Ensino Superior. Uma das maiores demandas da sociedade é a construção de um sistema nacional de educação que permita atingir toda a população com a mesma qualidade, respeitando-se as diversidades regionais e dos grupos sociais (Texto publicado no jornal *Le Monde Diplomatique*. Brasil, maio de 2008).

Haddad (2008) salienta, ainda, que a educação pública é responsável pela grande parte das matrículas da Educação Básica, respondendo pela escolarização de mais de 90% da população brasileira. No Ensino Superior ocorre o contrário, pois aproximadamente 85% estão sob o encargo da iniciativa privada. Embora nas últimas décadas tenha sido registrado um forte crescimento das matrículas no ensino primário e fundamental, este ainda é insuficiente para garantir a universalização da escola obrigatória no País.

No Brasil, a educação é gerenciada pela Lei número 9.394, de dezembro de 1996 (LDB) e no artigo 1º desta tem-se que:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Percebe-se, assim, que o processo educativo está vinculado a todos os aspectos da vida social, política e ambiental do indivíduo. No primeiro e segundo parágrafos do primeiro artigo lê-se o seguinte:

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, a qual se desenvolve predominantemente por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Percebe-se, nessas determinações, a importância de um local específico para que a educação seja desenvolvida e que esta deve estar a serviço do trabalho. O indivíduo deve ser preparado para a sua prática, para o seu desempenho na sociedade; evidencia-se, portanto, a necessidade de se preparar os alunos para o mundo do trabalho. No entanto, esse

não deve ser o fim do ato de educar e sim o meio, o caminho.

Também no artigo 2º da Lei 9.394, de dezembro de 1996, que trata dos Princípios e Fins da Educação Nacional, é considerada a preparação do aluno para o trabalho:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo a Lei, o processo educativo deve ser realizado pela escola - na figura do professor - e pela família. Entretanto, de acordo com Freire (1983), esse papel tem sido atribuído unicamente à escola, sobrecarregando a instituição escolar com o peso de uma responsabilidade que deveria ser compartilhada com a família.

Sabemos que são muitas as variáveis que influenciam o sucesso escolar. Segundo Montandon (2005), embora existam muitos trabalhos que atribuem o sucesso escolar às relações estreitas entre os pais e os professores e que mostram os benefícios destas não só para os alunos, mas para todos os envolvidos, há uma série de outros fatores presentes no contexto que afetam o processo e, portanto, é grande a complexidade do mesmo.

O artigo 3º dessa mesma Lei salienta que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola;

- De acordo com alguns autores, esse aspecto não vem sendo atendido atualmente, pois muitos dos alunos que acessam o espaço escolar, por diferentes dificuldades (desde financeiras até intelectuais), deixam as escolas. Estas, por sua vez, nada fazem para impedi-lo e, na maioria das vezes, a própria família do aluno também nada faz para evitar ou impedir sua evasão da escola.

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

Embora tal aspecto seja aparentemente respeitado, sabe-se que embora o ato educativo não seja politicamente neutro, muitos professores fazem questão de mostrar uma participação neutra nesse processo. Segundo Freire (1981), tal posicionamento limita a

percepção do aluno de que o ato educativo também é político, social e, acima de tudo, histórico.

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

Parece haver uma lacuna a ser preenchida com respeito a esse aspecto nas escolas, pois, como afirma Morin (2000), há uma constante falta de diálogo entre os professores. Dificilmente existe um espaço para o diálogo, para a troca de experiências, para a integração dos saberes dos diferentes profissionais envolvidos no processo educativo.

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

Assim como ocorre com o pluralismo de idéias, também em decorrência da freqüente escassez de diálogo entre os professores e seus alunos, esse quarto aspecto tem sido deixado de lado em diversas situações caracterizando, assim, o método tradicional de ensino no qual o educador é o detentor do conhecimento e os alunos, apenas ouvintes.

Em lugar de comunicar-se, o educador “faz comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1983: p. 58).

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Embora ambas estejam presentes na sociedade, as possibilidades de troca de experiências ou estabelecimento de parcerias entre elas, no sentido de buscar a melhoria das condições de ensino e de aprendizagem, vem sendo ignoradas. Muitas das instituições de ensino, tanto públicas como privadas, não buscam o incentivo e a participação no intuito de compartilhar experiências e gerar novos saberes.

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

Apesar do esforço investido para o oferecimento de ensino público gratuito, desde o nível básico até o superior à população, já há algum tempo evidencia-se o fato de que muitas instituições públicas de ensino superior vêm cobrando pela participação dos alunos em algumas das atividades realizadas em seus espaços, como é o caso de alguns cursos de extensão, de especialização, de atualização, de formação continuada ou de pós-graduação.

VII - valorização do profissional da educação escolar;

É imprescindível o questionamento desse aspecto. Aos profissionais da educação tem sido atribuídas pesadas cargas horárias de trabalho para que estes possam, então, completar sua jornada. Em função deste fato, muitas vezes, os professores ficam impossibilitados de poder investir em sua formação continuada; muitos desses profissionais não conseguem, por exemplo, participar de cursos de atualização considerados interessantes para a sua formação.

É claro que também deve ser levado em conta o fato de que nem sempre o professor tem interesse - ou procura - pelos cursos de atualização que lhe são oferecidos, com o real objetivo de melhorar sua formação, assim como nem todos esses cursos visam, de fato, à formação e à valorização daquele profissional. Não se pode ignorar que muitos desses cursos são procurados - ou oferecidos - unicamente com o objetivo de possibilitar que o professor “aumente sua pontuação” e, portanto, melhore suas chances na carreira profissional.

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

Esse é um aspecto que parece ter sido pouco respeitado, pois as regras impostas por hierarquias superiores limitam os professores e alunos à aceitação de situações que, muitas vezes, nada têm em comum com as necessidades e a realidade dos diversos espaços de ensino.

IX - garantia de padrão de qualidade;

Com certeza, esse nono aspecto é questionável. É sabido que em muitas das instituições escolares se tem perdido a qualidade de ensino. Tal fato tem sido atribuído - de um modo especial - à falta de interesse por parte dos alunos. No entanto, não se pode ignorar que o mesmo também ocorre com relação aos professores, às famílias dos alunos e mesmo aos órgãos governamentais e é evidente que todos estes elementos são considerados importantíssimos para que seja alcançado o sucesso do processo educativo, como está colocado no primeiro parágrafo.

X - valorização da experiência extra-escolar;

Também este é um aspecto questionável, visto que o método tradicional de ensino - ainda tão comumente presente nas escolas e que considera o conhecimento como acabado e o professor como detentor e transmissor de todo este saber - ignora que o conhecimento também se constrói com as contribuições das experiências vivenciadas pelo aluno, bem como dos aprendizados anteriores por ele acumulados e que podem ser compartilhados para a produção de novos conhecimentos. Nesse sentido, Freire (1996) afirma que no ato educativo:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença, definitivamente, de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996: 22).

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Observa-se, de uma maneira geral, a forte vinculação da educação com o trabalho. O processo educativo não coloca em primeiro plano a formação do indivíduo cidadão, crítico, participativo, mas se preocupa especialmente em prepará-lo para o trabalho. Pode-se dizer que a EJA realiza tal movimento de maneira contundente, pois a formação dos seus alunos, ou melhor, a transformação e moldagem dos mesmos visam a capacitá-los para a realização de determinadas tarefas.

Assim, o aluno não tem acesso a uma formação ampla, que lhe possibilite enxergar o trabalho como *mais um* elemento presente na sua vida e não o único que merece sua atenção; ao contrário, o que ocorre é que este parece ser o aspecto determinante levado em conta durante a sua formação.

Pochmann (2004) se expressa a esse respeito, dizendo que:

De certa forma, ampliou-se consideravelmente o processo discriminatório no interior do mercado de trabalho, sobretudo entre distintas faixas etárias (jovens e adultos), raças e gênero. Tal círculo vicioso impediu que a educação revelasse o seu potencial transformador das relações humanas e da agregação de valor à produção no Brasil. No contexto de emergência da sociedade do conhecimento, os requisitos educacionais do emprego ampliaram-se (POCHMANN, 2004: p.1).

Observa-se que a origem das políticas educacionais é encabeçada pelo Banco Mundial, um dos principais órgãos protagonistas de todo o processo chamado de “ajustes estruturais” impostos aos países de capitalismo dependente. Nessa vertente:

A educação é apenas um dos setores aos quais os agentes do grande capital, sob a hegemonia da ideologia neoliberal, estão impondo mudanças e interferindo diretamente nos rumos dessas mudanças, impondo os seus pressupostos. Para estes agentes, é pressuposto, por exemplo, que os docentes e o resto do pessoal da educação são partes do problema e não partes da solução que se busca. Em decorrência dessa percepção, as mudanças, através dos governos de plantão, são encaminhadas sem consulta ao pessoal da educação. As mudanças vêm via decretos e portarias, ou até mesmo em forma de Lei de Diretrizes Básicas desde que originária do Executivo, isto é, sem participação dos interessados diretos. A democracia, aliás, não é valor permanente e universal na ideologia neoliberal; na democracia as massas podem atrapalhar o processo de desenvolvimento (SED, 2004: 110).

Observamos que a Educação, sob essa perspectiva, não possui as características políticas tanto enfatizadas por Freire (1981).

A escola como espaço inclusivo por meio da contribuição da educação ambiental

A sociedade, ou melhor, o mundo está em constante mudança, fazendo com que sejamos frequentemente levados a conviver com novas situações. Conscientemente ou não, e segundo os nossos paradigmas, crenças ou modelos passíveis de serem modificados após momentos ou situações de crise que nos induzem a reflexões, agimos o tempo todo sobre o meio em que vivemos.

Diante desta realidade, muitas situações aparentemente contraditórias podem ocorrer em espaços relativamente curtos de tempo. Algumas pessoas, por diferentes motivos mais atentas aos acontecimentos, sentem estas mudanças de maneira quase imediata. Tem sido muito comum, por exemplo, os alunos precisarem abandonar a escola para poderem trabalhar, fato evidenciado pelo significativo aumento dos casos de evasão escolar. Esta crescente necessidade de trabalhar está certamente atrelada a outras situações, tidas como causa ou decorrência das constantes mudanças ocorridas na sociedade. Esta e outras situações que limitam ou inibem a formação dos indivíduos, impõem-lhes uma condição de exclusão social.

Segundo Mantoan (2003), atualmente a escola vive uma crise de paradigmas,

especialmente em sua base organizacional, devido ao excesso de formalismo e de racionalidade nela presentes. A autora aponta a necessidade de que esse espaço se torne um ambiente inclusivo e alega que, para tal, é preciso modificar o paradigma educacional, ou seja, o modo como o aluno é tratado.

Devem ser buscadas mudanças que permitam a inclusão das diferenças, das diversas culturas, para que a diversidade possa ser um elemento conciliador de atitudes no espaço escolar, ao contrário do que acontece atualmente, em que a diferença é encarada como problema. Para que estas mudanças se tornem possíveis e o processo de inclusão seja efetivado, é necessário ampliar o diálogo do cotidiano humano, social e cultural com as diversas áreas do saber.

É nessa perspectiva que a EA, conciliada com a EJA, possibilita a ocorrência de diálogos que acrescentam elementos diversificados, auxiliando a compreender o mundo, permitindo a constatação de que o universo do conhecimento vai além daquilo que é possível observar apenas pelo olhar científico, apesar de tal visão ser importante na formação do indivíduo, desde que contextualizado.

A exclusão está presente no espaço escolar em que tais diálogos não ocorrem e onde não existe, portanto, a integração dos saberes não oriundos do processo científico.

A exclusão pode se manifestar de diversas formas, inclusive com relação a alunos que não apresentam deficiências, mas dificuldades de outra natureza. É nesse sentido que Mantoan (2003) aponta a necessidade de integração entre os saberes, possibilitando ao aluno que o conhecimento seja utilizado para a leitura da realidade, ou seja, para a identificação, no seu cotidiano, das diversas possibilidades de aplicação do que estuda no espaço escolar.

A autora salienta que nessa busca por uma escola inclusiva urge uma releitura desta e a transformação de suas estruturas, de maneira que a soma das diferentes realidades consideradas conduzam a uma valorização do todo, do global.

De acordo com Fávero (2004), a escola inclusiva é aquela que pensa os termos integração e inclusão de maneira diferente:

No dicionário, esses dois vocábulos, inclusão e integração, têm um significado muito parecido: “adaptar”, “ser inserido”, ou “incorporar”. Entretanto, no seio dos movimentos sociais, integração e inclusão são palavras que representam crenças totalmente distintas, embora encerrem a mesma idéia, ou seja, a inserção na sociedade de pessoas que estariam

excluídas por qualquer motivo. A distinção está nos caminhos indicados para esta inserção. Tais caminhos são tão diversos, que causam reflexos até na aplicação dos dispositivos constitucionais. Na integração, a sociedade admite a existência das desigualdades sociais e, para reduzi-las, permite a incorporação de pessoas que consigam adaptar-se por méritos exclusivamente seus. Ainda, a integração pressupõe a existência de grupos distintos que podem vir a se unir. É, sem dúvida, uma evolução, se pensarmos em organizações sociais que adotam regimes de escravidão, que proíbem o acesso à escola para mulheres, para alunos com deficiência, entre outros. Já incluir significa, antes de tudo, deixar de excluir. Pressupõe que todos fazem parte de uma mesma comunidade e não de grupos distintos. Assim, para deixar de excluir, a inclusão exige que o Poder Público e a sociedade em geral ofereçam as condições necessárias para acolher as especificidades de todos. Portanto, diferentemente da integração, não se espera a inserção apenas daquele que consegue adaptar-se, mas garante a adoção de ações para evitar a exclusão de qualquer pessoa (FÁVERO, 2004: 1).

No ambiente escolar, o ato de integrar tem sido entendido de diversas maneiras e esse movimento possibilita ao aluno o acesso à aprendizagem de maneira totalizada e mais participativa. Segundo Fávero (2004), no processo de inclusão esse movimento é mais radical, completo e sistemático, e requer, portanto, uma mudança de paradigma.

Nesse sentido, na escola em que as necessidades são atendidas sem discriminação, a perspectiva de ensino será benéfica para todos os alunos, já que cada sujeito será beneficiado dentro de sua dificuldade e com respeito às suas particularidades. Em outras palavras, o aluno que deixou o espaço escolar por dificuldades financeiras ou cognitivas, entre outras, terá a possibilidade de se integrar à realidade social em busca de seus direitos. Mantoan (1998) fala sobre como esse processo pode ser mais inclusivo na medida em que “as crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado”.

A escola brasileira possui várias pessoas que estão à margem dos processos de ensino-aprendizagem, como é o caso dos alunos que, por algum motivo, tiveram que desistir de estudar. No entanto, ainda são pouco significativas as mudanças sugeridas para que esse quadro venha a ser alterado; essa é a razão pela qual esse fracasso continua sendo atribuído ao aluno, já que o espaço escolar reluta em perceber sua responsabilidade por essa derrota, ou seja, de que esta é responsabilidade também do educador.

Dentre os aspectos que considera importantes para a escola inclusiva, Mantoan (2003) ressalta o entendimento de alguns termos como tolerância e respeito, por exemplo, pois, dependendo da conotação dos mesmos, estes podem gerar análises inadequadas em

diferentes contextos. A tolerância pode ser um sentimento de superioridade para com aquele que é tolerado e o respeito pode ser visto como consequência da interpretação generalista de determinada situação que, nesse contexto, não pode ser modificada, ou seja, a aceitação de uma determinada condição permanente.

O aluno deveria poder fazer valer o seu direito de aprendizagem, garantido por lei e, para tanto, seria necessário eliminar as dificuldades estruturais da escola. Geraldi (1998) alega que isto seria possível por meio da valorização do processo de comunicação entre os participantes de um episódio de ensino-aprendizagem, produzindo alunos mais capazes, que aprenderam mais significativamente os conteúdos trabalhados. É importante que nesse processo, portanto, haja a participação efetiva dos educadores e também dos alunos. Assim, a EA pode ser, sim, um dos elementos norteadores para as práticas educativas.

As questões de mudança de paradigma nas nossas políticas educacionais têm sido equivocadas, pois não tem levado a sério as necessidades da educação. Existe, inclusive, um distanciamento entre o que é planejado e o que é efetivado e, de um modo geral, essa distância é enorme, visto que nem sempre tudo o que é planejado e escrito precisa ou deve ser colocado em prática.

Neste sentido, nossas políticas deveriam buscar uma conciliação entre o que está no papel e o que pode ser colocado em prática. Se a EA, segundo a lei, deve ser objeto de estudo em todos os níveis de ensino, esta deveria estar presente também na EJA, mas como já foi salientado neste caso também há um distanciamento entre o que consta na lei e o que é praticado no ambiente escolar.

Um outro fator importante que afeta o processo de inclusão é a forma ultrapassada de estruturação da escola, que limita o aprendizado na medida em que os alunos são obrigados a aprender um determinado conteúdo de modo fragmentado e desconectado da sua realidade; nesse contexto, o professor é considerado como o detentor de um conhecimento absoluto e imutável e, dessa maneira, a inclusão é realizada inadequadamente, pois coloca todos os alunos sob uma mesma condição, sem levar em conta e respeitar as diferenças existentes entre eles.

Conhecendo os argumentos utilizados para explicar a exclusão, é possível enfrentá-la. Como o aluno ideal é o que serve de foco para o desenvolvimento de determinados métodos inclusivos, muitos métodos de ensino acabam não gerando resultados, visto que no

cotidiano não lidamos com o aluno ideal, mas com o aluno real.

Levando em conta o contexto descrito anteriormente, como a prática da EA possibilitaria a inclusão mais efetiva do indivíduo na sociedade?

Para que um espaço escolar seja considerado inclusivo, este deve apresentar determinadas características essenciais, por exemplo: garantir o acesso e a continuidade dos estudos a todos os alunos que nele ingressem, independente desse acesso ser tardio, como ocorre com os alunos do EJA; buscar um ensino mais humano e democrático, utilizando as diferenças como algo positivo no processo de ensino; submeter-se a algumas reestruturações no que se refere ao ensino e à avaliação.

As modificações necessárias serão possíveis na medida em que ocorrerem recriações do modelo educativo, ou seja, na medida em que forem fomentadas as mudanças para que a inclusão seja realizada de modo a superar o sistema tradicional de ensino.

Uma escola que possibilita a inclusão, tendo a EA como elemento norteador desse processo, facilita a aproximação dos alunos entre si e, se realizado de maneira coletiva, o trabalho em sala de aula contribuirá para o desenvolvimento de comportamentos cooperativos.

Vinculadas a este aspecto da EA, é possível que as diferentes disciplinas tratem seus conhecimentos específicos como caminhos para que os alunos possam entender seu mundo e as pessoas que lhes são próximas, tornando parceiras no projeto escolar, inclusive, suas famílias e a comunidade.

Acredita-se que a educação inclusiva assim conduzida possibilitaria a formação de cidadãos críticos e responsáveis pelos seus atos perante a sociedade. A temática da EA estaria permeada pelos conhecimentos das diversas áreas, o que favoreceria um diálogo enriquecedor no qual as questões ambientais seriam o pano de fundo das várias questões sociais presentes no cotidiano dos alunos que buscam sua inclusão na sociedade.

Neste sentido, a intenção desse estudo foi buscar possíveis respostas para a seguinte questão: Quais as contribuições da EA na atuação dos professores que atuam na EJA - mais especificamente naquela praticada em escolas localizadas na região do centro expandido da cidade de São Paulo – no sentido de lhes facilitar o processo de inserção dos seus alunos na sociedade?

A Educação Ambiental

As relações existentes entre o homem e a natureza tem sido constante motivo para questionamentos e, nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) é considerada como possibilidade de conhecimento e compreensão dos problemas ambientais em seus diversos aspectos, bem como de busca de possíveis soluções para os mesmos.

Para alcançar tais metas, a EA deve apresentar um caráter interdisciplinar e possibilitar a formação de cidadãos capazes de atuar de maneira efetiva, crítica e responsável numa perspectiva socioambiental. Neste sentido é que Tristão (2004) ressaltou a crescente necessidade de se perceber a EA como um conhecimento em construção, que requer o fortalecimento de olhares integradores que centrassem o debate sobre as diferenças existentes no diálogo das relações do homem com a da natureza.

Há autores como Odum (1988) que, já na década de 1980, conduziam estudos sobre as relações dos organismos com o seu ambiente, mostrando que na história da humanidade, desde muito cedo, tais relações se estabeleceram, pois eram necessárias à sobrevivência das civilizações primitivas, assim como o são para as civilizações atuais.

Para aquele autor as mudanças ambientais ocorreram já no início das civilizações e a partir de então se estabeleceu o processo de constante utilização dos recursos naturais pelo homem, evidenciando a maneira como este olhava para a natureza e a relação que já se estabelecia entre os seres humanos e a mesma.

Sob as influências do atual modelo de civilização, o homem desvinculou-se do ambiente; não havia preocupação em conhecer os mais simples processos nele presentes. Esse desconhecimento e distanciamento foram determinantes, também, da grande dificuldade de percepção, por parte do homem, de que cada atitude ou ação humana causa um efeito no ambiente, natural ou construído (VASCONCELLOS, 1997), e que os riscos decorrentes dessas ações, segundo Tristão (2004), são independentes da cultura, etnia, raça ou classe social.

Assim, não se sentindo parte integrante do ambiente, o ser humano não percebe os efeitos de suas atitudes, e se os percebe não os avalia; daí vem a dificuldade encontrada para levá-lo a modificar suas escolhas, o seu modo de vida. A autora salienta que no Brasil as atitudes irresponsáveis para com o ambiente são um dos fatores determinantes do processo de exclusão social dos indivíduos:

As consequências dos problemas ambientais, pela inserção das novas tecnologias e das organizações sociais e de desenvolvimento, atingem a todos, mesmo em países com carência de tecnologia, como o Brasil. Daí as diferenças sociais são marcantes. Além disso, vivemos tempos difíceis. Parece que aprendemos a conviver naturalmente com a exclusão social (TRISTÃO, 2004: 30).

Além dessa observação com respeito às novas tecnologias, também se considera que o conhecimento oferecido e adquirido pelos alunos durante a sua formação, inclusive na EJA, na qual a dimensão pragmática do ensino é exacerbada, impossibilita que os sujeitos busquem mais do que simplesmente o trabalho para o qual os mesmos foram modelados no espaço escolar, embora este não devesse ser o principal ou o único objetivo do ato educativo.

É preciso levar em conta que a relação do trabalho humano com o meio resulta no dinamismo característico da sociedade, visto que o homem também se modifica na medida em que atua sobre o meio e nele provoca mudanças durante o processo de construção de sua cultura, o que faz através do seu trabalho. O excerto apresentado a seguir ilustra esta prerrogativa.

Antes de tudo, o trabalho é um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços, pernas, cabeça e mão, a fim de sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1988: 142).

Observa-se na nossa sociedade que a vinculação do natural aos valores de um modo geral associados ao consumismo tornou-se um valioso artifício utilizado para aumentar o comércio de produtos. De acordo com Tristão (2004), até o aumento do consumo de muitos dos produtos comercializados está vinculado ao uso do termo “natural”, pois, um produto assim classificado é, invariavelmente, considerado pelo consumidor como sendo mais saudável, inofensivo, adequado.

O ambiente vem sendo submetido a modificações constantes e essas fazem surgir importantes questionamentos, visto que as leis naturais não foram revogadas e que há, ainda, uma grande e reconhecida dependência da civilização em relação ao ambiente natural, já que existe a necessidade de utilização dos seus recursos, seja como fonte de energia, para a produção de bens de consumo e, é claro, para a manutenção da vida. Essas

constatações têm feito crescer no homem o interesse pela busca de um modo mais adequado de vida, levando-o a preocupar-se com a preservação e a melhoria ambiental.

Segundo Loureiro (1996a), os movimentos ambientais que aconteceram no Brasil na década de 1960 tiveram um importante papel na instrumentalização dos processos de sensibilização e conscientização dos indivíduos diante das questões ambientais. A EA surgiu, então, trazendo questionamentos incisivos à civilização moderna, quando novos atores sociais ganharam espaço no debate público, nos movimentos estudantis, pacifistas e antinuclear, bem como nos movimentos feminista, de contracultura e de defesa dos direitos humanos, entre outros.

Como afirma Loureiro (2004), esses movimentos consolidaram os questionamentos sobre a concentração urbana e o comprometimento da qualidade de vida nas grandes cidades, não planejadas, bem como sobre a poluição e o modelo de produção e consumo, propondo ações políticas entre os diferentes movimentos sociais, visando à ruptura com a sociedade industrial capitalista.

Segundo aquele autor, a EA nasceu no Brasil como um processo educativo que objetivava conduzir a um saber ambiental relacionado aos valores éticos e às regras políticas de convívio social e de mercado, implicando a questão de distribuição dos benefícios e prejuízos decorrentes da apropriação e do uso da natureza.

Expressando-se sobre a EA, Carvalho (2004) afirma que esta deve ser voltada para a cidadania participativa, buscando a compreensão e a superação das causas dos problemas ambientais. Para a autora, este é um processo que visa à construção de uma cultura ecológica, na qual se compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas, não sendo mais possível, neste contexto, pensar as decisões governamentais e as civis de forma separada.

Colocando-se a respeito dessa citada cidadania, Spink (1994) afirma que:

A cidadania que aqui se discute é, também ela, multiplicidade: elementos históricos, determinações estruturais, subjetividade e até mesmo prenúncio de uma ruptura iminente de episteme que leva a ampliar o conceito para incluir aí não mais apenas os direitos construídos à luz das teorias da igualdade, como também a integração criativa da diferença, da ética e até mesmo ou, sobretudo, da felicidade (SPINK, 1994: 9-10).

As diretrizes, que estão presentes na Política Nacional de Educação Ambiental, definida no Brasil pela Lei Federal N. 9.795, de 27 de abril de 1999, trazem orientações

quanto aos princípios, objetivos, linhas de atuação e estratégias para implantação da EA. Segundo Pedrini (1997), essa EA passou e ainda vem passando por dificuldades para a sua implantação e para o seu desenvolvimento, tanto no ensino formal como no não-formal e a este respeito Tristão (2004) observa que:

...A necessidade de se incrementar os meios e a acessibilidade à informação, bem como o papel indutivo do Poder Público nos conteúdos educacionais e informativos de sua oferta, como caminhos possíveis para alterar o quadro atual de degradação socioambiental. Trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de a população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental (TRISTÃO, 2004: 19).

Sob uma óptica semelhante, Tozoni-Reis (2004) salienta que no Brasil a EA adquiriu um caráter político, caracterizado por uma constante busca de formação de uma cidadania participativa; o que está explícito no excerto de Reigota (2008), apresentado a seguir:

A consolidação da cidadania é uma das características mais visíveis e aglutinadoras da Educação Ambiental brasileira. [...] É possível afirmar que o que distingue a Educação Ambiental brasileira é a sua (inerente) perspectiva política. O seu processo de legitimação na sociedade de forma geral e nos espaços de produção e validação científica em particular tem sido tema de pesquisas e o sentimento de pertencimento a um movimento pedagógico e político é reconhecido entre os(as) educadores(as) ambientais. (REIGOTA, 2008: 20).

As questões abordadas constituem-se elementos importantes para a compreensão da relação homem - natureza e não do homem x natureza. A EA pode ser considerada como um processo individual e coletivo, para o qual Tanner (1978) já apontava, há duas décadas, a necessidade de se fixar um objetivo central: a manutenção, para as gerações futuras, das condições de sobrevivência no planeta. No entanto, nem o fato de ter este objetivo tão claramente definido tem facilitado a divulgação da EA.

De acordo com a definição da UNESCO (1987), a EA é um processo permanente, pelo qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais.

Essa definição nos leva a crer que "os objetivos da Educação Ambiental estão diretamente relacionados com as mudanças de valores e de atitudes, as quais necessariamente devem passar por reflexões a respeito da visão do ser humano sobre si mesmo, sobre seu ambiente e sobre as relações entre o ambiente humano construído e o natural" (TEIXEIRA, 2000: 71).

Há, portanto, muitas maneiras de se definir conceitualmente a EA, mas foi o conceito apresentado por Loureiro - e citado em Layrargues (2004a), presente no texto que se segue - que orientou a nossa pesquisa sobre a EA na EJA.

Educação Ambiental é um vocábulo composto por um substantivo e um adjetivo que envolvem, respectivamente, o campo da Educação e o campo Ambiental. Enquanto o substantivo Educação confere a essência do vocábulo "Educação Ambiental", definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a esta prática educativa, o adjetivo Ambiental anuncia o contexto desta prática educativa, ou seja, o enquadramento motivador da ação pedagógica. O adjetivo ambiental designa uma classe de características que qualificam essa prática educativa, diante desta crise ambiental que ora o mundo vivencia. Entre essas características, está o reconhecimento de que a Educação tradicionalmente tem sido não sustentável, tal quais os demais sistemas sociais, e que para permitir a transição societária rumo à sustentabilidade, precisa ser reformulada (LAYRARGUES, 2004: 7).

Esse modo de pensar a EA possibilita incorporar a perspectiva dos sujeitos sociais e estabelecer uma prática pedagógica contextualizada e crítica, que explicita os problemas estruturais de nossa sociedade, tais como as reais causas do baixo padrão de qualidade de vida que temos e a utilização do patrimônio natural como uma mercadoria.

Essa visão de EA como elemento para a formação de sujeitos que estabeleçam uma forma diferenciada de relacionar-se com o ambiente, segundo Tristão (2004), indica que devemos buscar um novo cidadão e, assim, os constituintes dos grupos sociais hoje vulneráveis deverão ser preparados para atuar - individual e coletivamente, no sentido de ampliar a cidadania e consolidar a democracia - intervindo no funcionamento excludente e desigual das economias capitalistas.

De acordo com Gould (2004), quando forem estabelecidos novos padrões culturais, cujos valores nos propiciem repensarmo-nos na natureza e nos realizarmos em sociedade, haverá a possibilidade de se inverter o processo de exclusão social e de degradação das bases vitais do nosso planeta.

No entanto, existem várias concepções ou tendências de EA no Brasil e, segundo Tozoni-Reis (2004), estas são decorrentes das influências das diferentes trajetórias acadêmico-profissionais traçadas pelos professores que as manifestam em suas práticas. A autora as classifica como: natural, racional e histórica. Na tendência denominada natural, a EA é vista como um processo de reintegração do homem à natureza; trata-se da busca de uma adaptação do homem à sociedade, no sentido de que este passe a agir para a preservação daquilo que é considerado natural. Como cita a autora:

A tendência natural representa a relação homem-natureza pela idéia de que a posição do homem no ambiente é definida pela própria natureza e de que a educação, em particular a ambiental, tem como função reintegrar o homem à natureza e, por consequência, adaptá-lo à sociedade. (...) o discurso ambiental aparece então carregado de ideologia; a ideologia da natureza natural como conteúdo educativo - ideológico - da Educação Ambiental (TOZONI-REIS, 2004: 97).

Na tendência racional predomina uma relação mecânica da natureza com o homem, ou seja, os conhecimentos sobre a temática ambiental são transmitidos e incorporados sem que se faça uma leitura crítica do que está sendo discutido. Nesse contexto, a tendência racional se expressa:

Pela idéia de que a relação homem-natureza é definida pela razão (DESCARTES, 1999) e a educação tem como função preparar o indivíduo para a vida em sociedade. (...) Aqui já não é mais a natureza natural que ocupa a centralidade da vida social, mas a ciência empírica, mecânica, positiva, racional e cartesiana. Esta concepção de relação homem-natureza racional e dominadora tem consequências para a formação dos educadores ambientais. A educação, de prática social construída e construtora da humanidade, fica reduzida à função de, por um lado transmitir os conhecimentos técnico-científicos que definem as relações homem-natureza e homem-homem e, por outro, de desenvolver formas eficientes de garantir essa transmissão (TOZONI-REIS, 2004: 98).

De acordo com Tristão (2004), essa tendência racional vem sendo atualmente rompida devido à transição do paradigma de uma visão newtoniana, cartesiana e mecanicista para uma visão sistêmica e ambiental.

A EA denominada histórica considera os aspectos históricos e sociais das relações do homem com o seu meio e, sob essa perspectiva, adquire características socioambientais, ou seja, o ser humano passa a ser considerado de forma contextualizada. Segundo Tozoni-Reis (2004):

Esta concepção implica, na área ambiental, considerar a perspectiva histórica para a compreensão tanto da crise ambiental atual quanto de sua superação. Assim, a história da organização das relações sociais define a relação homem-natureza e as relações entre os homens; o ponto de partida dessas relações é a intencionalidade. (...) Esta concepção de relação homem-natureza, definida pela história das relações e práticas sociais, tem consequências para a formação dos educadores ambientais. A educação é construída no interior das relações sociais concretas de produção da vida social, assim como contribui para a construção dessas relações sociais. As implicações filosófico-políticas dessas afirmações dizem respeito à ampliação dos processos educativos na perspectiva da formação humana plena (MANACORDA, 1991; entre outros), isto é, na perspectiva de superação radical da alienação, da exploração do homem pelo homem e da exploração da natureza pelos seres humanos (TOZONI-REIS, 2004: 99).

Penteado (1995), bem como outros autores, destacou que a EA pode ser trabalhada de diversos modos e que aquela desenvolvida no espaço escolar é de certa forma especial, já que aquele é um local que se mostra adequado para a sua realização em um processo ativo de ensino e aprendizagem. Esta autora ainda enfatiza que a superação dos problemas ambientais dependerá da formação de comportamentos críticos e criativos, da consciência ambiental e do exercício da cidadania.

Se conduzido sob essa perspectiva, o processo educativo poderá tornar-se realmente envolvido com a proposta de sustentabilidade e alcançar as metas da EA, como afirma lembra Tristão (2004) no excerto apresentado a seguir:

Um processo educativo comprometido com a sustentabilidade e com a participação pode formar cidadãos capazes de entender e de conduzir bem essa transição. A Educação Ambiental desponta como possibilidade de reencantamento, abre possibilidades de novos conhecimentos, de introdução de novas metáforas pela sua condição de diálogo e de convergência de várias áreas do saber (TRISTÃO, 2004: 25).

Jacobi (2005) também, referindo-se à necessidade de se promover um novo tipo de desenvolvimento - o desenvolvimento sustentável – destaca que, neste sentido, a EA assume cada vez mais uma função transformadora, em um processo no qual a co-responsabilização dos indivíduos é um objetivo essencial a ser alcançado.

O autor destaca que neste processo o educador exerce a função de mediador na construção de referenciais ambientais e deve saber usá-los como instrumentos para o desenvolvimento de uma nova prática social, centrada no conceito da natureza.

Ainda no âmbito dessa discussão, Carvalho (2001) salienta que não se deve restringir

a educação ao campo da mudança de comportamento, até porque este se trata de um processo de duração e resultados imprevisíveis. A educação quer transformar a realidade, mas se esta é entendida como uma soma de comportamentos individuais, o processo educativo será limitado, restrito ao condicionamento, ao adestramento, ao treinamento.

É preciso levar em conta que estes comportamentos individuais, mesmo sendo adequados, desejáveis, quando considerados como partes de um todo - representado por toda uma comunidade e, conseqüentemente, por um comportamento final e muito mais complexo - poderão mostrar efeitos muitas vezes bem diferentes daqueles esperados inicialmente. Esse é, portanto, um cuidado que os educadores ambientais e os professores devem ter claros em suas práticas educativas.

Neste sentido, Loureiro (1996b) critica a EA que considera o ser humano como um ser passivo, determinado por uma esfera ideal - que realiza a negação do sujeito histórico, com características particulares que devem ser levadas em consideração – visto que na opinião do autor, da qual compartilhamos, deve haver coerência e superação da prática moralista quando se realiza a EA.

[...] não tem nenhum sentido pensarmos na inserção da Educação Ambiental na escola sem integrá-la plena e concretamente ao currículo escolar. A proposta ingênua e imobilista da inserção da temática ambiental como atividade extracurricular esvazia de importância essa temática e não contribui para a formação, plena e reflexiva, de sujeitos ambientalmente comprometidos e responsáveis pela construção de relações socioambientais socialmente justas e ecologicamente equilibradas, como expresso no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1995), um dos mais importantes documentos internacionais que orientam a Educação Ambiental (LOUREIRO, 2008: 49).

Na página 1 do tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global lê-se:

Consideramos que a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação, da degradação humana e ambiental e da violência, podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, que se baseia em superprodução e superconsumo para uns e em subconsumo e falta de condições para produzir por parte da grande maioria.

Assim, nesta perspectiva da EA crítica, evidencia-se a importância da manifestação de Freitas (2009), quando esta se expressa sobre a EA na EJA, afirmando que tal processo

oportuniza possibilidades de criação de um campo conceitual com uma diversidade de valores. A autora enfatizou em seu trabalho a importância do diálogo entre a EA e a EJA, considerando esses dois processos como campos educativos que se complementam nas necessidades dos sujeitos que dela fazem parte.

De acordo com a autora:

A aproximação do conteúdo programático das diferentes disciplinas à realidade vivenciada, contemplando a Educação Ambiental como tema transversal, exige estudo e pesquisa, exige dedicação e empenho, exige compromisso político e ético com a educação e, acima de tudo, exige crença na educação, conforme diz Freire (1996), como uma possibilidade de transformação e de intervenção no mundo (FREITAS, 2009: 10).

Podemos dizer que os dois processos educativos - a EA e a EJA - estão inseridos em um espaço educacional possibilitado pelas relações sociais capitalistas. Os alunos da classe trabalhadora buscam na EJA, na maioria das vezes, uma adequação para o mercado de trabalho, procurando adaptarem-se ao mesmo. No entanto, existem aqueles que, não querendo ajustar-se à realidade do mercado, buscam na EJA o conhecimento que lhes possibilite superar a dominação, construindo alternativas sociais emancipatórias, o que se apresenta como uma das metas da EA crítica, transformadora.

A educação de jovens e adultos (EJA) na sociedade Brasileira

A EJA, na nossa sociedade, vem ocorrendo desde a época do Brasil Colônia, quando a educação estava baseada na catequização dos índios e na manipulação da sociedade dominada pela coroa portuguesa (CUNHA, 1999). Essa autora salienta, no entanto, que referências mais concretas sobre o ensino noturno destinado à população adulta, são encontradas em um relatório que foi apresentado pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, no qual este afirmava haver cerca de 200 mil alunos cursando a escola, em 1876; esta foi a então chamada educação popular.

No entanto, essa educação não recebeu grandes investimentos até aproximadamente 25 anos de regime republicano e, por volta de 1882, com a criação da Lei Saraiva - incorporada à Constituição Federal de 1891 - estudar passou a ser um pré-requisito para que o indivíduo obtivesse ascensão social. Com relação a essa Lei Saraiva, Amaral (1998) tece o seguinte comentário:

[...] Restringirá o voto ao analfabeto, alistando somente os eleitores e

candidatos que dominarem as técnicas de leitura e escrita e não somente pelo critério de renda como ocorria anteriormente. Dessa forma, esta decisão beneficiava apenas setores médios emergentes que pressionavam por participar do poder e que tinham na instrução um instrumento de ascensão social e política, associando o analfabetismo à incapacidade e à incompetência (AMARAL 1998: 89).

No Brasil, o movimento de alfabetização sofreu perseguições durante o período militar (1964-1985). Naquela ocasião, os participantes do movimento foram inicialmente perseguidos e reprimidos pelos órgãos do Governo Federal que, em 1967, autorizou a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Segundo Almeida (2007), um dos *slogans* da ditadura militar era a erradicação do analfabetismo e o pioneiro nessa empreitada foi o MOBRAL, embora as tentativas não tivessem obtido o sucesso desejado, já que o analfabetismo perdurou como um mal endêmico na sociedade brasileira. Estava evidente, portanto, a necessidade que a sociedade Brasileira possuía - e ainda possui – de uma educação voltada para jovens e adultos.

Naquele período, segundo Soares (1996), o fracasso de diversos métodos de alfabetização adotados para a população adulta ocorreu, dentre outros motivos, em função das precárias condições de funcionamento das aulas, da baixa frequência e do mau aproveitamento dos alunos, bem como da inadequada remuneração e desqualificação dos professores.

Também durante o governo militar foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N. 5.692/71, como um movimento que, baseado no pensamento Freireano e nos movimentos de cultura popular, culminou com a implantação do Ensino Supletivo, ampliando, assim, o direito à escolarização daqueles que por diversos motivos não haviam freqüentado a escola durante a infância e a adolescência.

Esta Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que considerava o caráter supletivo da educação de jovens e adultos - excluindo as demais modalidades - e que apresentava objetivos semelhantes aos do MOBRAL, no que dizia respeito à profissionalização para o mercado de trabalho e à visão da leitura e da escrita apenas como decodificação de signos - desconsiderava as contradições do sistema no qual estava imersa a sociedade.

O MOBRAL, no ano de 1985, foi finalizado e substituído pela Fundação Educar, que objetivava a erradicação total do analfabetismo e, principalmente, a preparação da mão-de-obra necessária aos interesses capitalistas, abrindo mão, pois, de executar diretamente os

programas e passando a apoiar, financeira e tecnicamente, as iniciativas de governos, entidades civis e empresas conveniadas.

Apresentando reflexões sobre a educação, GUIMARÃES (2009) considera que a escola e o trabalho são dimensões muito importantes para os jovens, visto que lhes possibilitam sua inserção no mundo adulto e no cenário de constituição de um futuro. A este respeito Sposito (2007) também se expressa:

A preocupação no presente, com o tempo futuro, diz respeito, também, aos modos possíveis de inserção na vida adulta, sobretudo na chave de conclusão da escolaridade. O trabalho aparece como categoria mediadora dos dois tempos: possibilita para muitos uma experiência mais rica no presente e garante, também, os mecanismos básicos para a transição, pois, além do projeto de constituição da própria família, ele entra como fator para a conclusão em bons termos da própria trajetória escolar, assegurando um futuro. (SPOSITO, 2007: 35).

No entanto, não podemos nos esquecer que o êxito desse processo educativo está intimamente associado à atuação do professor. Em Freire (2006) podemos ler sobre as exigências da realidade quanto à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras atuantes na educação popular, bem como sobre a necessidade de associar os conteúdos a serem ensinados, ao cotidiano dos alunos:

Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade (FREIRE, 2008: 15).

Freire (1999) também ressalta que os conceitos de alfabetização e educação estão muito próximos, para não dizer que se confundem, e que a maneira como o educador exerce seu papel é fundamental para que os processos ocorram de maneira satisfatória.

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe os meios com os quais possa se alfabetizar. Vale dizer que o homem, como sujeito e não como objeto de sua educação, tem um compromisso com sua realidade e nela deve intervir cada vez mais (FREIRE, 1999: 119).

No início da década de 1980, Ferreiro (1985) desenvolveu um método que buscava ir além do processo de silabação na alfabetização. Alguns estudos, realizados pela autora com adultos analfabetos, apontaram que estes, assim como as crianças, possuem uma série de informações e hipóteses sobre a escrita, que são desprezadas pelo ambiente escolar, o que resulta em graves perdas para o processo de ensino-aprendizagem que ocorre durante a alfabetização.

Na perspectiva da alfabetização como caminho para a inserção do aluno, Cunha (1999) salienta que um dos significativos desafios da EJA – na década de 1990 – foi buscar uma política e procedimentos que objetivassem garantir aos adultos analfabetos e aos jovens - que tiveram passagens fracassadas pelas escolas - o acesso à cultura letrada, possibilitando-lhes uma participação mais ativa no universo profissional, político e cultural.

O caminho torna-se mais tortuoso quando se considera que o acesso à cultura erudita não significa, em qualquer hipótese, ignorar ou esquecer a cultura e os saberes que os jovens e adultos trazem acumulados durante suas experiências de vida.

Gadotti e Romão (1991) ressaltam que algumas atitudes foram modificadas no Brasil, após a “Conferência Mundial sobre a Educação para Todos”, realizada em Jomtien (Tailândia), quando ficou estabelecido que:

A alfabetização de Jovens e Adultos seria uma primeira etapa da educação básica. Ela consagrou, assim, a idéia de que a alfabetização não pode ser separada da pós-alfabetização, isto é, separar as necessidades básicas de aprendizagem. (GADOTTI e ROMÃO, 1991:34).

Apesar das tentativas feitas anteriormente, apenas com a nova LDB - Lei N. 9.394/96 - nos seus artigos 37 e 38, é que passaram a ser consideradas as várias modalidades de EJA e uma melhor adequação desta às novas necessidades sociais. Entre algumas das modificações significativas que ocorreram, encontramos as seguintes:

A redução da idade mínima (15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio) com um atraso de pelo menos 80 anos em relação à divulgação das pesquisas do IBGE de 1910, suprime referências ao ensino profissionalizante atrelado ao EJA. Criando um capítulo único, capítulo 07, para esta modalidade, defendendo o uso de didática apropriada às características do alunado, condições de vida e trabalho, incentivando a aplicação de projetos especiais que proporcionem o alcance dos objetivos desejados (BRASIL, 1996).

A EJA, denominação recente, busca a adequação à atual realidade da sociedade brasileira, na qual se evidencia a necessidade de diversos ajustes estruturais com respeito aos professores, alunos e escolas, para que esse ensino possa, de fato, universalizar a educação básica como um compromisso com o desenvolvimento humano, social, político, econômico, cultural e ético da Nação, como está colocado nos documentos oficiais:

Os déficits do atendimento no ensino fundamental resultaram, ao longo dos anos, num grande número de jovens e adultos que não tiveram acesso ou não lograram terminar o ensino fundamental obrigatório. Embora tenha havido progresso com relação a essa questão, o número de analfabetos é ainda excessivo e envergonha o país: atinge 16 milhões de brasileiros maiores de 15 anos. O analfabetismo está intimamente associado às taxas de escolarização e ao número de crianças fora da escola (BRASIL, 2000: 103).

A EJA é, portanto, uma prioridade na sociedade brasileira, já que a população sofre com a exclusão devida a falta de formação escolar dos indivíduos e ao abandono dos estudos em virtude de diversas dificuldades, sobretudo as econômicas (necessidade de ingressar precocemente no mundo do trabalho), cognitivas (dificuldades para o aprendizado) e aquelas decorrentes da falta de interesse e de estímulo por parte das famílias dos alunos e da escola.

No excerto apresentado a seguir, é sinalizado um dos fatores que tornam a EJA indispensável à diminuição do processo exclusivo que ocorre na sociedade e ao desenvolvimento do Brasil.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2007, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que 14 milhões de analfabetos vivem hoje no país. O contingente representa 10% da população com mais de 15 anos. Se em 15 anos o percentual de pessoas que não sabem ler e escrever caiu de 17,2%, em 1992, para 9,9%, em 2007, nos últimos anos o ritmo de queda está praticamente estagnado. De 2005 para 2006, a redução foi de 0,7% e de 2006 para 2007, de 0,4%. (IBGE, 2008: 1)

No contexto atual pode-se perceber a importância e a necessidade da EJA não apenas para o Brasil, mas também para outros países da América Latina. A EJA tem na alfabetização apenas o primeiro momento do aprendizado que possibilita a inserção dos alunos, portanto, é necessário possibilitar aos indivíduos a continuidade dos seus estudos, a fim de que venham a atuar na sociedade de maneira mais ativa e consciente.

Considerando a importância da EJA para a sociedade, Andrade (2004) se expressa:

A Educação de Jovens e Adultos abarca, em linhas gerais, processos formativos de natureza diversa, cuja efetivação se dá a partir da interação de uma variedade de atores, envolvendo, de um lado, o Estado, as organizações da sociedade civil e o setor privado. Entre outros, e, de outro, uma gama de sujeitos tão diversificada e extensa quanto são os representantes das camadas mais empobrecidas da população (negros, jovens, idosos, trabalhadores, populações rurais etc.). Estamos falando de trabalhadores e não-trabalhadores; das diversas juventudes; das populações das regiões metropolitanas e rurais; dos internos penitenciários, contingentes esses que, em sua grande maioria, são formados por jovens; afrodescendentes; como também portadores de necessidades especiais, entre outros (ANDRADE, 2004:1).

Uma das dificuldades detectadas pelo MEC (2009), nas pesquisas realizadas sobre a EJA, está relacionada à necessidade de formação de professores para trabalhar nesse processo de alfabetização, a fim de que seja alcançado o sucesso desejado e, a esse respeito, Cunha (1999) também se coloca:

Ressalte-se que a dificuldade de efetivação da educação de jovens e adultos dentro de um padrão de qualidade está mais na questão metodológica. Aí se incluindo o problema de formação inicial e continuada dos professores e a falta de material didático-pedagógico adequado, do que nos objetivos do ensino, uma vez que estes são propostos segundo o nível e, portanto, abstraídos da clientela a que se destinam (CUNHA, 1999: 16).

O MEC lançou um edital para que as universidades elaborassem propostas de cursos de formação continuada para os professores e estes deveriam ter se iniciado em 2009. No entanto, parece que até o momento esse processo de formação ainda não se iniciou.

A EJA, inicialmente, foi dirigida à população analfabeta com idade entre 15 e 30 anos. Nesse processo, o homem era o objeto e não o sujeito do ato educativo. O objetivo era a atuação em "alfabetização funcional", que buscava a valorização do homem pela obtenção de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo, pelo aperfeiçoamento dos processos de vida e trabalho e pela integração social, reajustando-o à família, à comunidade local e à pátria.

De acordo com Gadotti (2008), nas perspectivas atuais da EJA existem duas tendências. Uma delas não admite o Estado como parceiro dessa modalidade de ensino; a outra aponta para a colaboração entre o Estado, a igreja, o setor privado e a sociedade civil, entre outros segmentos. Ainda com respeito à EJA, o autor salienta que a maioria dos

sujeitos que por ela procura é constituída de jovens trabalhadores que lutam para superar as condições precárias de vida – e relativas a moradia, saúde, alimentação, transporte e emprego - que estão na raiz do analfabetismo.

Diante dessa perspectiva, é de competência dos sistemas de ensino, fruindo da autonomia e iniciativa próprias, a elaboração de propostas pedagógicas concretas - por meio da análise da proposta curricular – que possam gerar programas que extrapolem os limites das práticas convencionais. O estabelecimento de parcerias e a cooperação entre instituições locais poderão atribuir um maior significado ao ato educativo, inclusive oferecendo oportunidades para a concretização de ações eventualmente voltadas para o trabalho.

A nossa atual sociedade está estruturada em classes e grupos sociais com interesses distintos e antagônicos, o que certamente repercute tanto na organização econômica e política quanto na prática educativa. Nessa perspectiva, a relação entre o trabalho e a EJA é constituída por uma diversidade de interesses e caminhos que podem ser trilhados e norteados pela prática pedagógica presente no espaço escolar.

De acordo com Secad (2004), os alunos da EJA se caracterizam pelas suas visões de mundo e estas devem ser levadas em conta, quando se considera o que precisa ser oferecido a estes estudantes para satisfazer-lhes as expectativas e para que se obtenha o sucesso desejado.

O mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastado da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos (SECAD, 2004: 7).

Inicialmente, os adolescentes e adultos procuram a escola quando motivados pela expectativa de conseguir um emprego melhor, almejando uma melhoria de vida. Há também os que são levados pelo desejo de elevar sua auto-estima, buscando a valorização pessoal e o reconhecimento de suas habilidades, a independência e a melhoria de sua vida pessoal. Há muitos que desejam, por exemplo, dar bons exemplos aos seus filhos e ajudá-los em suas tarefas escolares. Em síntese, pode-se inferir, de acordo com Lemos (1999), que a maior motivação para a procura da escola por parte desses sujeitos é a necessidade de fixação de sua identidade como seres humanos e seres sociais.

Neste sentido, a discussão sobre a EJA, como modalidade de ensino que objetiva o atendimento prioritário da classe jovem trabalhadora, precisa ser recolocada e Fernandes (2005) salienta que:

Tal questão cria possibilidades para a ampliação dos investimentos em recursos humanos para a área, com a participação do Estado, da iniciativa privada, das ONG's e dos movimentos sociais. Os programas oferecidos pelas empresas aos seus empregados são exemplos desse cenário, tendo como objetivo central garantir maior qualificação dos trabalhadores. Ações desse tipo representam uma política de incentivos da classe empresarial, que se reverte na própria atuação dos trabalhadores nas atividades a serem desenvolvidas (FERNANDES, 2005: 3).

A melhoria na formação desses indivíduos certamente refletirá na sua qualidade de vida, pois levará à valorização do profissional, possibilitando-lhe um acréscimo na gama de escolhas que poderá realizar na sociedade e, conseqüentemente, facilitar-lhe o acesso e inserção social.

A situação atual do Brasil, de acordo com Arroyo (1995), exige que, para assumirem os novos papéis que lhes são propostos, os trabalhadores precisam ser educados para se tornarem autônomos e mais versáteis. Dentro dessa proposta, alguns dos fatores a serem contemplados são: a capacidade de comunicação, o espírito de equipe e o preparo técnico; enfim, um processo de educação contínuo e voltado para a formação ampla, geral e, também, para o domínio tecnológico.

Levando em conta a observação de Arroyo (2007):

A EJA tende a configurar-se, cada vez mais, como um projeto de educação popular dos jovens e adultos jogados à margem. Daí podemos tirar uma conclusão: a EJA continua tendo sentido enquanto política afirmativa desse coletivo cada vez mais vulnerável. Não poderá ser diluída em políticas generalistas. Em tempos em que essa configuração dos jovens e adultos populares em vez de se diluir está se demarcando, cada vez com mais força, a EJA tem de assumir-se como uma política afirmativa com uma marca e direção específica. Esta é a primeira constatação que gostaria de deixar ressaltada (ARROYO, 2007: 2).

O autor também sugere a necessidade de se pesquisar mais sobre essa configuração social e cultural dos jovens e adultos, afirmando que nos últimos dez anos esses indivíduos foram ainda mais distanciados - ou segregados - de um projeto nacional de integração, de participação no trabalho, na riqueza, na cultura e no conhecimento.

Andrade (2004) enfatiza que uma questão importante para a EJA é pensar nos seus

sujeitos além da condição escolar, o que faz com que o trabalho tenha um papel importante, particularmente pela condição social dos alunos, ou seja:

Diversas vezes, é só por meio dele (o trabalho) que eles (os alunos) poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos, os sujeitos educandos na EJA (ANDRADE, 2004: 3).

Observa-se, assim, que o indivíduo também deve ser preparado para o mundo do trabalho, assim como para compreender e participar da realidade dinâmica da sociedade, portanto, os educadores que atuam na EJA necessitam de uma formação ampla e contínua.

Não só o educador, mas a maneira como as práticas educativas tem sido desenvolvidas na EJA, assim como em outras modalidades de ensino, influenciam a inserção do indivíduo na sociedade. Sabemos que a apropriação da cultura pode contribuir para o embasamento requerido para a compreensão dos processos e mecanismos que movimentam a sociedade, permitindo que os indivíduos se situem melhor diante dos desafios da vida moderna e oportunizando-lhes, também, a participação dos benefícios culturais possibilitados pelo desenvolvimento (CHARTIER, 1986: 17). Como Libâneo (1994) aponta, não há prática educativa sem objetivos elaborados a partir de critérios que reflitam os valores e os ideais da legislação, os conteúdos produzidos pela prática social do homem, e as necessidades de formação cultural exigidas pela maioria da população.

II. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O ato de pesquisar está associado à procura do significado de um determinado fenômeno ou conhecimento; um ato que tem como elemento norteador a descrição, a compreensão ou a explicação de algo. Assim, um projeto de pesquisa é constituído por vários elementos originados do estudo pormenorizado de uma determinada realidade como, por exemplo, uma abstração teórico-conceitual e uma junção da realidade baseada na experiência, necessitando de uma síntese, de inclusões e recortes. O ato de pesquisar, de acordo com Bardin (2002), inclui a confrontação dos dados coletados com os referenciais acumulados em outros estudos.

Uma pesquisa se inicia pela delimitação do objeto de estudo, possibilitando a

abordagem mais abrangente de uma porção do saber. O conhecimento então produzido poderá refutar ou afirmar os conhecimentos já existentes a respeito do objeto de estudo, bem como gerar novos conhecimentos. Diz-se que uma pesquisa é caracterizada como social quando é fruto da sociedade e de um contexto histórico.

O ser humano está constantemente buscando entender sua realidade e, para tal, utiliza os conhecimentos que a ciência lhe fornece. Quando a proposta é tratar de problemas ambientais, são inevitáveis as reflexões sobre a realidade que nos cerca, o que de alguma maneira nos torna mais críticos.

A pesquisa educacional apresenta suas especificidades, pois trabalha com seres humanos que estão inseridos em contextos únicos, visto que os indivíduos possuem particularidades que, uma vez reunidas, podem resultar em mudanças. Em função desses fatores, a pesquisa educacional inclui uma variedade de abordagens, ou seja, diferentes métodos de investigação, sendo denominada pesquisa social, uma vez que utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social em que é realizada.

Como os fenômenos humanos que ocorrem no ambiente escolar não são previsíveis, a pesquisa qualitativa, pelas suas características, foi considerada ideal para esse estudo.

De acordo com Gil (1999), é ampla a diversidade de aspectos que devem ser abordados numa pesquisa dessa natureza, o que conduz a um campo inesgotável de interpretações. Como o universo de pesquisa é muito grande, é impossível considerá-lo em sua totalidade e, por essa razão, é muito comum se trabalhar com amostras, ou seja, com apenas uma parte dos elementos que o compõem.

Esta amostragem nos garante eficiência na investigação, pois fornece uma base lógica para o estudo de partes de uma população - de objetos, de animais, de seres humanos - de acontecimentos ou de ações, sem que ocorra perda de informações.

Com intuito de analisar o contexto e de interpretar os fenômenos presentes nas escolas de EJA envolvidas nesse estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva utilizando-se como técnicas de coleta de dados a análise documental, as entrevistas, a aplicação de questionários e observações de campo. A natureza descritiva da pesquisa fica evidente a partir do momento em que se busca a citação dos dados na íntegra e sua interpretação.

Segundo Godoy (1995), o pesquisador é um instrumento fundamental, pois a ele cabe realizar a descrição do objeto de estudo e buscar os significados dos elementos relacionados à pesquisa, sendo imprescindível sua visualização do contexto e a integração deste ao processo. No entanto, como os indivíduos agem de acordo com suas crenças e seus valores, é preciso sempre considerar as várias inter-relações possíveis e o pesquisador deve interferir minimamente no processo investigativo (PATTON, 1991).

Nas entrevistas, realizadas com o objetivo de subsidiar nosso entendimento sobre as concepções e práticas dos professores com respeito à realidade e, buscamos focalizar a realidade e o dia a dia dos educadores e dos alunos. Tomando por base as afirmações feitas por Alves (1991), de que se deve inicialmente focar o objeto de estudo para facilitar a orientação das decisões iniciais - sobre os atores e cenários, bem como sobre os aspectos que devem ser prioritariamente investigados - as entrevistas foram precedidas de uma apresentação da pesquisa, feita durante um momento de contato inicial.

Com esta apresentação visávamos, inclusive, criar um ambiente que se mostrasse propício ao posterior estabelecimento de uma conversa amigável e descontraída com os entrevistados.

Tendo como referência os apontamentos feitos por Gil (1999), essa pesquisa buscou conhecer, caracterizar e compreender o espaço escolar da EJA e o modo como nele vem sendo realizada a EA. Para a análise dessa realidade - cujas particularidades foram focadas nesse estudo - uma atenção especial foi atribuída às regiões em que as escolas estão inseridas, bem como aos seus alunos e professores.

Os fenômenos foram observados dos pontos de vista de quem os está vivenciando e descrevendo e, assim, os resultados foram utilizados para caracterizarmos os ambientes e as pessoas, buscando compreender suas opiniões e os fatos observados durante as visitas feitas àquelas instituições de ensino.

Desenvolvida, portanto, com base em Gil (1999), a pesquisa dividiu-se em uma fase preparatória ou de planejamento, o trabalho de campo e uma fase analítica e informativa. Durante a fase preparatória realizamos as leituras que permitiriam o delineamento da pesquisa e a busca de um marco teórico, bem como o estabelecimento do objetivo do estudo. Realizamos, portanto, um levantamento dos trabalhos científicos relacionados à temática em questão, mediante consulta a materiais publicados em eventos

como: Encontro de Pesquisadores em EA (EPEA); evento promovido pela Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (Anped); e Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências (ENPEC). Nestas consultas buscamos localizar os estudos relativos à influência da EA na formação de professores e alunos da EJA. Também consultamos documentos oficiais relacionados às leis voltadas para a EA e para a EJA.

Para analisar o fenômeno em estudo, partimos da investigação de um fato concreto para atingir o abstrato, caracterizado pelas representações presentes nas falas dos professores e nas respostas obtidas da aplicação dos questionários aos alunos, sobre a sua realidade. Retornamos então ao concreto, ou seja, à realidade que estrutura esse ambiente escolar de EJA, com as particularidades determinadas pelas pessoas que o frequentam.

A pesquisa realizada se baseou nos relatos dos fenômenos que ocorreram ou ocorrem, procurando caracterizar essas experiências pessoais, “subjetivas”, pelas atitudes, representações e valores individuais apresentados pelos professores, que refletem suas relações sociais nas suas práticas.

Após a busca da essência e da estrutura do contexto e do objeto de estudo, os dados obtidos foram organizados em categorias, para possibilitar o estabelecimento das relações entre as mesmas. Posteriormente, em busca da superação de idéias anteriores ou “idéias rasas”, buscamos um aprofundamento na interpretação do fenômeno estudado.

Os dados coletados foram, então, analisados e interpretados. Este processo envolveu a análise das entrevistas semi-estruturadas, bem como das repostas obtidas nos questionários enviados aos professores, via *e-mail*, visando à complementação dos dados obtidos nas entrevistas. Também foram analisados os questionários aplicados aos alunos e os documentos oficiais da EJA (no que dizia respeito aos alunos e aos professores).

Utilizamos a técnica da análise temática ou categorial para o tratamento dos dados. De acordo com Bardin (2002), esta se baseia em operações de desmembramento do texto em unidades e consiste, portanto, na identificação dos diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e no posterior reagrupamento destes em classes ou categorias.

Estas análises foram realizadas com base em Gil; Flores e Gimenez (1999), autores que definem tal processo como um conjunto de manipulações, transformações, operações, reflexões e comprovações que objetivam extrair o significado relevante em relação ao problema investigado. O trabalho de organização e análise dos dados coletados também foi

apoiado nas recomendações feitas por Tristão (2004) e Spink (2008).

Planejamento da pesquisa e locais de estudo

Inicialmente buscamos todas as escolas que ofereciam a EJA presencial na cidade de São Paulo (SP), já que há diferentes modalidades de EJA (presencial, semi-presencial e não-presencial). Após a realização dessa busca feita pela *Internet*, no *site* da Secretaria de Educação, percebemos que a realização da pesquisa em todas elas seria inviável, dada a proporção de escolas que uma grande cidade como São Paulo apresenta.

Nesse cenário havia uma enorme diversidade de pessoas, realidades e regiões, o que nos levou a optar por uma amostragem que se mostrasse suficiente para ilustrar o panorama da EA na EJA. Assim, este estudo foi conduzido apenas nas escolas localizadas na região do centro expandido da cidade de SP, ou seja, nas regiões da Lapa, Barra Funda, Perdizes, Vila Leopoldina, Alto de Pinheiros, Pinheiros, Itaim Bibi, Jardim Paulista, Moema, Saúde, Vila Mariana, Cambuci, Liberdade, Bela Vista, Consolação, Santa Cecília, Bom Retiro, República, Água Rasa, Mooca, Pari e Brás.

Realizamos um contato inicial com a central de atendimento da Prefeitura Municipal, solicitando os contatos telefônicos daquelas escolas. Devido à morosidade na obtenção da resposta por parte da Secretaria Estadual de Educação, a pesquisa foi iniciada sem que soubéssemos se a escola indicada no *site* ainda oferecia a EJA no ano de 2009, pois essa é uma situação que muda constantemente (informação obtida em algumas das escolas visitadas), em função da demanda existente nos bairros. Há significativas modificações de números de telefones e de locais que possuem EJA, de um ano para o outro, e isto nos dificultou o estabelecimento de contato com as escolas.

Outro aspecto relevante, e que motivou a seleção das escolas do centro expandido de SP, é que no *site* da Secretaria de Educação e até mesmo nos *e-mails* - que nos foram enviados pela central de atendimento da Secretaria - não constavam os números de telefone, atualizados, da maioria das escolas, dificultando ainda mais o nosso contato com as mesmas.

Foi em função da limitação de tempo disponível para o cumprimento dessa etapa do

processo e do grande esforço que deveríamos investir para a coleta de dados - caso insistíssemos na proposta inicial da pesquisa - que julgamos que uma amostragem, feita nas escolas do centro expandido da cidade de São Paulo, nos possibilitaria caracterizar a importância da EA na EJA, levando em conta as diversidades cultural, social e econômica presentes em uma grande área urbana como aquela.

No *site* da Prefeitura da cidade de São Paulo existe um traçado elíptico, dentro do mapa da cidade, que engloba vinte e três bairros, nos quais se encontram as seguintes vias de trânsito: Marginal Tietê, Marginal Pinheiros, Rodovia dos Bandeirantes, Rodovia Afonso D'Escagnole Taunay, Rodovia Presidente Tancredo Neves, das Juntas Provisórias, Avenida Professor Luís Inácio de Anhaia Melo e Avenida Salim Farah Maluf, além do Complexo Viário Maria Maluf e do Centro Histórico, também denominado “Centro Velho” de São Paulo. A figura 1, apresentada a seguir, mostra esta situação.



Figura 1. Mapa da região do centro expandido da cidade de São Paulo. Área localizada próximo ao centro histórico, incluindo os 23 bairros nos quais estão inseridas as escolas pesquisadas.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa foram os professores e alunos das redes municipal e estadual de ensino direcionado à EJA, e a ilustração do fenômeno estudado nesse contexto de ensino foi feita mediante uma descrição detalhada de cada bairro e dos professores das escolas de EJA do centro expandido de São Paulo. Os alunos dos quais obtivemos informações foram caracterizados, num momento posterior, para uma mais adequada contextualização da pesquisa.

As escolas selecionadas para a pesquisa e o foco de estudo

Quando foi realizada esta pesquisa, em 2009, São Paulo apresentava 965 (novecentos e sessenta e cinco) escolas que trabalhavam com a EJA, sendo 800 (oitocentas) delas pertencentes à rede pública de ensino. Destas, 377 (trezentos e sete e sete) eram associadas à Secretaria do Estado de São Paulo e 423 (quatrocentos e vinte e três) à Secretaria Municipal da Educação de São Paulo. Dessa maneira, foi necessário decidir por uma amostragem que possibilitasse a realização do estudo sem comprometimento dos resultados que seriam obtidos do mesmo.

Durante a pesquisa realizada no *site* da Prefeitura Municipal de São Paulo, constatou-se que a própria Prefeitura, na expectativa de realizar uma mais adequada administração pública, dividiu a cidade em subprefeituras e, assim, optamos pelo uso dessa divisão, ou seja, os locais de pesquisa estariam localizados em 23 bairros de 31 subprefeituras, a saber: Aricanduva, Butatã, Campo Limpo, Casa Verde/ Cachoeirinha, Cidade Ademar, Cidade Tiradentes, Ermelindo Matarazzo, Freguesia/Brasilândia, Guaianases, Ipiranga, Itaim Paulista, Itaquera, Jabaquara, Lapa, M'Boi Mirim, Móoca, Parelheiros, Penha, Perus, Pinheiros, Pirituba, Santana/Tucuruvi, Santo Amaro, São Mateus, São Miguel, Sé, Socorro, Tremembé/Jaçanã, Vila Maria, Vila Guilherme, Vila Mariana, Vila Prudente /Sapopemba. O estudo foi realizado na região delimitada pelas vias de trânsito já citadas anteriormente, além do complexo Viário Maria Maluf, em cuja área está concentrada a maioria dos serviços e equipamentos culturais da cidade de São Paulo.

A caracterização das regiões onde as escolas pesquisadas estão inseridas nos pareceu importante, para que pudéssemos conhecer um pouco sobre os contextos socioambientais das mesmas e na expectativa de que tal conhecimento nos facilitaria a compreensão dos resultados obtidos nas entrevistas. Para obter as informações a respeito

dessas regiões, consultamos o *site* da Prefeitura Municipal de São Paulo (2009) e a obra de Raquel de Rolnik (2001), intitulada “São Paulo”.

No início desse processo de caracterização, chegamos à região da Lapa, que data de 1581, quando os jesuítas receberam uma sesmaria, junto ao Rio Emboaçava, posteriormente denominado de Rio Pinheiros; era um bairro de aproximadamente 5 casas e 31 habitantes. No século XIX surgiram as olarias, alavancando o crescimento do povoado, reforçando o processo de urbanização do mesmo e possibilitando o início da industrialização.

Na segunda metade do século XIX, com o apogeu da economia cafeeira, foi inaugurada a estrada de ferro que ligava Santos a Jundiaí, passando pela cidade de São Paulo; pouco tempo após a instalação dessa ferrovia, foi criada uma parada para atender à população da então principiante região da Lapa. Após a construção da ferrovia, acelerou-se a chegada das indústrias e nas décadas de 1950 e 1960 este processo se acentuou, devido à construção das marginais dos rios Pinheiros e Tietê, bem como das rodovias.

O imenso crescimento ocorrido na região da Lapa possibilitou, atualmente, uma melhoria na infra-estrutura urbana. A implantação do Terminal Rodoviário da Barra Funda concedeu à região um novo impulso, tendo como consequência a criação do Memorial da América Latina e a instalação de grandes *shoppings* e universidades no local, o que fomentou o comércio da região.

Segundo informações obtidas no *site* da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo (2009), a região administrativa da Lapa conta atualmente com uma população de aproximadamente 58.924 habitantes.

Outra área importante é a região de Pinheiros, cujo nome se deve às grandes extensões de pinheiros nativos ou *Araucaria angustifolia*, ali encontrados; é a mais antiga de São Paulo. Localiza-se no sudoeste da cidade, ao longo do rio Pinheiros e, dentre as etnias estrangeiras predominantes na região, destacam-se os alemães, chineses, portugueses, franceses, coreanos e bolivianos.

Algumas obras deram impulso ao desenvolvimento do bairro, como foi o caso da hípica paulista de Pinheiros, por exemplo. Outra obra que alavancou o crescimento local foi a construção do mercado dos “Caipiras” e, logo após, a implantação da cooperativa agrícola de Cotia, como um dos elementos de desenvolvimento das atividades comerciais da região que contribuiu para a consolidação da classe média na região. Atualmente, a região de

Atualmente, a região de Pinheiros possui 61.711 habitantes.

Uma outra região, a de Vila Mariana, surgiu a partir da instalação de um matadouro na região nobre da cidade e inclui, também, os bairros de Moema e Saúde, apresentando uma alta renda média, bem superior ao índice registrado para o município. Abriga a classe média alta, com um perfil às vezes comercial e às vezes residencial. Com respeito à educação, de acordo com informações do MEC (2009):

[...] aproximadamente 80% dos moradores completaram o Ensino Fundamental, contra 49,9% do município. O Ensino Médio foi concluído por 71,34% da população, bem superior aos 33,68% da média municipal, e os anos de estudo chegam a 12,30 enquanto em toda São Paulo esse número é de 7,67 anos. A taxa de analfabetismo é reduzida, atingindo 1,10% - quatro vezes menor que os 4,88% da cidade (MEC, 2000).

Nessa região, localizada na parte Centro-Sul do centro expandido de São Paulo, há casas e prédios de luxo e antigos Institutos de Educação, além do Parque do Ibirapuera, destinado a atividades de lazer. Atualmente, a população é de 297.502 habitantes. A economia da região é muito forte, não apenas pelo elevado nível de vida de seus moradores, mas também por abrigar o trecho inicial da Avenida Paulista, localidade mais importante da cidade e centro financeiro do Estado e do País.

A região da Sé é marcada por contrastes no que diz respeito ao comércio, educação, saúde e aspectos sociais e ambientais; concentra um comércio intenso - formal e não-formal - e vários bancos e empresas de diversos segmentos econômicos e associados à saúde, desde planos privados até o sistema único de saúde (SUS).

Esta região também se caracteriza por apresentar uma maior quantidade de acervos de bibliotecas para jovens e adultos e maior concentração de cinemas e teatros, além de um índice reduzido de analfabetismo. No entanto, devemos considerar que o acesso as diversas formas culturais - como o teatro ou o cinema - não dependem apenas da disponibilidade, mas principalmente de recursos financeiros que permitam que a população deles possa usufruir. A existência de uma ampla rede de esgoto confere à região da Sé (centro) os melhores indicadores básicos da cidade de São Paulo, segundo o levantamento realizado pelo Movimento “Nossa São Paulo” (SEADE, 2009). No entanto, ainda existem regiões com dificuldades relativas a esse aspecto, principalmente nos bairros que apresentam populações de classes econômicas menos favorecidas, a qual possui baixo poder aquisitivo.

No que se refere à educação, na região da Sé encontram-se várias escolas e faculdades tradicionais, como a Escola de Direito São Francisco, além de faculdades particulares. Também há escolas públicas e particulares que, em realidades distintas, conferem ao bairro uma fisionomia marcante. A realidade social também se caracteriza pelas diferenças, pois, ao lado de casas e apartamentos de muito boa qualidade, há moradias potencialmente perigosas devido à falta de infra-estrutura; se há alguns lugares mais calmos, outros são mais violentos e uma convivência diária das diferenças confere e potencializa o aumento da criminalidade na região. Nesse local encontramos uma população de aproximadamente 373.000 habitantes em uma área de 26,2 km².

A região da Mooca, com uma população de aproximadamente 63.280 habitantes e localização na região administrativa Sudeste, na área geográfica do centro expandido de São Paulo, tem uma história que pode se confundir com a história da própria cidade. O excerto apresentado a seguir mostra as possibilidades para o surgimento do nome da região da Mooca.

Segundo os historiadores, a região onde se situa o bairro da Mooca deve ter sido o local da maior concentração de índios de São Paulo e até do Brasil. O elemento indígena foi tão forte que deixou sua lembrança até no nome do bairro: Mooca (SANTOS, 2008:6).

Segundo a PMSP/Cultura (2009), acredita-se que esta palavra indígena tenha surgido no século XVI, quando os primeiros habitantes brancos começaram a construir suas casas. Os índios, curiosos com a novidade exclamavam: “Moo-oca” (moo = “faz”, oca = “casa”). Uma outra versão diz respeito à mesma expressão, mas relaciona-a ao fato de os jesuítas mandarem barro para seus colegas da região leste para que estes ensinassem os índios a fazer casas, ou seja, “moo-oca”. Essa região foi um importante cenário político da cidade de São Paulo, devido a sua natureza industrial; os trabalhadores eram os proletários e os imigrantes originários de países europeus socialistas.

É caracterizada por uma paisagem contrastante, na qual atualmente se podem encontrar velhos casarões e ruas com aspectos que lembram os das antigas cidades européias, devido à influência dos imigrantes. Muitos casarões já deram lugar a edifícios modernos e, embora seja evidente um início de verticalização, ainda existem muitas casas, sobrados e alguns condomínios horizontais, assemelhando a região a uma cidade interiorana, onde também são diversos os serviços de comércio.

Esse panorama da cidade de São Paulo resulta em uma realidade que mostra uma grande diversidade de fatores, melhor caracterizados na análise apresentada no estudo sobre os dados da pesquisa. É necessário, pois, analisar a realidade deixando evidente que:

Na cidade não há enredo ou cenário que independa da ação individual e coletiva de todos que a habitam. Por isso, querendo ou não, o destino de São Paulo está nas mãos de seus moradores: a sujeira e o abandono das ruas são de responsabilidade comum, o clientelismo e a corrupção definem a cidade tanto quanto os projetos de saneamento e circulação (ROLNIK, 2001: 78)

É evidente, portanto, a importância de se oferecer aos habitantes daquela cidade, alocados em bairros de realidades socioambientais tão distintas, uma educação contextualizada. Nesse sentido, a expectativa é que esse estudo possa ser um elemento de auxílio para a caracterização e o mapeamento da EA na EJA e que, caso se mostre necessário, venha a possibilitar que novas estratégias de ação surjam e que os indivíduos percebam que devem fazer parte de um movimento de transformação socioambiental. As escolas pesquisadas, bem como as regiões nas quais estas estão inseridas, apresentam características peculiares que serão apresentadas oportunamente, quando nos referirmos aos resultados obtidos e às análises dos mesmos.

Caracterização da região do centro expandido de São Paulo

A caracterização do local de pesquisa é necessária para a compreensão do contexto em que a mesma foi realizada, abordando a temática relativa à EA na EJA. Assim, iniciaremos caracterizando São Paulo como a quarta cidade em aglomeração humana no mundo e décima nona, no que se refere à riqueza. Com um clima subtropical - característico das áreas geográficas a sul do Trópico de Capricórnio e a norte do Trópico de Câncer – São Paulo apresenta temperaturas médias anuais nunca superiores a 20° C e temperaturas mínimas, do mês mais frio, nunca inferiores a 0° C, levando-se em conta as variações que ocorrem nas diferentes regiões. Sua população, aproximadamente 12 milhões de habitantes, representa um terço da população de todo o Estado de São Paulo e, de acordo com as informações fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

São Paulo, maior cidade do Brasil desde a década de 60, é hoje o mais poderoso pólo de atividades terciárias do país e sua população se aproxima da cifra dos 11 milhões de habitantes, distribuídos pelos 1.509

km² de seu município, que se divide em 31 subprefeituras e estas, em 96 distritos. São Paulo também é o centro da região metropolitana de mesmo nome que, com seus 19 milhões de habitantes, ocupa a 4ª posição no ranking das maiores aglomerações urbanas do mundo. São 39 municípios, incluindo o da capital, 8.051km² e uma mancha urbana contínua que, no sentido leste-oeste, apresenta cerca de 100 km de extensão (IBGE, 2007).

Há muito tempo esta cidade ultrapassou seus próprios limites; possui outros 39 municípios vizinhos que integram a Região Metropolitana, sendo essa grande área responsável por quase 20% de toda a produção nacional. Esta grandiosidade é contraditória, pois a opulência convive lado a lado com a miséria de sub-moradias e carroças convivem lado a lado com carros de luxo, blindados.

Sua história inicia-se em 25 de janeiro 1554 e até o século XIX a cidade não tinha grande importância econômica no cenário nacional, embora as expedições para exploração do território tenham partido dessa cidade, desde o século XVII. De acordo com Rolnik (2009:8), hoje, “Quem dela se aproxima, é impactado por seu tamanho: quilômetros de avenidas, com suas casas e galpões e blocos de edifícios, uma profusão de letreiros e imagens publicitárias”.

São Paulo localiza-se aproximadamente a 80 km do litoral e é um centro de produção, distribuição e gestão; está ligada ao mundo virtual e real das trocas e é a potência econômica do Brasil, também considerada berço de movimentos sociais e lideranças políticas.

Na cidade existe uma diversidade de populações: mineiros, nordestinos, interioranos e diversas nacionalidades, pois, devido à sua força no contexto nacional, atrai milhares de pessoas que, anualmente, buscam ali uma melhoria de vida. Atualmente, o que parece ser mais marcante na cidade é a presença de imigrantes nordestinos, que constituem uma população significativa na EJA, segundo os dados coletados nesse estudo.

Uma exclusão territorial - iniciada nos anos de 1970 e 1980 - foi criada em decorrência da política territorial da cidade, como descreve Rolnik (2001):

[...] construção de imensos conjuntos uniformes e exclusivamente residenciais nas extremas periferias, marcando sua posição limítrofe em relação à cidade existente e segregando de forma explícita e violenta a população ali residente (ROLNIK, 2001: 50).

Ainda segundo essa autora, a situação socioeconômica atual de São Paulo não é muito animadora, já que várias fábricas tem sido fechadas diariamente. Há uma crescente violência em todas as regiões da cidade, além do altíssimo nível de desemprego e da presença de adultos e crianças que se aglomeram nas ruas por não terem um teto, sendo normalmente discriminados por serem julgados “marginais” em potencial.

Constatou-se que em São Paulo, no ano de 1999, metade das pessoas que se diziam empregadas era representada por trabalhadores autônomos e por trabalhadores sem carteira assinada, ou seja, vinculados ao trabalho informal e, portanto, sem garantias.

Enquanto o emprego e o cotidiano da metrópole industrial permitiram até os anos 80 uma sensação predominante de ascensão social (ainda que mais acentuada para alguns, em geral os mais ricos e educados), a década de 90 veio a destruir as perspectivas de uma melhora progressiva de vida para os que já moram na cidade há algum tempo. Tal fato é evidenciado pelo aumento no grande e heterogêneo setor de atividades econômicas informais, especialmente comércio e serviços, que responde por fração significativa da população ocupada no município em postos de trabalhos precários e instáveis (ROLNIK, 2001: 63).

Em 1980 e 1990 o processo de transição demográfica se intensificou, mudando a fisionomia da cidade de São Paulo e acentuando o processo de exclusão. De acordo com Rolnik (2001), a cidade de São Paulo se mostra como um mosaico de condições sociais:

Suas pequenas partes possuem diferenças marcantes no acesso à qualidade e quantidade de empregos, serviços e equipamentos. O aumento vertiginoso das favelas, dos condomínios fechados, dos *shopping centers* e centros empresariais, ao longo das décadas de 80 e 90, revelam a fragmentação sócio territorial da cidade, que compartimentaliza os espaços, promovendo uma vida urbana confinada em geografias controladas, protegidas ou vulneráveis, de alta e baixa renda (ROLNIK, 2001: 76).

Ainda a respeito das condições socioambientais características da cidade de São Paulo, Maia (1999) salienta que:

A parte central dos distritos da capital e o extremo leste da Região Metropolitana de São Paulo são as áreas que apresentam as menores taxas de mortalidade, inferiores a 30 óbitos por 100 mil habitantes. Observa-se que existe uma grande heterogeneidade entre as taxas de mortalidade dessas áreas. Para se ter uma idéia desta grandeza, o risco de um residente do Município de Diadema morrer por homicídio é 35 vezes maior que de um residente do distrito de Moema (MAIA, 1999:127).

De acordo com as informações do IBGE (2007), São Paulo passa atualmente por

mudanças de algumas das suas características sociais: feminilização, envelhecimento e periferização. Assim, é importante que as políticas públicas se voltem, de maneira especial, para essa nova situação, pois tais alterações certamente causam mudanças no modo como a população paulistana vem se constituindo e como as relações sociais se estabelecem nesse contexto.

A necessidade de conviver com as diversas situações sociais dessa cidade de contrastes, durante a realização desse estudo, possibilitou-nos novos e importantes conhecimentos. Já em nossos contatos iniciais com a realidade deparamo-nos com comunidades inacessíveis, devido à realidade imposta por líderes da criminalidade local e este foi um dos desafios que nos levou a optar por uma amostragem que viabilizasse a realização do estudo, sem comprometimento dos resultados. Durante o processo, tivemos a oportunidade de observar diferentes realidades socioambientais e pudemos conhecer a real situação do sistema educacional presente nos bairros da grande região do centro expandido de São Paulo.

Dos 25 bairros, apenas 23 possuíam escolas que ofereciam a EJA, nos quais as escolas pesquisadas estão localizadas em cada uma das regiões caracterizadas a seguir: Região da Lapa (bairros: Barra Funda, Lapa, Perdizes, Vila Leopoldina); Região de Pinheiros (bairros: Alto de Pinheiros, Pinheiros, Itaim Bibi, Vila Cordeiro, Jardim Paulista); Região de Vila Mariana (bairros: Jardim Novo Mundo, Saúde, Vila Mariana); Região da Sé (bairros: Cambuci, Aclimação, Bela Vista, Consolação, Santa Cecília, Bom retiro, República, Sé); Região da Mooca (bairros: Pari, Brás, Belém, Mooca, Barão de Mauá).

Coleta e tratamento dos dados

Após termos estabelecido o primeiro contato telefônico e/ou pessoalmente com os coordenadores e diretores das escolas que participariam da pesquisa, foi-lhes entregue uma carta de apresentação do projeto e os questionários (Anexos) - cujas respostas nos auxiliariam, futuramente, no processo de seleção dos futuros entrevistados – a fim de que fossem encaminhados aos professores. Naquela ocasião ficou acertado que posteriormente recolheríamos os questionários, mas, infelizmente, houve muitos casos em que o retorno destes não ocorreu e, portanto, decidimos realizar as entrevistas com todos os professores

das escolas selecionadas.

Iniciou-se, então, um segundo contato com as escolas, pois necessitávamos agendar as entrevistas; em alguns casos foi necessário entrarmos em contato com as instituições inúmeras vezes, até que fosse efetivado o agendamento da entrevista com o professor. Este foi selecionado pela coordenação ou pela direção da escola, após termos esclarecido que gostaríamos de conversar com um professor, de qualquer área do conhecimento, que trabalhasse com a EA na EJA.

As entrevistas ocorreram nos períodos em que o professor dizia estar disponível para tal e, embora havéssemos solicitado previamente aos coordenadores e diretores um período de aproximadamente uma hora para que as entrevistas ocorressem com tranquilidade, isso não aconteceu. Em diversos casos houve a necessidade de só estabelecermos o diálogo após o horário anteriormente agendado com o próprio professor e/ou coordenador.

Das vinte e três escolas que participaram do planejamento inicial, apenas três aceitaram que fossem entregues os questionários destinados aos alunos. Tal fato ocorreu devido ao posicionamento da coordenação - ou de professores das outras escolas - indicando a impossibilidade de qualquer mudança na rotina já estabelecida na instituição.

Durante a realização das entrevistas, também foi utilizado um diário de campo - que será apresentado no próximo capítulo - destinado ao registro, com riqueza de detalhes, das realidades daquelas escolas e de seus professores, bem como de alguns dos alunos, já que a realização da entrevista com estes últimos não foi permitida pelos representantes da escola (a coordenação apresentou como justificativa a falta de tempo dos educandos, embora nos tivéssemos colocado à disposição para a realização das entrevistas em outros momentos que, eventualmente, fossem considerados mais adequados).

Os locais onde as entrevistas seriam realizadas foram planejados de modo a permitir uma gravação nítida de áudio, já que no contexto educacional a gravação em vídeo não costuma ser bem aceita. Consideramos que o fato de conseguir gravar as entrevistas já foi uma conquista, pois sabemos que em muitos espaços escolares a presença de um pesquisador é vista como obstáculo ao bom andamento das atividades na escola.

A transcrição dos dados na íntegra, de acordo com a proposta de Bauer (2002), foi realizada a cada etapa cumprida, procurando complementar a investigação com respeito ao

que se mostrava relevante, em comparação com o que fora obtido na(s) etapa(s) anterior(es). Os dados foram classificados segundo um conjunto de categorias de análise e a partir dos registros feitos durante o estudo.

As categorias foram estabelecidas em três etapas, como já foi explicitado anteriormente: desmembramento do texto em unidades e identificação dos núcleos de sentido que constituem a comunicação; reagrupamento em classes ou categorias; análise e interpretação das categorias perante o referencial teórico.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando importante melhor conhecer o profissional que atua nesta modalidade de ensino, bem como os alunos que por ela procuram - nas escolas selecionadas para este estudo – pudemos obter, por meio dos dados coletados, os perfis desses atores sociais, apresentados nas tabelas 1 a 8.

O Perfil dos Professores

Os professores foram caracterizados de acordo com sua idade, formação, disciplinas por ele ministradas, tempos de atuação como professor e na EJA, regiões em que atua como professor e na qual reside, por acreditarmos na possibilidade de que a soma destes fatores influencie a maneira como o profissional se posiciona em seu cotidiano. Os resultados obtidos das entrevistas realizadas com 21 professores (P1 a P21) atuantes nas escolas que oferecem a EJA, na região do centro expandido de São Paulo, visando à caracterização dos perfis dos mesmos, foram reunidos na Tabela 1, apresentada a seguir.

Tabela 1 - Perfil dos professores que atuam nas escolas que oferecem a EJA, da região do centro expandido de São Paulo.

Professor	Idade (anos)/ Sexo Masculino (M) ou Feminino (F)	Formação	Disciplina na qual atua	Tempo de atuação na EJA	Tempo de atuação como professor	Região em que trabalha	Região em que reside
P 1	56/ F	Estudos Sociais com Mestrado Geografia	Geografia	7 anos	16 anos	Sé	Vila Mariana

P 2	32/F	Ciências Biológicas	Biologia	5 anos	5 anos	Belém	Mooca
P 3	34/F	Ciências Biológicas	Ciências Biologia	14 anos	14 anos	Moema	Jardim Oriental
P 4	47/F	Geografia	Geografia	12 anos	22 anos	Vila Leopoldina	City Boaçava
P 5	40/M	Lingua Portuguesa	Português	5 anos	12 anos	Saúde	Ipiranga
P 6	57/F	Biologia	Biologia Ciências	não respondeu	19	Barra Funda	Pirituba
P 7	31/F	Biologia	Biologia Ciências	1 ano	não respondeu	Vila Mariana	Aclimação
P 8	27/F	Geografia	Geografia	5 anos	5 anos	Pompéia	Santa Cecilia
P 9	37/F	Magistério e Biologia	Biologia Ciências	3 anos	17 anos	Mooca	Jardim Poá
P 10	59/F	Biologia	Ciências Biologia	10 anos	35 anos	Cambuci	Aclimação
P 11	55/F	Biologia	Ciências Biologia	7 anos	23 anos	Vila Madalena	Cerqueira Cesar
P 12	41/F	Biologia	Ciências Biologia	11 anos	18 anos	Mooca	Mooca
P 13	58/M	Biologia	Ciências Biologia	10 anos	28 anos	Lapa	Perdizes
P 14	31/M	Ciências Sociais	Sociologia	7 anos	7 anos	Pinheiros	Jardim Bonfiglioli
P 15	41/M	Biologia	Biologia	15 anos	20 anos	Santa Cecilia	Campos Eliseos
P 16	45/F	Biologia e Biomedicina	Biologia	não respondeu	20 anos	Alto de Pinheiros	Pinheiros
P 17	49/M	Ciências Biológicas	Biologia	13 anos	25 anos	Parque Sevilha	Vila Invernada
P 18	63/M	Estudos Sociais História	Geografia	não respondeu	20 anos	Pari	Santana
P 19	45 /F	Geografia	Geografia	não respondeu	21 anos	Bom retiro	Parque Bristol
P 20	31/F	Ciências Biológicas	Ciências Biologia	3 anos	3 anos	Pinheiros	Jardim Paulista
P 21	47/M	Geografia	Geografia	não respondeu	10 anos	Pinheiros	Jardim Regina
P 22*	-	Ciências	Ciências	-	-	Consolação	-
P 23*	-	Ciências	Ciências	-	-	Bela Vista	-

* P22 e P23 – As escolas não permitiram a realização da entrevista, embora a coordenação os tivesse indicado para tal.

A faixa etária dos professores entrevistados variou entre 27 e 63 anos, sendo que 8

(38%) dos 21 entrevistados apresentaram menos de 40 anos de idade e 13 dos docentes (62%) eram do sexo feminino, evidenciando o importante papel das mulheres também como profissionais da educação. Apenas um docente afirmou ter concluído o mestrado (em Geografia), o que parece evidenciar o desinteresse - ou a impossibilidade - desses profissionais relativo à busca de ampliação dos seus conhecimentos mediante processos de educação continuada.

Dos 16 professores que responderam à questão referente ao seu tempo de atuação na EJA, apenas um está atuando há menos de 5 anos (1 ano) nessa modalidade educacional e 7 deles assumiram ali estar atuando há 10 anos ou mais. No entanto, percebemos que embora estes professores possuam, teoricamente, uma significativa experiência no setor educacional, faltam evidências de que esse tempo de atuação tenha lhes possibilitado uma mais adequada utilização do espaço educacional como um ambiente reflexivo, de modo a aproximar os conteúdos a realidade do aluno.

Ainda com relação às entrevistas realizadas com os professores, é preciso esclarecer que foi a coordenação e/ou a direção da escola que indicou o docente que seria entrevistado. Apesar de termos esclarecido, inicialmente, que este docente poderia estar ligado a qualquer área do conhecimento ou disciplina lecionada, desde que trabalhasse com a EA na EJA, verificamos que os indicados foram, sempre, professores associados às áreas de Biologia e/ou Ciências.

Este fato nos levou a pensar que os coordenadores, aparentemente, não conhecem – ou não assumem - a interdisciplinaridade da EA e, portanto, acreditam que só os professores das áreas de Biologia e Ciências são responsáveis por desenvolver atividades de EA nas escolas. Pode ser que este vínculo às áreas citadas esteja associado ao fato da eclosão da EA, em nosso país, ter congregado agrônomos e biólogos, no entanto, acreditamos que este não deve ser um motivo ou fator condicionante, limitador, do caráter interdisciplinar da EA.

Parece-nos ter ficado evidente, portanto, uma certa incoerência com relação à EA como processo educativo e nossa reflexão, neste sentido, é sobre como se poderá auxiliar na formação mais ampla dos alunos da EJA - necessária à sua efetiva inserção e participação ativa na sociedade - se o olhar dirigido à EA, que deveria possibilitar-lhes a conexão entre os diferentes saberes e uma visão mais ampliada de mundo, está sendo

restrito à visão de apenas uma das áreas do conhecimento. Em nossa opinião, trata-se de uma forma reducionista de enxergar e praticar a EA, visto que esta deve apresentar a abrangência de diversas áreas do conhecimento.

O Perfil dos Alunos

Os resultados obtidos dos questionários aplicados a 78 alunos das 20 escolas (A1 a A78) que oferecem a EJA, da região do centro expandido de São Paulo, visando à caracterização de seus perfis, estão apresentados nas Tabelas 2, 3 e 4, as quais reúnem os dados dos seguintes aspectos: idade, sexo, estado e/ou cidade de origem, nível de escolaridade e distância de suas moradias com relação à localização das escolas em que estudam.

Tabela 2 - Caracterização dos perfis de 35 alunos (A1 a A35) da escola localizada na região de Moema (E.F. completo = ensino fundamental completo, ou seja, finalizou a antiga oitava série; M= sexo masculino; F = sexo feminino; NR = Não respondeu).

Alunos	Idade (anos)	Sexo	Estado ou Cidade de origem	Escolaridade	Distância entre sua residência e a escola
A1	39	M	São Paulo/SP	E.F. completo	50 minutos (a pé)
A2	18	M	Minas Gerais (MG)/Ituitaba	E.F. completo	10 minutos
A3	39	F	MG/Pouso Alegre	E.F. completo	10 minutos
A4	40	M	Paraíba/Sto Vicente do Seridó	5ª série	1 hora
A5	37	M	MG/Materlândia	E.F. completo	30 minutos
A6	20	M	Mato Grosso (MT)/Chapada dos Guimarães	E.F. completo	1 hora
A7	26	F	NR	2ª série	30 minutos
A8	17	M	São Paulo/SP	NR	1 hora
A9	32	M	Pernambuco	E.F. completo	30 minutos
A10	26	F	NR	1ª série	30 minutos
A11	40	M	Sergipe	7ª série	30 a 40 minutos
A12	18	F	Ceará/Arneiroz	6ª série	1 hora
A13	40	M	Bahia/Araci	4ª série	20 minutos
A14	48	M	Bahia (BA)/Santa Luz	3ª série	10 minutos (de carro)
A15	38	M	São Paulo/SP	7ª série	2 horas
A16	27	F	BA/Santo Estevão	E.F. completo	1 hora e 30 minutos
A17	18	M	Alagoas	NR	30 minutos
A18	24	F	Bahia	E.F. completo	30 minutos
A19	41	F	Minas Gerais	4ª série	30 minutos
A20	38	F	NR	E.F. completo	1 hora

A21	37	M	MG/Barbacena	NR	2 horas e 30 minutos
A22	31	M	BA/ Ibicarai	E.F. completo	30 minutos
A23	52	F	NR	E.F. completo	30 minutos
A24	18	F	Maranhão/São Luís	NR	15 minutos
A25	38	F	Bahia	7ª.série	1 hora
A26	NR	M	São Paulo	E.F. completo	1 hora e 30 minutos
A27	25	F	São Paulo	4ª.série	40 minutos
A28	18	M	São Paulo	NR	1 hora
A29	25	M	SP/Guarulhos	E.F. completo	1 hora e 30 minutos
A30	27	F	NR	E.F. completo	2 horas 30 minutos
A31	41	F	Rio Grande do Sul/Porto Alegre	E.F. completo	5 minutos
A32	44	M	BA/Araci	NR	2 horas
A33	27	F	São Paulo	E.F. completo	1 hora e 20 minutos
A34	31	F	São Paulo	E.F. completo	30 minutos
A35	37	F	Minas Gerais	E.F. completo	1 hora e 30 minutos

Tabela 3 - Caracterização dos perfis de 31 alunos (A36 a A67) da escola localizada na região do “Centro Velho” de São Paulo (E.F.completo = ensino fundamental completo, ou seja, finalizou a antiga oitava série; M= sexo masculino; F = sexo feminino; NR = Não respondeu).

Alunos	Idade (anos)	Sexo	Estado/Cidade de origem	Nível de escolaridade	Distância entre sua residência e a escola
A36	44	M	Piauí/São Raimundo Nonato	6ª.série	20 minutos
A37	63	M	Anguera/Bahia	1ª.série	30 minutos
A38	14	F	São Paulo	E.F. completo	5 minutos
A39	14	F	Jequié/Bahia	E.F. completo	5 minutos
A40	14	F	São Paulo/Interior	E.F. completo	Quase 1 hora
A41	18	F	Maranhão/Buriti bravo	6ª.série	10 minutos
A42	21	F	São Paulo	7ª.série	10 minutos
A43	33	F	NR	4ª.série	10 minutos
A44	38	F	São Paulo/General Salgado	5ª.série	5 minutos
A45	39	F	Tapirai/Bahia	4ª.série	5 minutos
A46	47	F	NR	4ª.série	NR
A47	39	F	Ceará/Mombaça	4ª.série	15 minutos
A48	33	M	NR	3ª.série	10 minutos
A49	22	M	São Paulo/Interior	E.F. completo	10 até 15 minutos
A50	15	M	Bahia/Presidente Tancredo Neves	E.F. completo	10 minutos
A51	15	M	NR	E.F. completo	30 minutos
A52	13	M	São Paulo	NR	3 minutos
A53	13	M	São Paulo	NR	10 minutos
A54	NR	M	São Paulo	NR	15 minutos
A55	14	M	São Paulo	E.F. completo	7 minutos
A56	15	M	Ceará/Itapipoca	E.F. completo	20 minutos
A57	NR	M	NR	E.F. completo	30 minutos

A58	NR	F	Bahia/Salvador	E.F. completo	10 minutos
A59	30	F	Ceará/Mombaça	5ª.série	1 minuto
A60	14	M	São Paulo	E.F. completo	10 minutos
A61	14	M	São Paulo	E.F. completo	1 minuto
A62	14	M	SP/Francisco Morato	E.F. completo	30 minutos
A63	14	F	São Paulo	E.F. completo	5 minutos
A64	14	F	São Paulo	E.F. completo	5 minutos
A65	15	F	Ceará/Bombaça	E.F. completo	10 minutos
A66	17	F	Bahia/Piritiba	7ª.série	30 minutos
A67	18	F	São Paulo	E.F. completo	15 minutos

Tabela 4 - Caracterização dos perfis de 11 alunos (A68 a A78) da escola localizada na região da Barra Funda (E.F.completo = ensino fundamental completo, ou seja, finalizou a antiga oitava série; M= sexo masculino; F = sexo feminino; NR = Não respondeu).

Alunos	Idade (anos)	Sexo	Estado/Cidade de origem	Nível de escolaridade	Distância entre sua residência e a escola
A68	35	F	São Paulo	E.F. completo	15 minutos
A69	46	F	São Paulo	E.F. completo	15 minutos
A70	18	F	NR	3º.ano do ensino médio	20 minutos
A71	36	F	São Paulo	4ª.série	25 minutos
A72	25	F	Bahia/Feira de Santana	7ª.série	1 hora
A73	49	F	Rio de Janeiro	2º.ano do ensino médio	10 minutos
A74	21	M	Bahia/Santo Estevão	1º.ano do ensino médio	20 minutos
A75	33	M	Paraíba/Sumé	6ª.série	7 minutos
A76	37	F	Rio Grande do Norte/Natal	E.F. completo	15 até 25 minutos
A77	43	M	NR	5ª.série	2 horas
A78	23	F	Piauí/Floriano	6ª.série	30 minutos

Os dados reunidos na Tabela 5 mostram que a faixa etária de grande parte dos alunos (39%) está concentrada entre 13 e 27 anos, embora haja um evidente aumento do número de estudantes que se encontram na faixa etária entre 13 e 22 anos (37,2%), quando estes dados – obtidos atualmente para a EJA, nas escolas selecionadas para este estudo - são comparados com aqueles observados na época do Mobral e do ensino supletivo.

No ano de 2008, uma resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) pretendia impedir que adolescentes - com menos de 18 anos – frequentassem a EJA, o antigo supletivo. No entanto, por falta de uma legislação clara há, hoje, aproximadamente 642.000 estudantes entre 15 e 17 anos (13% do total) freqüentando as salas de aula em escolas que oferecem essa modalidade de ensino no nosso país e este número já se

apresenta acrescido, segundo os resultados obtidos nesta pesquisa.

Parece que a necessária antecipação do processo de inserção dos jovens no mercado de trabalho tem mudado o perfil dos interessados na EJA. Estes alunos tem buscado na EJA, principalmente, uma oportunidade de acelerar seus estudos para poderem encontrar, o mais rápido possível, um emprego. No entanto, estes estudantes não têm a percepção da defasagem que essa modalidade de ensino normalmente apresenta em função do reduzido tempo disponível para o desenvolvimento dos conteúdos, por exemplo, o que poderá se refletir na sua formação.

Tabela 5 - Faixa etária dos alunos das três escolas que oferecem a EJA localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).

Intervalos de idade	Número de alunos	(%)
[13;17]	17	21,8%
[18;22]	12	15,4%
[23;27]	10	12,9%
[28;32]	5	6,4%
[33;37]	10	12,9%
[38;42]	12	15,4%
[43;47]	5	6,4%
[48;52]	3	3,8%
[53;57]	0	0%
[58;62]	0	0%
[63;67]	1	1,2%
Não disse	3	3,8%
Total	78	100%

Ainda com relação aos 78 alunos que responderam o questionário, observamos que 36 são do sexo masculino (46%) e 42 são do sexo feminino (54%), também evidenciando mudanças com relação aos dados obtidos em décadas anteriores, os quais indicavam que os alunos da EJA eram, na maioria, do sexo masculino. Isto provavelmente se devesse ao fato de que há alguns anos atrás estes eram os principais responsáveis pela obtenção dos

recursos financeiros necessários à manutenção de suas famílias, enquanto às mulheres cabia, especialmente, o desenvolvimento das atividades domésticas. Entretanto, os dados obtidos durante este estudo parecem refletir a atual necessidade e ou interesse crescente das mulheres no sentido de se prepararem para a busca de um emprego ou de uma melhor qualificação profissional que lhes possibilite auxiliar seus maridos ou definitivamente arcar com as despesas familiares, já que na sociedade atual há inúmeras famílias que são mantidas pelas mulheres.

De certa forma, podemos dizer que os dados obtidos nessa pesquisa também apontaram algumas mudanças estabelecidas na nossa sociedade com relação ao padrão de família existente à época do surgimento da EJA. Atualmente convivemos com novas configurações familiares, ou seja, mães ou pais que vivem e assumem sozinhos as responsabilidades referentes a casa e ou aos filhos, além de casais homossexuais, com ou sem filhos.

Com relação à origem dos alunos entrevistados, podemos verificar na Tabela 6 que há uma significativa concentração daqueles provenientes das regiões nordeste e sudeste do Brasil.

Tabela 6 - Regiões brasileiras de origem dos alunos das três escolas que oferecem a EJA, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda).

	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Não identificada
Estados	-	Paraíba Recife Sergipe Ceará Bahia Alagoas Maranhão Piauí Rio Grande do Norte	Mato Grosso	São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro	Rio Grande do Sul	-
Número de alunos	0	30	1	34	1	12
Porcentagem	0	38,5%	1,28%	43,6%	1,28%	15,4%

Os alunos da região sudeste são, na maioria, pessoas que se deslocaram do interior para a cidade de São Paulo, buscando melhorar suas condições de vida e, para tal, procuram

nos estudos um meio de obter uma melhor qualificação profissional e, conseqüentemente, um trabalho que lhes possibilite - e às suas famílias - uma melhor qualidade de vida. Os alunos da região sudeste, aparentemente, são os que buscam na EJA a oportunidade de ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho, devido à urgência determinada pelas necessidades familiares.

No entanto, os dados apresentados na Tabela 5 permitem-nos perceber que a maioria dos alunos é originária da cidade e da região de São Paulo, demonstrando que houve um momento em que também essas pessoas, por diferentes motivos, abandonaram seus estudos, só percebendo a necessidade de obter uma melhor qualificação profissional quando sentiram a necessidade de ter um emprego e que este é o fato que as leva a retornarem à escola, em busca de uma melhor formação.

Na Tabela 7 observamos os dados relativos aos níveis de escolaridade dos alunos da EJA. Podemos dizer que este nível de escolaridade também se modificou desde o início da EJA, quando os alunos a buscavam para serem alfabetizados. Essa necessidade, pelo menos nas escolas selecionadas para estudo, na região do centro expandido de São Paulo, já não é mais evidente, visto que a maioria dos alunos (48,7%) que participou dessa pesquisa informou ter completado o ensino fundamental. Provavelmente, nessa região o intenso processo de urbanização e as exigências do mercado de trabalho tenham sido alguns dos determinantes deste relativo aumento do nível de escolaridade dos alunos da EJA. Esse fator muda, de maneira contundente, o perfil e as expectativas desses alunos. Vale ressaltar, que apesar da busca pela escolarização não há, de fato, a conclusão destes estudos pela grande maioria dos alunos.

O problema da não-escolarização da população é bastante sério e não estamos falando apenas de analfabetismo. Segundo o Inep (2001), 41,35% da população entre 25 e 34 anos no Estado de São Paulo não tem o ensino fundamental completo. Na cidade de São Paulo, em 2003, a população com mais de 25 anos de idade que não tinha 8 anos de escolaridade perfazia o total de 50,3% (IBGE/Seade, 2003). É verdade que as taxas de analfabetismo vêm apresentando constante diminuição em termos nacionais, conforme apontam dados do Inep, mas há uma outra preocupação, além da não conclusão do ensino fundamental: a questão do analfabetismo funcional (SÃO PAULO, 2008).

No entanto, não podemos fazer a mesma afirmação para as outras regiões da cidade de São Paulo, já que a grande dimensão territorial, bem como a diversidade cultural

presente naquela metrópole, muitas vezes, acentuam (ou atenuam) os problemas ou as expectativas nelas presentes, com respeito à educação.

Tabela 7 – Níveis de escolaridade dos alunos das três escolas que oferecem a EJA, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda). (NV = Nível de escolaridade; EF = Ensino Fundamental; EM = Ensino médio).

NE	EF incompleto (1ª a 7ª série)	EF completo	EM incompleto (1º ao 2º Ano)	Não respondeu
Nº de alunos	28 alunos	38 alunos	3 alunos	9 alunos
Porcentagem	35,9%	48,7%	3,8%	11,5%

Podemos observar na Tabela 8 que a grande maioria dos alunos que respondeu ao questionário reside relativamente próximo à escola que frequenta, o que reforça a idéia de que a proximidade da instituição é um facilitador para o acesso à desejada formação.

Este é um dado que precisaria ser levado em conta, quando existe a intenção de se abrirem novas salas destinadas à EJA.

Tabela 8 – Distâncias entre as residências dos alunos e as escolas onde estudam, localizadas na região do centro expandido de São Paulo (Moema, “Centro Velho” e Barra Funda). (NR = Não responderam).

Proximidade da moradia do aluno com relação a escola	Residem próximo à escola (até 30 min. a pé)	Residem longe da escola (acima de 30 min. a pé)	NR
Número de alunos	55	22	1
Porcentagem	70,5%	28,2%	1,3%

Considerando que é comum a grande rotatividade desse segmento educacional nas escolas, e que a abertura ou desativação de salas destinadas à EJA, aparentemente, tem ocorrido de forma aleatória, seria muito importante que, neste contexto, as autoridades competentes pudessem conhecer e levar em conta as demandas locais por essa modalidade de ensino. Diante do problema, julgamos que também deve ser considerado um outro aspecto, igualmente significativo, que diz respeito à dificuldade ou à impossibilidade dos

alunos estabelecerem uma identidade com as suas escolas, visto que a cada ano estas mudanças ocorrem sem que, na maioria das vezes, os motivos das mesmas sequer sejam conhecidos pelos professores que atuam na EJA.

A seguir, nas tabelas 9 a 12, apresentamos os dados que também nos permitiram conhecer um pouco mais sobre as escolas selecionadas para estudo e traçar o perfil das mesmas.

Perfil das Escolas

As informações que permitiram a caracterização das escolas foram obtidas mediante entrevistas, realizadas com os professores, e observações feitas na região do entorno das escolas. Nas Tabelas 9 a 12 apresentamos os dados obtidos, usados para se traçar os perfis das escolas que oferecem a EJA, na região do centro expandido de São Paulo. A localização das escolas, em diferentes regiões da cidade, nos possibilitou conhecer as distintas realidades e as diversas características resultantes da grande diversidade existente em uma metrópole como São Paulo.

Tabela 9 – Características de cinco das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.

Escola - Professor	Região da escola	Acesso com relação ao marco zero “Catedral da Sé” e Condução	Ponto de Referência	Data da Entrevista	No. de Contatos por telefone e e-mails para agendar a entrevista	Dificuldades para a marcar entrevista e durante a entrevista
E1- P1	Sé	1 ônibus	Próximo à Baixada do Glicério	18/03/09	1 pessoalmente com o coordenador	conversa inicial sem dificuldades com o coordenador; muito receptivo.
E2- P2	Belém	1 metrô Linha vermelha	Próximo ao Cemitério e ao <i>Shopping Tatuapé</i>	19/03/09	3: 1 pessoalmente e 2 por telefone	No primeiro contato o coordenador estava ocupado e, após, agendamento por telefone.
E3-P3	Moema	2 ônibus	Próximo à Avenida Santo Amaro	20/03/09	5: 1 pessoalmente e 4 por telefone	No primeiro contato o coordenador não estava e,

E4-P4	Vila Leopoldina	1 metrô, 1 trem e 1 ônibus	Próximo à estação CPTM Leopoldina	23/03/09	1 pessoalmente	após tentativas, agendamento por telefone. Conversa inicial com a coordenadora; colocou-se a disposição para consultar qual seria o professor que poderia auxiliar.
E5- P5	Saúde	1 metrô e 1 ônibus	Próximo à Avenida Tancredo Neves	24/03/09	3:1 pessoalmente e 2 por telefone	Aguardei 1,5 h na escola, mas a professora faltou, apesar de já termos agendado a entrevista; esta foi realizada com outro professor.

A E1 está localizada em uma região próxima ao “centro velho” de São Paulo, na denominada baixada da Glicério. O bairro apresenta as seguintes características: muitos migrantes nordestinos e estrangeiros que habitam as várias pensões ou moradias de baixo custo presentes na região; é significativo o índice de criminalidade na região e o professor entrevistado disse que a maioria dos alunos que estuda nessa escola quer se mudar do bairro, pois acredita que isto poderia fazer diferença no momento de conseguirem um emprego, já que existe o risco de serem confundidos com os traficantes ou criminosos, só pelo fato de habitarem ali. Foi salientada, pela coordenação e pelo professor (P1) desta escola, a necessidade de mais pesquisas sobre a EJA e a EA.

A E2, próxima a uma grande avenida que corta a zona leste de São Paulo, está localizada em uma região tranquila quanto à ocorrência de criminalidade e quanto à facilidade de deslocamento oferecida aos seus moradores. Os alunos dessa escola são trabalhadores da região, no entanto, a maioria deles não reside próximo à instituição de ensino.

A E3 possui uma infra-estrutura muito boa e está próxima de um bairro que se caracteriza por apresentar uma população financeiramente abastada. A maioria dos alunos

são porteiros ou empregadas domésticas que residem em seus empregos e que vão para as suas casas apenas nos finais de semana. A professora e a coordenadora dessa escola salientaram a necessidade de mais estudos sobre a temática ambiental na EJA, bem como a necessidade de um material específico para a realização desse trabalho dos professores na escola.

A E4 está localizada próximo à CPTM da Vila Leopoldina; nesta região há muitos trabalhadores que buscam melhores possibilidades de qualificação, na expectativa de obterem um melhor emprego. A professora salientou que muitos deles desistem do curso devido à incompatibilidade de horário entre a escola e o trabalho.

A E5 está situada em um local afastado e, devido à existência de vários terrenos baldios nas imediações, há presença de muito lixo; é evidente o descaso, por parte das autoridades ou órgãos competentes, para com toda aquela área ao redor da escola. A iluminação é relativamente precária, o que amedronta os alunos pelo fato de estudarem no período noturno.

O professor entrevistado questionou o fato de sermos professora de Ciências e estarmos investigando uma temática da área de Educação; manifestou que acha interessante esse tipo de trabalho, no sentido de incrementar as práticas cotidianas dos professores, independente de suas áreas de formação acadêmica.

Tabela 10 – Características de cinco das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.

Escola-Professor	Região da escola	Acesso com relação ao marco zero “Catedral da Sé”-Condução	Ponto de Referência	Data da Entrevista	Nº de Contatos por telefone e e-mails para agendar	Dificuldade para marcar entrevista; durante a entrevista
E6-P6	Barra Funda	1 metrô	Entre as estações de metrô Mal. Deodoro e Barra Funda	25/03	10: 2 pessoal e 8 por telefone	Conversar com a coordenação para indicação do professor. Atraso da profa. No dia da entrevista. Aguardei por 3 horas.
E7-P7	Vila Mariana	1 metrô	Próximo Estação	26/03	5: 3 pessoal	Professor indicado

			Paraíso do metrô		e 2 por telefone	pela direção disse não trabalhar com a temática; outro prof. foi indicado e, após negociação decidiu conceder a entrevista.
E8-P8	Perdizes	3 ônibus	Próximo ao <i>Shopping Bourbon</i>	30/03	6: 1 pessoal e 5 por telefone	A entrevista ocorreu com tranquilidade; prof. disponível e receptivo.
E9-P9	Brás	1 ônibus	Próximo à Avenida Celso Garcia	31/03	10: 3 pessoal e 7 por telefone	Entrevista marcada no primeiro contato, pessoalmente Na data agendada o coordenador desmarcou e disse que deveria voltar em outro dia.
E10-P10	Cambuci	1 ônibus	Próximo Largo do Cambuci	01/04	5: 2 pessoal e 3 por telefone	Agendamento foi difícil, mas depois tudo correu bem.

A E6 se localiza próximo ao Hospital de Clínicas e de diversas estações de metrô, o que possibilita acesso rápido à instituição de ensino. A maioria dos alunos dessa escola é constituída por jovens que abandonaram os estudos por falta de interesse, já que, segundo a professora entrevistada, o ensino é desconectado da realidade do aluno e isto faz com que ele se desinteresse pelo aprendizado. No entanto, há também os que deixaram os estudos por necessidade de trabalhar.

No momento da entrevista foi possível acompanhar uma aula e foi possível observar que a prática da professora era a tradicional: uso da lousa; cópias de textos, a serem entregues para receberem um visto e valerem ponto na média. Tal observação nos permitiu refletir sobre o fato de que, apesar do tempo reduzido disponível para o ensino supletivo, a professora utiliza o mesmo formato de aula que ministra nas salas regulares.

A E7 se localiza em uma região de fácil acesso; a docente entrevistada manifestou não julgar importante e nem necessário o ensino supletivo, já que, segundo ela, não há mais demanda no nosso país que justifique a necessidade das escolas oferecerem a formação para jovens e adultos. A professora questionou a importância desta pesquisa, dizendo que esta era desnecessária, pois no Brasil não há mais analfabetos.

A E8 está localizada nas proximidades de um centro comercial e de um estádio de futebol, inserida em um local de difícil acesso devido às dificuldades relativas à disponibilidade de condução; há muitos usuários para as poucas conduções públicas disponíveis. Os alunos, segundo o professor, são: “trabalhadores; muitos deles são “de fora”, do Jaraguá, da zona norte e não do bairro. De acordo com a professora, as pessoas vêm do trabalho, estudam e depois voltam para as suas casas; são pessoas mais vividas e muitas vieram do nordeste; são pessoas dedicadas e que têm interesse”.

A E9 está muito próxima do centro popular de comércio do Brás; o acesso a ela é difícil devido à grande quantidade de pessoas que utilizam o transporte público naquela região. É um bairro marcado pela presença de imigrantes, o que às vezes causa conflitos entre os estudantes.

A E10 está situada em local de fácil acesso e apresenta um público diferenciado, segundo a professora. Os alunos são pais e ou avós; são muito interessados e residem em região próxima ao Largo do Cambuci.

Tabela 11 – Características de sete das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo que oferecem a EJA.

Escola/ Professor	Região da escola	Acesso com relação ao marco zero “Catedral da Sé”- Condução	Ponto de Referência	Data da Entrevista	Nº de Contatos por telefone e e-mails para agendar entrevista	Dificuldade para marcar entrevista/ durante a entrevista
E11- P11	Vila Madalena	Linha azul e Linha verde do metro	Próxima à rua Oscar freire	01/04/09	4 contatos: 1 pessoalmente e 3 por telefone	Agendamento e a entrevista foram tranquilos.
E12-P12	Mooca	2 ônibus	Próxima à rua da Mooca	02/04/09	6 contatos: 1 pessoalmente e 5 por telefone	Aguardei a professora por longo período; a entrevista ocorreu bem, pois ela preferiu sair da sala para conversar. Apesar da
E13-P13	Lapa	2 ônibus	Próximo	03/04/09	8 contatos: 1	

			CTPM da lapa		5 telefônicos 2 e-mails 6 contatos: 1 pessoalmente; 3 e-mails; 2 via telefone 9 contatos: 1 pessoalmente; 8 por telefone 15 contatos: 1 pessoalmente; 14 telefônicos 8 contatos: 1 pessoalmente; 7 telefônicos	entrevista ter sido gravada, aguardei o professor por 3 horas e a entrevista foi concedida durante o intervalo da escola. A conversa foi tranquila e a receptividade foi muito boa. O professor foi receptivo e compartilhou as dificuldades de realizar seu trabalho naquela realidade. Houve demora no agendamento da entrevista, pois a professora estava doente e tirou licença. O contato foi tranquilo; a dificuldade maior foi para o agendamento (disponibilidade da professora para conversar).
E14-P14	Pinheiros	2 ônibus	Próximo à Cardeal Arcoverde	06/04/09		
E15-P15	Santa Cecília	2 ônibus	Próximo à Estação de trem Julio Prestes - área da "cracolândia"	07/04/09		
E16-P16	Alto Pinheiros	2 ônibus	Próximo ao Parque Vila Lobos	07/04/09		
E17-P17	Parque Sevilha	2 ônibus	Próximo à rua do Oratório	09/04/09		

A E11 se localiza em um bairro de fácil acesso, seja por ônibus ou metro. Os alunos dessa escola trabalham nessa região; muito são jovens e não são moradores locais. A região é tipicamente habitada por famílias de classe média e, assim, há muitos alunos que ali trabalham e estudam, mas depois se deslocam até suas residências.

A E12 também está localizada em uma região de fácil acesso. Tivemos que esperar por um longo tempo pela professora que concederia a entrevista! Os alunos dessa escola são jovens que deixaram de estudar por falta de interesse, por dificuldade de aprendizado ou por necessidade de trabalhar para poderem ajudar a família.

A E13 se localiza próximo a um bairro comercial e à estação da CPTM; os alunos são profissionais da região, que estão buscando uma melhor qualificação e ascensão profissional.

A E14 está localizada próximo de um bairro comercial; apesar disso, o entorno da escola é pouco habitado e apresenta iluminação precária. Tivemos muita dificuldade para

ter acesso à escola, pela falta de elementos que nos possibilitassem estabelecer contato; nem mesmo o telefone era atendido!

A E15 se localiza em uma região muito perigosa, caracterizada por inúmeros consumidores de drogas ilícitas, o que faz com que o trabalho na EJA seja mais difícil. Em algumas situações, o professor precisa lidar com alunos drogados, alcoolizados. No dia da entrevista, presenciamos cerca de 100 pessoas que estavam encostadas próximo ao muro da escola, aguardando para serem revistadas pela polícia; eram pessoas aparentemente drogadas e se mostravam descuidadas e sujas; provavelmente vítimas da realidade do bairro, da criminalidade. O local é cheio de entulhos e pouco iluminado.

A E16 também se localiza em uma região de difícil acesso. O local é cercado de conjuntos residenciais e, para chegar até lá, há necessidade de um deslocamento a pé, por uma escadaria, onde, no dia da entrevista, constatamos a presença de garotos se drogando.

A E17, assim como a E16, também se localiza em uma região de difícil acesso, apesar da proximidade da Avenida Salim Farah Maluf. A iluminação no entorno da escola deixa muito a desejar e as ruas apresentam grande quantidade de entulho. Segundo os próprios funcionários da escola, é preciso ter muito cuidado para caminhar nas imediações da escola, pois aquele é um bairro perigoso.

Tabela 12 – Características de sete das escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, que oferecem a EJA.

Escola/ Professor	Região de localização da escola	Acesso com relação ao marco zero “Catedral da Sé”- Condução	Ponto de Referência	Data da Entrevista	Número de Contatos por telefone e e-mails para agendamento da entrevista	Dificuldades para marcar entrevista; durante a entrevista
E18-P18	Pari	2 ônibus	Próximo à rua Maria Marcolina	09/04/09	10 contatos: 1 pessoalmente; 8 telefônicos 1 e-mail	Dificuldade para realizar a entrevista. A conversa se iniciou de maneira difícil, já que a professora não permitiu a gravação, pois disse que não ficaria a vontade.
E19-P19	Bom retiro	2 ônibus	Próximo à Estação Tiradentes	15/04/09	11 contatos: 2 pessoalmente; 9 contatos telefônicos	Entrevista um pouco corrida, pois a professora estava com o tempo escasso.

E20-P20	Pinheiros	2 ônibus	Próximo à Ponte Espraiada	08/05/09	3 contatos: 3 telefônicos	Ótima receptividade.
E20-P21	Pinheiros	2 ônibus	Próximo à Ponte Espraiada	08/05/09	3 contatos: 3 telefônicos	Ótima receptividade.
E21-P22	Consolação	2 ônibus	Próxima à rua Martins Fontes	Sem data	28 contatos: 1 pessoalmente; 27 telefônicos	A escola não permitiu a entrevista.
E22-P23	Bela Vista	1 ônibus	Próximo à Av. Brigadeiro Luis Antonio	Sem data	15 contatos: 1 pessoalmente; 14 telefônicos	A escola não permitiu a entrevista.
E23-P24	Aclimação	1 ônibus	Próximo ao Parque da Aclimação (parte de trás do parque)	Sem data		A coordenadora disse não ter interesse em participar dessa pesquisa, pois enfatizou que os professores não estavam interessados em participar, já que, participar de pesquisas não era procedimento institucional. E isso não acrescentaria. Cabe ressaltar que a coordenadora nem ao menos questionou seus professores

A E18 está localizada em uma região de acesso restrito e no entorno da mesma há muito terrenos baldios e moradores de rua, que convivem com entulhos. A iluminação é precária e a grande maioria dos estudantes da EJA é constituída por estrangeiros de descendência Andina (são peruanos, bolivianos e colombianos).

A E 19 se localizada em uma região bem servida de meios de transporte, de estações de metro e de ônibus, portanto, uma região de fácil acesso; nas suas proximidades está a estação de metro Tiradentes e o prédio da Rota. Apesar da tranquilidade local, o prédio da escola aparenta abandono, mostrando a evidente necessidade de passar por reformas internas.

A E20 está situada em uma localidade de acesso bem complicado; não há uma condução que chegue diretamente até o local e, portanto, após chegar até às proximidades da escola, é preciso caminhar, ainda, por cerca de 1 hora. Observamos que a instituição apresenta uma boa organização interna e vista para a ponte espraiada de Pinheiros.

A E21, localizada próximo à rua Martins Fontes, possui fácil acesso, apesar de estar em um local um pouco abandonado e apresentar necessidade de reformas. Tivemos bastante dificuldade para ter acesso aos representantes desta escola e, mesmo após o estabelecimento de inúmeros contatos, ainda não nos foi permitido realizar a entrevista.

A E22 localiza-se no início da Avenida Brigadeiro Luis Antonio. A Direção da escola sequer se disponibilizou a nos atender, mostrando certo descaso e desinteresse, pois disse que “Não poderia nos atender, apesar de ter sido previamente marcado um horário com a secretaria da direção”.

Na E23 não fomos muito bem acolhidas; fomos atendidas com bastante descaso, através de uma janela gradeada. Disseram que a escola não tinha professores que trabalhavam com a EA ou a temática ambiental e que, por esse motivo, não poderiam nos ajudar de forma alguma, até por que sabiam que nenhum professor teria o interesse de participar da pesquisa.

A Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental na visão dos alunos

A tabela treze reúne as características apresentadas pelos alunos das três escolas que oferecem a EJA e que nos permitiram aplicar o questionário. As categorias foram criadas de acordo com as respostas obtidas nos questionários. Com respeito às manifestações dos alunos sobre a importância atribuída à EJA como uma possibilidade para a melhoria de sua formação, obtivemos que: incentiva os estudos, ou seja, possibilita ao aluno sonhar com um futuro melhor diante dos desafios da sociedade, por exemplo, ingressar na Universidade, realizar cursos de formação técnica, aprender. Assim, acreditamos que as escolas devem aproveitar estas expectativas para nelas embasar discussões teóricas sobre os aspectos sociais e culturais considerados importantes para a real inserção do aluno da EJA na sociedade.

Apesar da aparente disponibilidade que os alunos demonstraram para a busca de uma melhor qualidade de vida, percebe-se que a EA não tem sido trabalhada de modo a lhes possibilitar reflexões a respeito do contexto de trabalho e escola que vivenciam, pois embora alguns estudantes tenham afirmado “se lembrarem de ter estudado sobre a EA”, estes não tinham clareza sobre como esses estudos haviam sido conduzidos na escola.

As informações que se seguem nos fornecem algumas das características destes

alunos.

Tabela 13 - A Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental na visão dos alunos.

ALUNOS	Motivos pelos quais o aluno interrompeu seus estudos	Motivos que o levou a retomar os estudos	Objetivos para terminar a EJA	EJA auxilia a alcançar os objetivos?	EJA auxiliando a inclusão na sociedade. Como?	Já estudou EA? Como?	Importância da EA para a formação pessoal
A1	Trabalhar e ajudar mãe.	Necessidade	Emprego	Incentivo continuar estudando	Trocar experiências	Não lembra	Com certeza
A2	Não parou - Acelerar estudos	Não respondeu	Faculdade	Não respondeu	Ampliar oportunidades	Nunca estudou	Acha que sim
A3	Falta de interesse.	Necessidade	Faculdade	Dando Esperança	Ampliação De conhecimentos	Estudo na geografia	Sim
A4	Trabalhar Falta de interesse.	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Terminar a escola rápido	Trocar experiências	Qualidade de vida e cuidar do ambiente	Importante formação pessoal e profissional
A5	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Ainda não decidiu	Aprendendo Mais	Ampliação De conhecimentos	Nunca estudou	Sim
A6	Mudança de residência.	Ampliar chance de trabalho	Curso	Não Sabe	Ampliar oportunidades	Pais ensinaram	Sim
A7	Trabalhar	Necessidade	Curso	Oportunidades	Trocar experiências	Não lembra	Sim
A8	Não parou - Acelerar estudos	Não parou	faculdade	Aprendendo mais	Ampliação De conhecimentos	não	Sim
A9	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Cursos	Aprendendo mais	Trocar experiências	Sim não jogar lixo na rua	Sim
A10	Falta de oportunidade	Para se defender da sociedade	Estudar mais	Não possibilita	não	Não respondeu	Sim cuidar melhor do planeta
A11	Falta de oportunidade	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Não ajuda muito por ser reduzido	Não respondeu	Não lembra	Sim
A12	Trabalhar	Maior disponibilidade de tempo	Faculdade	Terminar a escola rápido	Sim	Sim	sim
A13	Falta de interesse	Ampliar chance de trabalho	Curso	Incentivo continuar estudando	Sim	Não	Sim educação base para tudo
A14	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Não sabe	Não respondeu	Sim	sim	Sim
A15	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Incentivo continuar estudando	Ampliação De conhecimentos	Não respondeu	Sim
A16	Medo estudar a noite	Incentivo	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	Conhecer animais	Sim
A17	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Oportunidades	Trocar experiências	geografia	Sim
A18	Mudança de	Necessidade	Cursos	Oportunidade	Ampliação	Ciências	Não

	cidade			es	De conhecimentos		respondeu
A19	Trabalhar	Necessidade	Concursos	Aprendendo mais	Trocar experiências	Não	Sim
A20	Não respondeu	Necessidade	Curso	Não ajuda muito por ser reduzido	Sim	não	Sim
A21	Trabalhar	Nova chance	Não sabe	Oportunidad es	Trocar experiências	não	Sim
A22	Trabalhar	Necessidade	curso	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	Não	Sim
A23	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Estudar mais	Aprendendo mais	Trocar experiências	não	Sim
A24	Não parou- acelerar estudos	Não respondeu	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	sim	Sim
A25	Trabalhar	Nova chance	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	reciclar	Sim
A26	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu	Sim
A27	Trabalhar	Faculdade	Faculdade	Oportunidad es	Ampliar oportunidades	não	Sim
A28	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Acabando mais rápido	Trocar experiências	Sim	Sim
A29	trabalhar	Faculdade	Faculdade	Oportunidad es	Ampliar oportunidades	Ciências	Não
A30	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Em tudo	Ampliar oportunidades	Não	Sim
A31	Não respondeu	Faculdade	Faculdade	Suporte	Ampliação De conhecimentos	Nunca estudei	Sim
A32	Trabalhar	Necessidade	Faculdade	Não respondeu	Não respondeu	Nunca estudei	Sim
A33	Família-gravidez	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	Nunca estudei	Sim
A34	Família	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Acabando mais rápido	Ampliar oportunidades	não	Sim
A35	Trabalhar	Continuidad e estudos	Curso	Aprendendo mais	Trocar experiências	Nunca estudei	Sim
A36	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Aprendendo mais	Não respondeu	sim	Sociedade- educação social
A37	Mudar de cidade	Porque gosta	Estudar mais	Não respondeu	Ampliação De conhecimentos	Participando	Estudando
A38	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	Nunca estudei	Sim
A39	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Estudar mais	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	sim	sim
A40	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Estudar mais	Emprego	Não respondeu	sim	Não respondeu
A41	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Curso	Não respondeu	Trocar experiências	Sim – falando sobre o bairro	Sim
A42	Falta de interesse	Ampliar chance de	Estudar mais	Não respondeu	Ampliar oportunidades	não	Sim

A43	Familia	trabalho Voltou trabalhar	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	geografia	Sim enchentes comunidade
A44	Trabalhar	Não respondeu	Estudar mais	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	Geografia	Glicério Educação filhos
A45	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Trabalhar lugar melhor	Em tudo	Ampliar oportunidades	sim	Sim
A46	Falta de oportunidade	Faculdade	Faculdade	Oportunidad es	sim	Sim cuidado com o lixo	Sim
A47	Falta de oportunidade	Ampliar chance de trabalho	Estuda mais	Aprendendo mais	Trocar experiências	Sim aqueciment o global	Sim
A48	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	geografia	Sim
A49	Trabalhar	Por vontade pessoal	Não sabe	Não respondeu	Trocar experiências	Sim todas materiais	Não sabe
A50	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Não respondeu	sim	Sim
A51	Não respondeu	Não respondeu	Estudar mais	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	Nunca estudei	Não respondeu
A52	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Goleiro e forças armadas	Aprendendo mais	Não respondeu	Não	Sim
A53	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Forças armadas	Aprendendo mais	Não respondeu	Não respondeu	Sim
A54	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Não sabe	Em tudo	Não respondeu	sim	Sim
A55	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Não respondeu	Não está ajudando	Não respondeu	sim	Sim
A56	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Trabalhar lugar Melhor	Aprendendo mais	Ampliação De conhecimentos	Nunca estudei	Sim
A57	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	Às vezes	Sim
A58	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	sim	Nunca estudei	Sim
A59	Não parou- acelerar estudos	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Aprendendo mais	Trocar experiências	sim	Sim
A60	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	Nunca estudei	Sim
A61	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Jogador de futebol	Aprendendo mais	Não respondeu	Não	Sim
A62	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Jogador de futebol	Não está ajudando	Ampliar oportunidades	geografia	Sim
A63	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Sim	Nunca estudei	Sim
A64	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Cantora e auxiliar administrati va	Aprendendo mais	Ampliação De conhecimentos	Água	Sim
A65	Não parou- acelerar estudos	Não parou	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliar oportunidades	sim	Sim
A66	Mudou de cidade	Não	Finalizar	Aprendendo	Ampliar	palestra	Sim

		respondeu	escola	mais	oportunidades		
A67	Trabalhar	Parou de trabalhar	Cursos	Aprendendo mais	Não respondeu	sim	Sim
A68	Falta de interesse	Concurso	Faculdade	Oportunidades	Ampliar oportunidades	sim	Sim
A69	Família	Filho se formou	Faculdade	Rapidez e gratuito	Ampliar oportunidades	Sim	Sim
A70	Não parou-acelerar estudos	Não respondeu	Faculdade	Em tudo	Ampliação De conhecimentos	Não	Sim
A71	Trabalhar	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliação De conhecimentos	Nunca estudei	Sim
A72	Família	Faculdade	Faculdade	Aprendendo mais	Ampliação De conhecimentos	Sim conscientiza	Sim
A73	Família	Ampliar chance de trabalho	Concurso	Oportunidades	Trocar experiências	ção sim	Sim
A74	Mudou do país	Ampliar chance de trabalho	Curso	Oportunidades	Ampliação De conhecimentos	Não jogar lixo	Não respondeu
A75	Mudar de cidade	Ampliar chance de trabalho	Trabalhar lugar Melhor	Oportunidades	Ampliação De conhecimentos	Nunca estudei	Sim
A76	Família	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Oportunidades	Ampliação De conhecimentos	sim	Sim
A77	Financeiro	Ampliar chance de trabalho	Faculdade	Oportunidades	Ampliação De conhecimentos	sim	Sim
A78	Doença	Diploma	Faculdade	Oportunidades	Ampliação De conhecimentos	sim	Sim

A Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental na visão dos professores entrevistados

Com respeito aos professores foi possível, ainda, por meio das entrevistas, coletarmos dados que complementaríamos seus perfis. Na expectativa de melhor caracterizar o professor da EJA, consideramos que seria importante conhecer quais teriam sido suas motivações para a escolha desta profissão, ou seja, quais teriam sido os fatores sociais (imposição familiar), pessoais (afinidade com a disciplina ou com os conteúdos estudados na universidade) e profissionais (reconhecimento profissional) que os teriam influenciado nessa escolha.

No Quadro 1 estão reunidas as categorias de análise que nos permitiram conhecer os motivos pelos quais os professores entrevistado buscaram esta profissão.

Quadro 1 - Motivos que levaram o professor à escolha da profissão.

Categorias	Professores
1.1 Motivo Pessoal	50%
1.2 Realização Profissional	32%
1.3 Motivos Sociais (Financeiro)	18%

A escolha devida a motivos pessoais representou as respostas de 50% dos professores entrevistados, ou seja, esta opção se deu em função de situações presentes em um determinado momento de suas vidas, como diante da decisão de começar a trabalhar, por exemplo. A escolha da profissão por afinidade com a área de Educação representou as respostas de 32% dos entrevistados, ou seja, estes sonhavam ou tinham a expectativa de serem professores. A escolha associada à influência de fatores sociais, obtida nas respostas de 18% dos entrevistados, foi atribuída, principalmente, à necessidade de terem que trabalhar para poder pagar a faculdade.

A transcrição de recortes de algumas das falas dos professores entrevistados, apresentados a seguir, pode ilustrar algumas dessas situações.

1.1 Motivo Pessoal

P1 - “[...] então eu vim pra cá e fiquei 10 anos sem trabalhar; aí, de repente, eu senti necessidade e me formei em Estudos Sociais. Na época, licenciatura plena; ...eu uso aqui a minha licenciatura *plus*, que é em Geografia e História, OSPB, Educação Moral, essas áreas. ...Então eu entrei no estado e na prefeitura com licenciatura *plus* em Geografia e aí eu comecei a dar aula”.

P4 - “Eu me formei em Geografia e antes de me formar, quando eu estava no segundo ano da faculdade, já estava dando aula na rede pública e, logo depois, na particular também”.

P11 - “Eu trabalho desde que eu fazia o curso de graduação; eu comecei a dar aula em

curso regular e depois eu fiquei um tempo, uns seis anos, trabalhando na universidade, com pesquisa”.

1.2 Realização Profissional

P2 - “[...] Então... Eu comecei a dar aula faz cinco anos. Sempre dei aula na EJA. A primeira escola que comecei foi na EJA. Era um pessoal mais velho, era uma delícia dar aula”.

P3 - “Eu tinha um sonho de ser bióloga e fiz licenciatura em Ciências Biológicas na UNESP de Botucatu”.

P8 - “Eu sempre quis ser professor, desde criança! No ultimo ano, tinha que escolher e me identifiquei com a Geografia”.

1.3 Condições Sociais - Motivo Financeiro

P6 - “por questões mesmo financeiras; por questões de ter que sair da cidade onde a gente mora... Eu vim arriscar fora e acabei indo para a área da Educação e gostei de lecionar, né?”

P9 - “[...] As pessoas aconselhavam que era um emprego mais fácil para mulher; sempre tive muito interesse pela Biologia e em ser bacharel”.

P14 - “É, na realidade, quando você se forma você vai procurar emprego...”

A análise das respostas nos mostra que nem todos os entrevistados realmente optaram pela área de Educação e que muitos deles estão atuando na EJA apenas por ser o que lhes resta como opção no processo de atribuição de aulas pelas Secretaria Estadual ou Municipal de Educação, em função do número de pontos que lhes foram atribuídos durante suas trajetórias profissionais.

Nesse contexto, há professores que sequer consideram importante a existência da EJA, quanto mais a sua atuação nesse processo de ensino. Verifica-se, portanto, a existência de contradições entre o posicionamento de alguns professores e o que está presente na Constituição Federal promulgada em 1988 e que garantiu um importante avanço no campo da EJA. No artigo 208 desta, a Educação é considerada como um direito de todos, independentemente de idade, e nas disposições transitórias são definidas as metas

e recursos orçamentários para a erradicação do analfabetismo. Pode-se ler neste artigo que:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
I – Ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurado, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 1988).

Existem, no entanto, outras contradições, pois apesar de a Educação ser considerada como um direito de todos, chegamos à década de 1990 com políticas públicas educacionais pouco favoráveis ao setor da EJA, visto que os programas desta modalidade de ensino que foram oferecidos após 1988 não atenderam à demanda. Na I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (1999), o eixo central foi a educação voltada para “o respeito aos direitos humanos e para a construção de uma paz duradoura; esta seria uma educação continuada, mesmo depois da escola”.

A educação de adultos, de acordo com Gadotti e Romão (2001), passou a ser concebida como uma educação moral, ampla e, portanto, fazendo-se necessária uma educação “paralela”, fora da escola, cujo objetivo fosse contribuir para o respeito aos direitos humanos. Neste sentido, Soares (2002) se manifesta:

A mudança do ensino supletivo para a educação de jovens e adultos não é uma mera atualização vocabular. Houve um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação. Enquanto o termo "ensino" se restringe à mera instrução, o termo "educação" é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação (SOARES, 2002; 12).

A Inserção do professor na EJA

Além de conhecermos os motivos que fizeram com que os professores escolhessem tal profissão, seria interessante sabermos, também, quais teriam sido as motivações que os teriam levado a atuar na EJA. Assim, questionando os docentes a este respeito, obtivemos respostas que nos permitiram criar as categorias relacionadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Categorias de análise obtidas para os motivos que levaram o professor a atuar na EJA.

Categorias	Professores
2.1 Por opção	34%
2.2 Por acaso	47%

2.3 Por falta de opção

19%

O envolvimento em um determinado segmento educacional pode até ser uma escolha, se o professor dispõe de uma pontuação que lhe permite optar pelo que mais o satisfaz. No entanto, como nem sempre esta possibilidade existe, muitas vezes, a atuação do professor é imposta (embora indiretamente) pela Secretaria de Educação, como ocorre quando há a redução da carga horária de uma determinada disciplina, por exemplo. Nessas condições, para completar a sua carga horária, o professor assume o que está disponível e não exatamente o que quer e, dessa maneira, podemos observar que dos 21 professores entrevistados, 4 afirmaram atuar na EJA por falta de opção (19%) e 10 (47%) disseram estar atuando por acaso.

Os professores que afirmaram que sua inserção na EJA ocorreu por acaso justificaram suas respostas alegando que esta decisão não havia sido decorrente de um planejamento ou expectativa pessoal, ou seja, sem o envolvimento de fatores como motivação profissional ou afinidade.

O acesso a EJA por opção representou 34% das respostas obtidas. Vários professores disseram que era um desejo pessoal trabalhar nessa modalidade de ensino, pois isto lhes permitiria desenvolver trabalhos muito interessantes, contextualizados nas diversas realidades presentes na vida daqueles alunos.

A atuação na EJA por falta de opção representou as respostas de 19% dos professores; estes salientaram que só estavam na EJA por que houvera o encerramento de algumas classes, ou por que as aulas da EJA eram as que restaram no momento da atribuição de aulas, ou seja, foram estas as classes que sobraram para os professores que não tinham tanto tempo de carreira ou que não tinham uma pontuação suficiente que lhes permitisse fazer outra escolha.

A seguir, apresentamos os recortes de falas de alguns professores, para ilustrar estas situações.

2.1 Por opção

P4 - “Olha, quando começou a EJA eu já dava aula nessa região; dei aula 12 anos na Vila Madalena, mas como diminuiu bastante o ensino médio regular eu pedi remoção pra cá”.

P5 - “Foi minha escolha de trabalhar a noite. O ano passado eu trabalhei com EJA na prefeitura. Experiência de uns cinco anos”.

P8 - “Na EJA foi assim... Logo que ingressei, peguei uma carga horária noturna com bastantes aulas à noite e poucas à tarde... E não cansa trabalhar com eles!”.

2.2 Por Acaso

P7 - “Esse ano é o primeiro ano. Eu tive que pegar para completar a jornada. Está sendo uma experiência gratificante”.

P9 - “Entrei por acaso, em 2002”.

P21 - “A EJA foi consequência... Entrei na escola e tinha vaga!”.

2.3 Por falta de opção

P3 - “Trabalho com a EJA desde o primeiro ano da faculdade, pois, por estudar, só tinha possibilidade de trabalhar a noite”.

P6 - “... Como eu comecei a atuar na EJA? Eu comecei, não por opção. A minha jornada foi ficando pequena e as escolas foram fechando salas; foram abrindo espaço pra EJA e a gente, então, para completar uma jornada de trabalho, aceitava”.

P19 - “A EJA? ...Bom, a gente tem que completar uma jornada”.

A EJA para o professor e para o aluno

Percebendo que nem todos os professores optaram por atuar na EJA, julgamos interessante conhecer, afinal, o que estes profissionais pensavam a respeito do trabalho que realizam naquela modalidade de ensino, assim como era importante conhecermos a opinião dos alunos sobre aquela modalidade de ensino.

As respostas obtidas para esta questão foram organizadas segundo as categorias apresentadas na Quadro 3.

Quadro 3 - Categorias de análise para os dados obtidos sobre o que representa a EJA para o professor (P) e para os alunos (A).

Categorias	Alunos	Professores
3.1 Possibilidade de aceleração dos estudos.		P7, P11, P12

3.2 Oportunidade de retomada da formação.	A10, A23, A37, A39, A40, A42, A44, A47, A51	P3, P10, P13, P19
3.3 Esperança de alcançar algo melhor, no futuro (faculdade, cursos, emprego).	A1, A2, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A11, A12, A13, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A22, A24, A25, A26, A27, A28, A29, A30, A31, A32, A33, A34, A35, A36, A38, A41, A43, A45, A46, A48, A50, A52, A53, A56, A57, A58, A59, A60, A61, A62, A63, A64, A65, A66, A67, A68, A69, A70, A71, A72, A73, A74, A75, A76, A77 A78.	P1, P2, P4, P5, P6, P8, P9, P14, P15, P16, P17, P18, P20, P21
3.4 Não respondeu (não sabe)	A5, A14, A21, A49, A54, A55	-

Compreender o papel que o professor atribui à EJA pode nos facilitar o entendimento do modo como este direciona a sua prática. É evidente que o empenho docente está associado à importância que o mesmo atribui ao seu trabalho e esta importância, por sua vez, também está atrelada à expectativa e à participação de seus alunos. Assim, pareceu-nos igualmente importante conhecer a maneira como estes, além dos seus professores, entendem a EJA.

A EJA é considerada, pelos os professores e alunos das escolas envolvidas neste estudo, como uma oportunidade de melhoria de vida, seja pela possibilidade de conquistarem um espaço no mercado de trabalho, seja pela chance de obterem uma melhor qualificação (faculdades, cursos), que lhes permita o acesso a um novo e melhor emprego ou ao primeiro emprego.

Um outro aspecto, também lembrado pelos professores e alunos foi que a EJA é uma oportunidade - a única, para muitos deles - de retomarem a vida escolar, ou seja, de voltarem à escola após terem abandonado os estudos, já que as circunstâncias que enfrentam em suas vidas – o trabalho, a família, a necessidade de desenvolvimento pessoal – requerem uma ampliação do conhecimento. Há casos em que essa retomada, por parte de alguns dos estudantes, ocorre com o objetivo de equipararem os seus conhecimentos aos de seus filhos, inclusive para com eles poderem trocar idéias ou, ainda, para auxilia-los nos seus deveres escolares.

Com efeito, a EJA é uma necessidade primordial na sociedade brasileira, onde a

população sofre pela exclusão associada à falta de formação escolar de indivíduos que tiveram que abandonar seus estudos em virtude de dificuldades econômicas, diante da necessidade de terem que ingressar precocemente no mundo do trabalho ou de dificuldades cognitivas. Em Brasil (2000) pode-se constatar que realmente tem sido registrado ao longo dos anos, devido à influência dos fatores acima citados, um grande número de jovens e adultos que não lograram terminar o ensino fundamental, obrigatório, além daqueles que sequer tiveram acesso a essa possibilidade.

Tanto os professores como os alunos da EJA consideram a modalidade de ensino como uma importante contribuição para o processo de inclusão dos sujeitos na sociedade, embora tenhamos registrado exceções nesse sentido, quando um dos professores entrevistados (P7) alegou que a EJA, atualmente, no Brasil, não tem mais razão de ser.

Realmente, de acordo com Freire (1999), o papel dos educadores é decisivo para a inserção do aluno não só na escola, mas na sociedade e no mundo, visto que cabe a eles denunciar a pouca prioridade que se dá à educação. Essa denuncia deve ser realizada não só por meio de seus discursos, mas de ações eficientes, que busquem o engajamento da sociedade nas lutas pelas mudanças que se julgam necessárias. O autor acrescenta, ainda: “Vale dizer que o homem, como sujeito e não como objeto de sua educação, tem um compromisso com sua realidade e nela deve intervir cada vez mais” (FREIRE, 1999: 119).

Apresentamos, a seguir, recortes de algumas das falas dos professores (P) e alunos (A) entrevistados, com respeito ao que pensam sobre a função ou importância da EJA na sociedade.

3.1 Como possibilidade de aceleração dos estudos

P7 - “Não precisaria existir a EJA. Não precisaria existir! Não tem demanda! É só para recuperar o tempo perdido...”

P11 - “Para finalizar o curso rapidamente.”

P12 - “EJA? Resgate da tempo perdido!”

3.2 Oportunidade de retomada do processo de formação (consciência de que a educação está fazendo falta na sua vida)

P3 - “A EJA é uma nova oportunidade de aprendizado”.

P10 - “Primeiro, eles já tem uma idade e são mais maduros e uma das coisas é sensibilizá-los com o que acontece com eles”.

P19 - “Recuperar o tempo”.

A23 - “Para um melhor relacionamento com as pessoas”.

A39 - “A educação é algo essencial para possibilitar a participação na sociedade”.

A44 - “Educação... Para estar no meio da sociedade”.

3.3 Esperança de alcançar algo melhor no futuro (educação como possibilidade de melhoria social e econômica)

P1 - “há uma grande procura... e todos os dias as pessoas, os alunos, que chegaram hoje ou há um mês, que vem da Paraíba, Pernambuco e assim por diante, eles vem em busca de uma condição melhor; vem em busca de trabalho e acabam sabendo que tem, aqui, a educação noturna”.

P2 - “Educação! É uma maneira de você abrir o horizonte e abrir as possibilidades”.

P4 - “Às vezes, apenas por uma cobrança no trabalho e, outras vezes, por estar almejando entrar numa faculdade; mas a maioria era de pessoas que vinham do hospital das clínicas, pessoas pressionadas pelo seu serviço pra terminarem o ensino médio”.

P5 - “Em função da demanda social; necessidade no trabalho”.

A1 - “Arrumar um bom emprego; se possível, continuar o estudo”.

A38 - “Eu quero fazer faculdade de Direito”.

A59 - “Concluir o ensino médio e, depois, cursar uma faculdade”.

3.4 Não respondeu

Embora todos tivessem a possibilidade de responder a este questionamento, 6 alunos (7%) não o fizeram. Certamente não podemos atribuir este fato a um descaso por parte destes estudantes, no entanto, somos levados a pensar no motivo pelo qual não responderam a esta questão.

Afinal, será que nunca pensaram por que ou para que estariam ali à noite - provavelmente depois de um cansativo dia de trabalho - em vez de irem para casa para

descansar? Teriam considerado que a resposta era lógica, óbvia demais? Teriam considerado que se tratava, apenas, de uma obrigação, pelo fato de terem interrompido seus estudos, ou pelo fato de nunca terem tido a chance de ir à escola?

De qualquer maneira, verificamos que tanto na visão do professor como na do aluno a EJA é procurada, principalmente, por aqueles que, por algum motivo, tiveram que interromper seus estudos. De acordo com as respostas obtidas, foram propostas as categorias de análise presentes no QUADRO 4.

Quadro 4 - Motivos pelos quais, na visão do professor e na do aluno, os alunos procuram a EJA.

Categorias	Visão do professor	Visão do aluno
4.1 Situação sócio - econômica	P12, P13, P14, P17, P18,	A6, A10, A11, A16, A18, A33, A34, A37, A43, A46, A47, A66, A69, A72, A73, A74, A75, A76, A77, A78
4.2 Para Trabalhar	P1, P3, P4, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P15, P16, P20	A1, A5, A7, A9, A12, A14, A15, A19, A21, A22, A23, A25, A26, A27, A29, A32, A35, A36, A41, A44, A45, A48, A49, A67, A71
4.3 Não parou de estudar – quer acelerar os estudos	P2	A2, A8, A17, A24, , A28, A30, A38, A39, A40, A51, A52, A53, A54, A55, A56, A57, A58, A59, A60, A61, A62, A63, A64, A65, A70,
4.4 Falta de interesse		A3, A4, A13, A42, A68
4.5 Não respondeu	P19, P21	A20, A31, A50

Com relação às expectativas associadas à situação sócio-econômica, pudemos constatar desde as causas familiares - para melhorar sua formação e poder ajudar os filhos - até a necessidade de obter um trabalho melhor, para buscar a realização de seus sonhos ou satisfazer suas expectativas para o futuro.

Os resultados mostram que a busca da EJA pelos alunos está associada à possibilidade de aumentarem suas chances para a obtenção de um emprego melhor ou de crescimento no ambiente de trabalho, e que há casos em que a EJA é procurada por possibilitar uma formação aligeirada (e nem sempre tão qualificada - aceleração) que lhes permite ingressar mais rapidamente no mercado de trabalho.

Os professores, ao serem questionados sobre quais as expectativas dos seus alunos

com relação à EJA, responderam que estes buscam, naquele processo educativo, ampliar sua formação. Estas respostas indicam que, aparentemente, também é real a preocupação dos alunos com as questões sociais e não apenas com relação ao trabalho.

Estas respostas evidenciam a importância de se levar em conta o posicionamento de Freire (1996), contrário à aquisição, apenas, de conteúdos curriculares, e realçam a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. Nesse sentido, acreditamos que uma concepção diferenciada de mundo, numa vertente socioambiental, certamente pode contribuir nos processos de compreensão do mundo e de efetivação de ações consideradas necessárias às transformações que conduzam a uma melhoria da qualidade de vida para todos.

Quando os entrevistados foram argüídos sobre os motivos que os levaram a desistir dos estudos, bem como sobre os que os estimularam a retomar sua formação, percebemos haver certa coerência entre as respostas dos alunos e as de seus professores, ou seja, ambos citaram como principais motivos, as necessidades familiares e financeiras, como podemos observar no Quadro 4.

As falas de alguns dos entrevistados, apresentadas a seguir, ilustram as situações que conduziram à construção das categorias de análise.

4.1 Situação sócio-econômica (casamento, situação financeira, doença)

P13 - “Por ter que trabalhar para sustentar os filhos”.

P14 - “Aí vem a questão da maternidade... Aí, quando os filhos crescem, podem voltar a estudar”.

P17 - “Param de estudar por problemas pessoais, e não conseguem continuar; são pessoas muito humildes: empregadas domésticas e costureiras...”

A6 – “Para melhorar a oportunidade de emprego; salário mais alto”.

A43 - “Parei de estudar porque eu casei muito cedo e voltei para dar continuidade”.

A46 - “Voltei porque senti necessidade de continuar para fazer faculdade”.

4.2 Para Trabalhar

P1 - “Bom, o que leva a parar de estudar é que acontece que isso é muito comum no Brasil,

principalmente no norte e nordeste; muitos se casam cedo, muitos vão trabalhar e não tem mais oportunidades ou até mesmo não dá importância aos estudos; então, quando eles vem pra cá, começam a procurar trabalho e ai em tudo é exigido o ensino médio, ensino fundamental e eles não tem...”

P3 - “Eles param para trabalhar. Eles são porteiros; empregadas domésticas”.

P4 - “Eu acho que é o trabalho; é a necessidade, mas também tem muitas meninas que foram mães muito cedo...”

A5 - “Para melhorar de serviço”.

A12 - “Por que eu troquei o horário que trabalhava e foi possível voltar”.

A22 - “Diploma do segundo grau e trabalhar”.

4.3 Não parou de estudar, apenas quer acelerar seus estudos.

P2 - “Tem muito aluno mais jovem, que repetiu e parou um pouco, mas voltou a estudar e quer acabar logo”.

A39 - “Eu não parei de estudar; quero terminar logo”.

A56 - “Eu nunca parei de estudar”.

A57 - “Eu não parei; sempre estudei”.

A Educação ambiental na EJA

Com relação às concepções de EA dos professores e alunos da EJA, pudemos observar desde um aparente desconhecimento da temática até as concepções que se enquadram nas tendências propostas por Tozoni-Reis (2004), ou seja, a *natural*: EA como processo de reintegração do homem à natureza - descontextualizada; a *racional*: predomina uma relação mecânica da natureza com o homem - conhecimentos transmitidos e incorporados sem uma leitura crítica do que está sendo discutido, portanto, trata da questão de maneira pontual; e a *histórica*: considera aspectos históricos e sociais das relações do homem com o seu meio (características socioambientais) e o ser humano é considerado de modo contextualizado. O Quadro 5, apresentado a seguir, resume os resultados relativos a esta questão.

Quadro 5 - Classificação das concepções de EA dos professores (P) e alunos (A) da EJA de escolas da região do centro expandido de São Paulo.

Concepções de Educação Ambiental		
	Professores	Alunos
5.1 Tendência Natural	P1, P5, P6, P9, P12, P13, P15, P16, P17, P18, P20, P21	A3, A4, A6, A9, A16, A17, A18, A25, A29, A43, A44, A46, A47, A48, A62, A64, A74
5.2 Tendência Racional	P7, P8, P10, P19	A41
5.3 Tendência Histórica	P2, P3, P4, P11, P14,	A72
5.4 Sim, mas não lembra do que se trata		A1, A7, A10, A11, A12, A14, A15, A24, A26, A28, A36, A37, A39, A40, A45, A49, A50, A54, A55, A57, A59, A65, A66, A67, A68, A69, A73, A76, A77, A78
5.5 Nunca estudou a temática		A2, A5, A8, A13, A19, A20, A21, A22, A23, A27, A30, A31, A32, A33, A34, A35, A38, 42, A51, A52, A53, A56, A58, A60, A61, A63, A70, A71, A75

Verificamos que, quando levados a conceituar a EA, a maioria dos entrevistados que se manifestou não expressou o que pensava ou sabia a respeito, limitando-se a citar, com cuidado, leis e outros materiais de consulta, nos quais normalmente podem ser encontrados conceitos de EA.

Também repetiram frases e conceitos comumente divulgados pela mídia, nos quais novamente são evidenciadas apenas as questões ambientais sabidamente associadas ao comprometimento dos aspectos físicos do meio. Temáticas como a reciclagem de lixo e a economia de água, entre outros, foram recorrentes nas falas dos professores entrevistados. Para Loureiro (2003), tal fato provavelmente ainda se deva ao contexto em que a EA surgiu no Brasil, na década de 1960, com a participação dos ambientalistas, que possuíam uma concepção preservacionista de EA.

Com relação a esse aspecto, Loureiro (2004) ainda salienta que essa é uma maneira ingênua de realizar a EA.

Propostas que implicam no reformismo superficial das relações sociais e de poder, não raramente reforçando situações de alienação e subordinação; pouca ênfase nos aspectos políticos da ação pedagógica; dicotomização das dimensões naturais e sociais diluindo a

especificidade das sociedades humanas na natureza; sobrevalorização das soluções tecnológicas, subjetivistas e da aprendizagem experimental; e ênfase na educação como processo comportamentalista e moral (LOUREIRO, 2004: 3).

Com relação às categorias de análise presentes no Quadro 5, estas podem ser ilustradas com as seguintes falas dos professores (P) e alunos (A):

5.1 Tendência Natural

P5 - “Antes, o nome era meio ambiente; mudou o nome. É a idéia de o sujeito viver bem com seu ambiente”.

P6 - “A EA eu acho que é uma educação de sobrevivência. (A professora, nesse momento, é interrompida pelo aluno). Eu vejo assim.. ...Uma visão futurista; que tem que preservar o planeta para as gerações futuras. Eu dou esse enfoque”.

P9 - “...Então, eu utilizo, no caso do primeiro ano, os conteúdos de ecologia; a intenção é estender tudo isso: floresta, casa, escola. É difícil você sair da sala de aula, e nessa escola iniciei nesse ano”.

P13 - “A gente vai desde os primórdios da época primitiva do ser humano, o ser humano com a visão de agente de mudança do ambiente, que é o que continua sendo até hoje. O cupim não destrói o meio ambiente. O cupim não mata florestas e o ser humano destrói muitas vezes, comparo o ser humano ao cupim”.

A4 - “Qualidade de vida melhor e cuidar bem do meio ambiente”.

A9 - “Estudos para todos nós colaborar; não jogar lixo na rua”.

A46 - “Todos os cuidados com o meio ambiente: não jogar lixo nas ruas e não poluir os rios”

5.2 Tendência Racional

P7 - “Eu acho isso super importante: falar sobre EA. É super importante abordar esse pessoal. Para conscientizar adultos em qualquer idade. Na EJA é mais uma retomada de valores. É mais fácil conscientizar”.

P8 - “Não é uma conscientização, é mais uma construção, sabendo que tudo que o homem faz tem uma consequência e que só a ação coletiva é que pode mudar alguma coisa; não só

os políticos”.

P10 - “A EA procura, dentro de uma conscientização, que nós dependemos uns dos outros, não conseguimos viver sozinhos... Trazer as pessoas para que elas percebam que não é ser individuo sozinho e o que ele fizer vai surtir efeito”.

A41 - “Consciência! [...] A comunidade do Glicério ficou largada”.

5.3 Tendência Histórica

P2 - “Uma educação para a vida em geral, para lidar com o meio, com o espaço físico da escola, da região, da cidade. Não é uma coisa assim, a participação deles.... Não é só isso”

P3 - “O que seria educação ambiental? Seria a possibilidade do individuo se perceber como cidadão, como um componente do meio ambiente, um componente ambiental a partir daí. Basicamente é isso; a partir daí poder contribuir para as questões ambientais”.

P11 - “É o trabalho com o contexto dos alunos”.

A72 - “Através de trabalhos de conscientização da população, da comunidade em que vivo”.

5.4 Não lembra

Essa categoria diz respeito às respostas dos alunos, apenas. Estas respostas mostraram que, apesar dos estudantes alegarem já ter ouvido falar em EA, nenhum deles sabia explicar do tratava a temática e, conseqüentemente, suas falas se mostraram vagas, distantes, tendo ocorrido a utilização de “chavões” presentes na mídia.

A7 - “Sim foi feita uma pesquisa, mas não lembro...”

A36 - “Ela é muito importante para nós, mas não lembro...”

A50 - “É importante para um Brasil melhor!”

5.5 Nunca estudou

Alguns alunos disseram nunca terem discutido temas associados à EA - como se pode observar nas falas de alguns deles, transcritas a seguir – o que não é coerente com as

respostas dos professores. Assim, tal fato parece demonstrar a necessidade de que os docentes, nos momentos em que se remetem às questões ambientais, as coloquem de maneira mais clara, evidenciando a importância dessas reflexões e contextualizando o tema, a fim de que as informações sejam realmente absorvidas pelos alunos e que estes, num processo de construção e síntese destes conhecimentos, sejam capazes de enxergar as possibilidades de aplicação dos mesmos - e de intervenção - na sua realidade, no seu cotidiano, portanto, transformando a sua prática.

A51 - “Não estudei!”

A52 - “Nunca ouvi falar”.

A53 - “Não lembro”.

Assim, podemos dizer que as atividades de EA, desenvolvidas pelos professores na EJA, têm sido direcionadas pelas suas concepções sobre a temática, ou seja, 13 dos 21 educadores entrevistados (62%) trabalham sob uma perspectiva de EA natural; 2 deles (9%) o fazem sob a perspectiva racional e 6 (28,6%) trabalham sob uma perspectiva histórica, como demonstram algumas de suas falas transcritas e aqui apresentadas.

Os professores da EJA demonstraram relacionar a EA às questões ambientais e à formação do aluno cidadão, associando-a a conscientização sobre a importância do ambiente natural na vida dos indivíduos e no sentido de preservar/cuidar do ambiente. Como discute Tozoni-Reis (2004), sob esta perspectiva a abordagem da relação homem-natureza é feita:

[...] pela idéia de que a posição do homem no ambiente é definida pela própria natureza e de que a educação, em particular a ambiental, tem como função reintegrar o homem à natureza e, por consequência, adaptá-lo à sociedade. (TOZONI-REIS, 2004: 97).

A EA assim entendida - intensamente vinculada aos aspectos naturais do ambiente, ou seja, naturalista - acaba limitando não somente a real percepção das interações estabelecidas no meio, mas a contribuição que uma melhor compreensão dos fatos presentes no ambiente, extensiva aos seus diversos aspectos sociais, culturais e econômicos poderia trazer para a busca de uma real melhoria deste. Sob essa perspectiva, é compreensível que apenas práticas educativas ambientais pontuais e descontextualizadas

sejam desenvolvidas.

Segundo Gadotti (2000), a EA também deve ir além desta visão reduzida. O posicionamento do autor a este respeito é evidenciado no excerto apresentado a seguir.

Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida (grifo nosso), que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico (GADOTTI, 2000: 96).

Com relação às opiniões dos professores, sobre o papel da EA na EJA, observamos que estes foram praticamente unâimes em concordar que a discussão de temas ambientais pode, sim, ser um fator importante no processo de inclusão daqueles alunos na sociedade. Aparentemente, os educadores estão cientes de que a busca da formação de alunos cidadãos requer que estes conheçam o ambiente no qual estão inseridos.

Nesse contexto, a abordagem de questões ambientais contextualizadas na realidade dos mesmos pode ser uma excelente oportunidade, não só para ampliarem conhecimentos específicos, mas de perceberem que a real compreensão dos problemas presentes no ambiente requer um conhecimento do mesmo em toda a sua complexidade, ou seja, também sob os aspectos sociais, culturais e econômicos.

Os alunos também admitiram que a prática da EA na EJA é importante, mas não apresentaram argumentos que sustentassem suas opiniões. Além disso, observamos contradição em suas falas, pois há aqueles que indicaram a importância da EA e, ao mesmo tempo, disseram não saber de que se trata.

Alguns recortes feitos das falas de professores (P) e alunos (A) a este respeito estão apresentados a seguir.

P1 - “Lógico que a EA é importante! Nós temos problemas de doenças, como a dengue... A questão da água envolve muita coisa, como as enchentes que nós temos sofrido muito. Há também a poluição visual, a poluição sonora”.

P2 - “O estudo é muito importante. Parar para pensar nessas questões ambientais é possível, pois sou parte do todo”.

P3 - “Ele (o aluno) precisa ter uma preparação para o trabalho e esses temas podem

sensibilizar e fazer eles melhorarem sua percepção ambiental”.

P6 - “A EA é norteadora. Estamos voltando no começo...É a questão da nossa sobrevivência. Qual é a nossa preocupação? A qualidade de vida! É a sobrevivência da nossa espécie. A gente que tem, culturalmente falando, um pouco mais de conhecimento. Você é um professor, um formador de idéias!”

P4 - “É, a questão do lixo...Mas sempre fica muito em debate que não tem tempo de sair com eles, de pedir que eles façam um trabalho em casa para que eles realmente aprendam, porque eu tenho alunos que dormem em sala de aula, bastante...Tenho alunos que chegam muito cansados, então é aquela coisa de motivar mesmo esse debate com eles, propondo uma prática deles e dando exemplos também”.

Nas visões dos professores e alunos, com respeito às possibilidades que a EA oferece na EJA para auxiliar no processo de inclusão dos educandos na sociedade, são diversas as contribuições dessa modalidade de ensino. As respostas obtidas para este questionamento nos permitiram criar as sub-categorias de análise presentes no Quadro 6.

Quadro 6 – Respostas obtidas dos professores (P) e alunos (A) da EJA sobre como a EA nessa modalidade de ensino pode influenciar a inclusão dos educandos na sociedade.

	Professores	Alunos
6.1 Trocar experiências	P4, P8, P9, P10, P11,P13, P15,P17,P19, P20, P21	A1, A4, A7, A9, A17, A19, A21, A23, A24, A28, A33, A35,A38, A41, A47, A48, A49, A57, A59
6.2 Ampliar oportunidades	P1, P2, P3, P5, P6, P7, P12, P14,P16,P18	A2, A3, A5, A6, A8, A15, A16, A18, A22,A25, A27, A29, A30, A31, A34, A37, A39, A42, A43, A44, A45, A51, A56, A60, A62, A64, A65, A66, A68, A69, A70, A71, A72, A73, A74,A75, A76, A77, A78
6.3 Não		A10
6.4 Não respondeu		A11,A26, A32, A36, A40, A50, A52, A53, A54, A55, A61, A67
6.5 Sim		A12, A13, A14, A20, A46, A58, A63

Apresentamos, a seguir, as transcrições das falas de alguns dos entrevistados que ilustram as quatro categorias presentes no referido quadro.

6.1 Possibilidade de trocar experiências entre diferentes idades e níveis de escolaridade

P4 – “Ah, eu acho que isso tem. Eu tenho depoimentos de alunos que começaram como empregadas domésticas, porteiras de prédios. Eles ganham uma autonomia, uma segurança. São pais de família e não querem ter uma escolaridade muito aquém da dos filhos. Isso dá muito mais dignidade a eles, na família deles, no entanto, é uma coisa não muito proveitosa, pois o conteúdo é muito defasado... Bom, serve ainda”.

P10 - “Quando trabalhamos um tema, eu pergunto o que aquilo pode causar de conseqüências para as nossas vidas e levo os alunos a refletir sobre, por exemplo, o Brasil - utiliza o álcool...”

P11 - “Olha, eu me preocupo muito com eles em questão alimentar, em questão do gasto, às vezes, de um dinheiro que ele poderia gastar comendo uma fruta ou quando ele fuma e come alimentos sem nutrientes e isso está associado a sua saúde futura... Eu acho que me torno um exemplo, pois tenho uma idade muito diferente da que eles dizem (que tenho) e mostro a eles uma atitude; eu mostro como separo meu lixo e como faço para facilitar pro cara que vai lidar com o lixo, e acho que coisas assim podem fazer ele se tornar mais inserido, pois sai com noções de higiene saúde pública”.

A1- “Ser, educado é ver a sociedade com outros olhos, diferente do que estamos acostumados à ver no dia a dia”.

A7- “A educação de jovens e adultos me possibilita ter respeito pelo próximo; ter um bom comportamento no trabalho e saber dar valor as coisas simples da vida, etc”.

A59- “A educação que os pais dão, hoje, para os seus filhos... Que são poucos que possa ficar no meio da sociedade”.

6.2 Ampliar oportunidades de trabalho e de crescimento como cidadãos

P1 -“Olha, são questões difíceis! É difícil movimentar um grupo de pessoas e ensinar a se unirem e a reivindicarem seus direitos; isso ai não é fácil! A escola, lógico, ela dá teorias, ela ajuda abrir um pouco a mente, mas a dificuldade, também nesse bairro, de inserir essas pessoas - como você falou, através do meio ambiente - na sociedade é porque aqui eles estão sempre de passagem e, portanto, não participam politicamente; muitos não votam; então é uma questão muito difícil”.

P3 - “O aluno se perceber como cidadão”.

P6 -“Olha, dessa escola acho que são pessoas incluídas na sociedade; é justamente para ter uma receita ou para ficar em pé de igualdade, é que eles estão aqui fazendo a EJA. Eu vejo muito que estão incluídos no bairro em que moram, no trabalho e no bairro onde fica o trabalho, na empresa em que trabalham, na atividade que exercem... Eles estão incluídos, sim”.

A64- “Possibilita que eu sou uma estudante e que quando eu arrumar um trabalho vou ter experiência”.

A72- “Adquirindo um trabalho, e sendo reconhecido como todos os cidadãos na participação na sociedade”.

6.3 Não (essa modalidade de ensino pode influenciar a inclusão dos educandos na sociedade?)

Ao responder não, indiretamente, o aluno nos levou à seguinte reflexão: será que tem sido oferecida aos alunos, nos momentos em que a EA é trabalhada em sala de aula, a possibilidade de contextualizar e discutir as questões ambientais abordadas, relacionando-as aos aspectos sociais, culturais, políticos, etc, presentes no contexto desses alunos?

6.5 Sim (essa modalidade de ensino pode influenciar a inclusão dos educandos na sociedade?)

Alguns alunos responderam positivamente a esse aspecto, mas não conseguiram argumentar suas repostas e, nesse caso, parece evidente a necessidade, por parte dos professores e dos estudantes, de acesso a maiores informações sobre a EA, bem como de ações que a consolidem e que permitam uma melhor efetivação da mesma no ambiente escolar da EJA.

Quando questionados sobre a relação entre a EJA e a possibilidade de inserção do aluno na sociedade, os professores mostraram-se quase unânimes em afirmar que esta é, sim, uma das formas pelas quais se pode alcançar tal intento, mas que se mostra precária em função de suas limitações, em especial aquelas relativas ao tempo disponível para que possam ser tratados/discutidos os diversos temas necessários para que aquele objetivo seja atingido.

Percebe-se, portanto, uma contradição entre o que se lê no Art. 5º, Parágrafo único, Item III do Parâmetros Legais da EJA, apresentado a seguir, e o que ocorre na EJA, visto que a igualdade que deveria ser garantida – com relação a outra modalidade de ensino - não está presente na realidade educacional da EJA, segundo disseram os professores entrevistados neste estudo.

Art. 5º Parágrafo único Item III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos. Nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica (PARÂMETROS LEGAIS DA EJA, 2000).

Com relação a outras respostas dos professores, às arguições que lhes foram apresentadas durante a entrevista, as quais foram transcritas na íntegra e estão presentes como ANEXOS, pudemos observar que:

As afirmações de alguns professores que atuam na EJA, de que esta não é mais necessária no Brasil ou que o modo como essa modalidade de ensino vem sendo desenvolvido está equivocado, apontam-nos a necessidade de estabelecimento de uma nova forma de integração entre os professores e seus alunos com a escola, a sociedade e também com a natureza. Com relação a esta última, pensamos que deva ser uma integração que se baseie não *apenas* nas preocupações relativas à destruição do ambiente físico e dos recursos ditos naturais, mas que vá além dessas discussões, de maneira a possibilitar aos estudantes uma compreensão mais ampla sobre como os diferentes aspectos das questões ambientais estão relacionados à sua atual qualidade de vida e à qualidade de vida de outras pessoas e de outros seres vivos.

No entanto, o que pudemos observar é que, ao se posicionarem sobre as ações voltadas para a EA em suas práticas cotidianas, os professores entrevistados nos permitiram perceber que estas se remetiam, em sua grande maioria, apenas à visão natural da EA, ou seja, como um processo que visa somente à adaptação do homem à atual sociedade.

Estas nossas observações - pelo fato de compartilharmos com Loureiro (2000) sua opinião de que a EA deve ser um processo educativo permanente de construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade e a atuação responsável dos atores sociais no ambiente em que vivem - nos preocupam com relação ao papel que vem sendo atribuído à EA na EJA.

Acreditamos que a EA só apresentará resultados coerentes se incorporar, em seu fazer cotidiano, a completa contextualização da complexidade ambiental. Sendo assim, como afirma Layrargues (2004b), é extremamente importante que se discutam todas as dimensões envolvidas nos problemas ambientais, ou seja, social, econômica, política, ideológica, cultural e ecológica para que ocorram as leituras dialéticas da realidade que permitam a compreensão das reais causas daqueles problemas e conduzam à busca de possíveis soluções para os mesmos. É preciso lembrar, no entanto, que mesmo sendo um elemento importante, a questão ambiental não é o único a ser considerado no processo de ensino.

Uma vez arguidos sobre o entusiasmo dos estudantes diante das atividades de EA, os professores responderam que normalmente os alunos participam dos projetos e que, aparentemente, o grau de envolvimento dos mesmos estava associado à proximidade do tema abordado com o seu cotidiano.

Estas observações encontram respaldo na afirmação de Freire (1999: 119), quando este diz que “o homem, como sujeito e não como objeto de sua educação, tem um compromisso com sua realidade e nela deve intervir cada vez mais”, ou seja, quando a discussão se faz em torno de um tema que está presente na realidade do aluno e este consegue vislumbrar a possibilidade de participar na resolução de um problema, por exemplo, cresce o seu interesse pelo assunto e o seu envolvimento.

Acreditamos que, para que as mudanças consideradas necessárias na sociedade se tornem possíveis e que o processo de inclusão seja efetivado, é preciso ampliar o diálogo do cotidiano humano – social e cultural - como salienta Mantoan (2003), com as diversas áreas do saber. É nessa perspectiva que a EA tem papel determinante no ato educativo humanizador, pois possibilita que o educador auxilie seus alunos a enxergarem que a educação é o meio pelo qual podem agir para a transformação de seu cotidiano e de sua sociedade.

A maioria dos entrevistados também afirmou ser muito comum o desenvolvimento dos projetos de EA pelos professores das áreas de Ciências, Biologia e Geografia. Esse fato realmente parece corriqueiro, já que segundo Moraes (1997):

Algumas disciplinas têm aspectos da temática ambiental dentro de seu horizonte tradicional de pesquisa. É o caso da Geografia, por exemplo,

que tem na relação homem/natureza um de seus mais clássicos temas de reflexão. (MORAES, 1997: 83).

Nesse sentido, Reigota (1998) salienta a importância de se conhecer as representações de meio ambiente das pessoas envolvidas no processo educativo, a fim de se poder melhor identificar aquilo que pretendem estudar e as suas possibilidades de atuação.

Embora consideremos importantes e absolutamente indispensáveis aos estudantes, os conhecimentos sobre os aspectos físicos, químicos e biológicos (dos pontos de vista da Biologia e da Geografia) envolvidos em um determinado problema ambiental, para que este possa ser compreendido, concordamos com Almeida (2007), quando este afirma que esta discussão deve ir além destes aspectos.

De facto, parece-nos consensual que a EA não se pode limitar à abordagem de conteúdos das Ciências da Natureza, ou de natureza ecológica de um modo mais estreito. Conhecimentos de Economia, de Sociologia e até de Psicologia ajudam-nos a compreender cada vez melhor as causas da presente crise ambiental e as atitudes e comportamentos das sociedades e dos indivíduos perante essa mesma crise. Além do mais, a constatação de que os problemas ambientais contêm uma dimensão ética incontornável obriga a outra visibilidade da Filosofia em EA (ALMEIDA, 2007: 3).

Ao serem questionados sobre como deveria ser desenvolvida a EA que possibilitaria - de fato - a inclusão do aluno na sociedade, novamente os professores responderam que suas experiências apontavam para a necessidade de que os projetos abordassem questões presentes no cotidiano dos alunos. Os professores realmente acreditam nisso; são testemunhas de há maior interesse por parte dos alunos quando os conteúdos educativos relacionam-se ao contexto em que vivem. Esse posicionamento, portanto, deveria ser assumido pelo professor, já que:

O papel do professor de EJA é determinante para evitar situações de novo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança é valorizar os saberes que os alunos e alunas trazem para a sala de aula. O reconhecimento da existência de uma sabedoria no sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente, contribui para que ele resgate uma auto-imagem positiva, ampliando sua auto-estima e fortalecendo sua autoconfiança (BRASIL, 2001: 18-19).

A maioria dos professores ressaltou, ainda, que sentia a necessidade de maior acesso

a informações a respeito da EA, pois na época em que estudaram pouco ou nada se discutia a respeito, a não ser na disciplina de Ecologia, que abordava os aspectos relativos ao ambiente. Portanto, é compreensível o fato de ser assim que, geralmente, a temática é por eles trabalhada no contexto escolar.

Os professores afirmaram, também, a importância de haver um real envolvimento de toda a comunidade no processo de EA - bem como em todo o processo de ensino - pois a educação deve acontecer no cotidiano e, portanto, precisa da participação da comunidade escolar, da comunidade do bairro e da família dos alunos para a identificação, compreensão e busca de soluções para as questões ambientais presentes no meio em que estão inseridos. Neste sentido, vale destacar a opinião de Layrargues (2001), quando o autor afirma que a resolução dos problemas ambientais locais carrega um valor altamente positivo, pois estes estão presentes, são observáveis e podem ser sentidos, diferentemente do que ocorre com os problemas globais, distantes da realidade local. O autor parte do princípio de que é indispensável que o cidadão participe da organização e gestão do seu ambiente de vida cotidiano.

Consideramos, assim, extremamente importante a atuação do professor que trabalha a EA no cotidiano escolar, pois permite a qualificação dos alunos para um posicionamento crítico face à crise sócio-ambiental, tendo como horizonte a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade, como afirma Jacobi (2005).

Outro aspecto salientado nesta pesquisa foi a necessidade que os professores apresentaram com relação ao acesso a materiais, cursos e estudos que lhes possibilitassem um melhor entendimento da EA.

Os professores também afirmaram que essa era a primeira pesquisa da qual participavam que se interessava em saber um pouco mais sobre o contexto diário da EJA, bem como de seus professores e alunos e que seria importante o estabelecimento de parcerias entre as Instituições de Ensino Superior e as de EJA, alegando que tais parcerias poderiam facilitar ou melhorar seus desempenhos naquele processo educativo.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do homem com o seu meio tem sido claramente utilitarista e, em muitos casos, sabemos que é impossível quantificar os problemas socioambientais decorrentes dessa forma de relacionamento com ambiente que gera o desequilíbrio deste e o comprometimento da qualidade de vida. Nesse contexto, a EA que questiona o modo de vida atual tem um papel fundamental para que se possa alcançar uma nova forma de desenvolvimento, com base na sustentabilidade.

Neste processo, os educadores exercem um papel muito importante, pois ao possibilitarem aos seus alunos a reflexão e a construção de conhecimentos sobre as questões presentes no cotidiano, se tornam os principais responsáveis pela formação de sujeitos compromissados com o ambiente em que vivem. No modo como estes estudantes se relacionarão com o ambiente estarão refletidos o seu aprendizado e as habilidades que desenvolveram para lidar com as situações presentes na sua realidade, o que fará a diferença com relação as suas escolhas e atitudes.

Neste estudo pudemos perceber que são relativamente restritas as contribuições para a EJA, da EA que os professores entrevistados vêm desenvolvendo, pois suas práticas voltadas para as questões ambientais, na maioria das vezes, não oportunizam a teorização e o debate com base nos aspectos comumente presentes no cotidiano de seus alunos. Dessa maneira, os professores perdem a oportunidade de utilizar importantes elementos presentes na realidade dos estudantes como norteadores para as reflexões e debates em sala de aula. A utilização desses elementos lhes permitiria aproximar o conteúdo programático escolar da realidade vivenciada pelos alunos, possibilitando-lhes, assim, uma ampliação da leitura de mundo e, conseqüentemente, auxiliando-os no processo de inserção na sociedade.

A EJA, mais especificamente nas escolas localizadas na região do centro expandido de São Paulo, alvos deste estudo, que deveria ser vista como uma oportunidade - muitas vezes a última, para algumas pessoas - de inserção na sociedade e, também, no mercado de trabalho, nem sempre cumpre sua função, pois a dinâmica atual da nossa sociedade exige que a EJA não se paute apenas na alfabetização de seus alunos, mas que seja um processo que ultrapasse esta expectativa, preparando seus alunos para o enfrentamento das questões complexas que encontram no seu dia a dia.

Percebemos, ainda, a falta de políticas públicas que gerenciem de maneira adequada a EJA e que o que está ocorrendo é um “mascaramento” da educação, pois estes alunos têm menos tempo para o aprendizado e os professores lhes dedicam o mesmo atendimento que prestam aos alunos de outra modalidade de ensino, mesmo sabendo que estes, certamente, não apresentam as mesmas necessidades e nem enfrentam as mesmas dificuldades dos alunos da EJA, tais como ter que enfrentar um turno de aula, após ter ficado o dia todo desenvolvendo atividades no trabalho, por exemplo. Apesar de os alunos da EJA apresentarem características marcantes, a transmissão dos conteúdos é feita pelos professores sem qualquer adequação as faixas etárias e experiências de vida daqueles atores sociais.

Além da falta de políticas públicas para organizar a regência das aulas, observamos a falta de materiais específicos que auxiliem nessa organização, fato este relatado por vários dos professores entrevistados. Um outro aspecto que dificulta o trabalho na EJA é o encerramento de classes de um ano para o outro, o que traz incerteza e insegurança para os professores e para os alunos. Esta situação é uma das causas da desmotivação e desistência dos alunos, já que os mesmos não têm qualquer garantia de poder concluir sua formação em uma mesma escola que, certamente, não foi por eles selecionada ao acaso.

A EJA precisa se adequar a realidade da sociedade atual para que esse programa de ensino continue a ter sentido e, nesse contexto, a abordagem de temas atuais pode facilitar o processo de construção e prática diária da cidadania. Nessa perspectiva é que acreditamos que a EA, no contexto da EJA, deve considerar a realidade histórica e toda a complexidade na qual a sociedade paulistana está inserida.

Este estudo nos possibilitou a obtenção de algumas respostas, mas também o surgimento de outros questionamentos com relação ao problema inicialmente proposto. Buscamos conhecer quais eram as concepções de EA que embasavam a prática dos docentes, quais eram estas práticas e como e quando ocorriam, no sentido de verificar se estas podiam ser consideradas facilitadoras do processo de inserção dos alunos da EJA na sociedade, por acreditarmos que estes conhecimentos poderiam nos auxiliar a compreender qual seria a importância da EA na formação desses professores, preparando-os para alcançar os objetivos do processo educativo, ou seja, formar o aluno cidadão e, conseqüentemente, capaz de participar ativamente da sociedade em que está inserido.

Percebemos que a EA acontecia no ambiente escolar, mas que sua presença era marcada apenas por atividades pontuais e descontextualizadas e que, provavelmente, tal fato estava associado à falta de embasamento teórico dos professores para poderem trabalhar as questões ambientais sob uma perspectiva histórica e crítica.

Nas Instituições onde realizamos essa pesquisa, pudemos constatar que o que vinha sendo considerado como EA era, na verdade, um trabalho que visava despertar nos alunos a necessidade de um cuidado com o ambiente, apenas, salientando questões como as referentes ao lixo, à água ou à preservação da natureza. Percebemos que nos trabalhos desenvolvidos naquelas escolas a EA estava constantemente vinculada aos problemas de degradação do meio e de conservação dos recursos naturais, sem que houvesse um aprofundamento das discussões associadas aos mesmos.

Observamos que a falta do necessário embasamento teórico que evidencie a necessidade e a importância de se trabalhar a EA de forma interdisciplinar, e que prepare os professores para o cumprimento dessa tarefa, o desenvolvimento das atividades de EA na EJA também estavam, como parece ser o mais comum na maioria das escolas, associadas apenas ao empenho dos professores das áreas de Ciências e Biologia.

Parece que, na opinião da maioria das pessoas, estes são os profissionais mais indicados para dar conta dessa tarefa, pois são os que teoricamente disporiam dos conhecimentos necessários à compreensão do ambiente. Neste estudo, esta observação foi evidente desde o início, quando as diretoras ou coordenadoras das escolas indicaram-nos como professores que, nas suas opiniões, poderiam nos conceder a entrevista sobre a EA na EJA, justamente os de Ciências e Biologia.

Não consideramos que este seja um aspecto negativo ou inadequado. Reconhecemos que, diante da evidente necessidade de se conhecer todos os processos envolvidos na dinâmica ambiental, para que se possa compreender - na sua totalidade - quaisquer problemas diagnosticados no meio, certamente os conhecimentos sobre os fenômenos naturais são importantíssimos. Assim, admitimos ser realmente necessário conhecer quais fenômenos são estes; como, onde e por que ocorrem; quais são os elementos que deles participam e quais as suas implicações para o equilíbrio do ambiente e reconhecemos que muitos destes conhecimentos são específicos das áreas de Ciências e de

Biologia. No entanto, ressaltamos que seja qual for o caso as práticas de EA devem ser necessariamente contextualizadas e apresentar um caráter transversal ao conhecimento, para proporcionar uma formação mais ampla aos indivíduos e torná-los aptos a se posicionarem e agir efetivamente e de forma responsável diante das questões ambientais.

Acreditamos que as escolas nas quais realizamos esta pesquisa estão perdendo a oportunidade de teorizar e discutir aspectos sociais e culturais considerados importantes para a real inserção do aluno da EJA na sociedade, visto que os professores parecem se deter apenas em aspectos já banalizados pelos meios de comunicação.

É o caso, por exemplo, da ênfase que normalmente é atribuída à reciclagem - sem o questionamento crítico de que precisamos, acima de tudo, repensar os nossos hábitos de consumo, especialmente os de produtos descartáveis, que persistem no ambiente causando inúmeros problemas - sem a necessária preocupação com a real dimensão das questões ambientais decorrentes da produção, da destinação inadequada e do acúmulo do lixo, bem como de todas as questões sociais associadas a estes processos.

Pudemos constatar a necessidade, por parte dos professores e dos estudantes, de acesso a maiores informações sobre a EA, bem como de ações no sentido de consolidar e permitir uma melhor efetivação da EA no ambiente escolar da EJA.

Os dados obtidos nesta pesquisa nos sugerem, portanto, que a Secretaria Municipal de Educação e a Diretoria de Ensino devem atentar para a importância do oferecimento de cursos de formação contínua aos professores, com intuito de auxiliá-los neste sentido - inclusive aos que participaram desse estudo - preparando-os para o oferecimento de um trabalho diferenciado e que busque atender às necessidades dos alunos que freqüentam a EJA.

Reconhecemos que estes professores podem agir como multiplicadores destes conhecimentos, seja nas suas Instituições de Ensino ou fora delas e, portanto, acreditamos que a possibilidade de discutirem as questões ambientais sob os seus diferentes aspectos - ecológicos, sociais, políticos, culturais e econômicos - os auxiliaria no processo de formação de indivíduos questionadores, engajados, participantes, ou seja, realmente inseridos na sociedade.

Pudemos perceber, durante a realização deste estudo e diante da análise dos

resultados obtidos, certa falta de compromisso com o processo educativo destinado àqueles jovens e adultos. Nossa opinião é devem ocorrer mudanças que visem à adequação do mesmo, para que este deixe de ser falho com relação ao cumprimento da proposta à qual, teoricamente, deveria se prestar e possa ser considerado, relamente, uma forma de aplicação satisfatória do dinheiro público.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Estudio Cualitativo de las Ideologias. In: Adorno, T. W. et. al. **Personalidad Autoritaria**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- _____. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ALMEIDA, A. Que papel para as Ciências da Natureza em Educação Ambiental? Discussão de idéias a partir de resultados de uma investigação. Escola Superior de Educação de Lisboa. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** v. 6, n.3, p. 522-53, 2007.
- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.77, p.53-61, 1991.
- AMARAL, W. R. Políticas de Educação - ação de jovens e adultos no Brasil: conceitos e contextos. **Revista Serviço Social**. Londrina: UEL, 1998. n. 1, p 118
- ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: BARBOSA, Inês O; PAIVA, Jane (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, Ester *et al.* **Educação e cidadania**. Quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 1995.
- _____, M. G. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens adultos populares? **Revista de Educação de jovens e Adultos**. v.1, n.0, p. 1-108. Agosto de 2009.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARRETO, V.(orgs). Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: **Alunas e alunos do EJA**. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Data de acesso: 20 setembro 2009.
- BISSOLI, M. F. Por uma educação para-si: algumas reflexões sobre o trabalho pedagógico. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v.25, n.2, p.343-368, jul./dez. 2008.
- BRANDÃO, C. R. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRASIL. **Salto para o futuro** In: LEMOS, M. E. P. **Proposta curricular**. Educação de jovens e adultos / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da educação,

SEED, 1999.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – MEC Conselho Nacional de Educação. LDBEN n. 9.394 de 1996.

_____. **Programa de Capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental: Educação Especial**. Brasília: MEC, SEESP, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental; temas transversais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Documento Base**, Fevereiro de 2006.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12926%3Alegislacao-de-eja-2009&catid=194%3Asecad-educacao-continuada&Itemid=871

_____. Carta a Belgrado. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/historia.pdf> acesso 30 outubro de 2008.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil: Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília: 1999. Capítulo VI do Meio Ambiente, Artigo 225.

_____. **Plano Nacional de Educação**. MEC. Apresentação de Vital Didonet. Brasília: Plano, 2000.

_____. **Trabalhando com educação de jovens e adultos: alunos e alunas de EJA** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. **Relatório de gestão do exercício de 2000**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/sef00.pdf>. Acesso em 04 de janeiro de 2010.

CARVALHO, I. C. M, **A Invenção ecológica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

_____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CASALI, A. **O Pensamento de Paulo Freire como matriz integradora de práticas**

educativas no meio popular. São Paulo: Instituto Pólis, 2008.

CHAPANI, D. T.; DAIBEM, A. M. L. Algumas Considerações sobre as Relações entre Meio Ambiente, a Espécie Humana, Cidadania e Escola: Implicações na Implementação de um Programa de Educação Ambiental. In: **Atas do III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** Atibaia-SP, 2001.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1986.

COTRIM, G. V.; Parisi, M. **Fundamentos da educação:** história e filosofia da educação. São Paulo: Saraiva, 1981.

CORDÃO, F. A. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000.**

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/resolucao_01_2000.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2009.

CUNHA, C. M. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC **Salto para o futuro.** Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental:** princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

_____. Intervenção psicológica junto de estudantes universitários no âmbito do modelo antropológico. **Antropoanálise**, v.3, p.10-14, 1998.

Dias, G. F.; Almeida, M. J. V. Prevenção e desenvolvimento num centro universitário de consulta psicológica. **Cadernos de Consulta Psicológica**, n.7, p. 67-75, 1991.

DUARTE, N. **Crítica ao fetichismo da individualidade.** Campinas: Editores Associados, 2004.

FACCI, M. G. D. “Professora, é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” Reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva vigotskiana. In: MEIRA, M.E.M., FACCI, M.G.D. (Org.) **Psicologia histórico-cultural:** contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 135-155, 2007.

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das pessoas com deficiência:** garantia de igualdade na diversidade. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

_____. Direito à igualdade e à diversidade: condições de cidadania In: Ensaios pedagógicos. **III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de D. M. Lichtenstein; L. Di Marco, M. Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, P.. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (Coleção O Mundo, Hoje, v.21).

_____. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p.

_____. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Educação de Adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. (Orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006. p.15-17.

_____. ; Brandão C. R. *et. al.* **O Educador, vida e morte: escritos sobre uma espécie em perigo**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREITAS, A.C. S. et al. **Educação Ambiental no ensino de jovens e adultos**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Curso de Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento, 2009.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 3 ed. São Paulo: Petrópolis, 2000. (série Brasil cidadão)

_____. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. (Guia da escola cidadã, 1)

_____. **Mova, por um Brasil alfabetizado**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. ROMÃO, J. E. (org). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GENTIL, V. K. **EJA: Contexto Histórico e Desafios da Formação Docente**. In:http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/Viviane%20Kanitz%20Gentil_nov2005.

GENTILI, P. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (orgs). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GERALDI, C. M.G.; MESSIAS, M.G.M. e GUERRA, M.D.S. Refletindo com Zeichner: um encontro orientado por preocupações políticas, teóricas e epistemológicas. In: GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D. e PEREIRA, E.M.A. (Orgs.) **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

GIARDINETTO, J.R.B. **Matemática Escolar e Matemática da Vida Cotidiana**. Campinas: Autores Associados, Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 1999.

GIARDINETTO, J.R.B. Sujeito, escola e produção de conhecimento: a pedagogia histórico-crítica subsidiando a reflexão da questão cultural na educação escolar. In: MENDONÇA ; S. G. de L. e Miller, Stela (orgs). **Vigotski e a escola atual** : fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, SP : Junqueira&Marin, p.85-121, 2006.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOULD, K. A. Classe social, justiça ambiental e conflito político. In: ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. (Org.). **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GUIMARÃES, M. (org.) **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. Jovens urbanos da EJA e os usos sociais do tempo. **Anais 32ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: 2009.

_____. ; DUARTE, A. J. **Jovens da educação de jovens e adultos (EJA): Escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro**. Disponível em: <http://forumaja.org.br/gt18/files/GT18-3968--Int.pdf>. 2007. Acesso em 10 de abril de 2009

GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. São Paulo: Papirus, 2007.

HADDAD, S. Educação e Exclusão. Disponível em: http://www.polis.org.br/utilitarios/editor2.0/UserFiles/File/32_e_33_analfabetismo.pdf Acesso em 21 de setembro 2009.

IBGE, **Contagem da população**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/default.sh tm.. Data de acesso: 3 de março de 2009.

IBGE. **Educação melhora, mas ainda apresenta desafios**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1. Acesso em 15 de outubro de 2009.

JANONI, A. DNA PAULISTANO - SÃO PAULO TOTAL: **Ricos reclamam de trânsito e barulho; pobres, de buracos e iluminação**. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/biblioteca/DnaPaulistanoSPTotal.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2009.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.2 2005 Disponível em: http://www.acaprena.org.br/planodemanejo/artigos/educacao_ambiental_no_desafio_da_construcao_do_pensamento.pdf. Acesso em 11 de maio 2006.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho Imaterial** - Formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

LAYRARGUES, P. P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou a atividade-fim da educação ambiental? In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. (org.) **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004 a.

_____. Quintas J.S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, 2004 b.

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, A. L. T. A.; MININNI-MEDINA, N. (Coord.). **Educação ambiental: curso básico à distância: questões ambientais: conceitos, história, problemas e alternativas**. Brasília, DF: MMA, 2000.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1988.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

_____. et al. **Didática**. 19. reimp. São Paulo: Cortez, 1994.

LOUREIRO, C. F. B. A Problemática de Saúde da Criança no Brasil: Desafios para uma Prática Educativa. **Revista Brasileira de Saúde na Escola**, v.4, n.1/2, 1996a

_____. Educação em Saúde na Formação do Educador. **Revista Brasileira de Saúde Escolar**, v. 4, n.3/4, 1996b

_____. Teoria Social e Questão Ambiental: Pressupostos para uma Práxis Crítica em Educação Ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B., LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos. **Gestão em Ação**. Salvador, v.7, n.1, jan./abr. 2004.

_____. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Educar, participar e transformar em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Cuiabá, v.1, n.0, nov.2004, p.13-20.

_____. Crítica ao Fetichismo da Individualidade e aos Dualismos na Educação Ambiental. **Educar em Revista**. Curitiba, v.27, n.27, jan/jun. 2006a.

_____. Proposta pedagógica. In: **Salto para futuro: Educação ambiental no Brasil**. Ano XVIII, bol. 01 - Março de 2008

_____. LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. (Org.). **Repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAIA, P. B. **Vinte anos de homicídios no Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a12.pdf>. Data de acesso: 13 de janeiro de 2010.

MANTOAN, M. T. E. Ensino inclusivo/educação (de qualidade) para todos. **Revista Integração**, v.20, p. 29-32. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

_____. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MATURANA, H. **Da Biologia à Psicologia**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1998.

MARTINS, L. M. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE; N.(org). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, p.54-73, 2004.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. Trad. Maria Antonia Pacheco. Lisboa, Portugal: Avante, 1993.

MEDINA, N. M; SANTOS, E. C. **Educação Ambiental: uma metodologia participativa de formação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MONTANDON, C. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Anais 28ª Reunião Anual da ANPEd**, 2005.

MORAES, A.C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 15 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. 18 p.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1988.

PATTON, M. Avaliação qualitativa do método. In: ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v.77, p. 53-61,1991

PAIXÃO, A. A relação trabalho e EJA na década de 1990: Expectativas e perspectivas presentes nos discursos dos operários da construção civil. Caxambu: **Anais**. 28ª Reunião Anual da ANPEd, 2005.

PEDRINI, A. G. **As Políticas Públicas Nacionais com Educação Ambiental no Brasil: evolução e perspectivas**. Disponível em: In: www.ufmt.br/gpea/pub/pedrini. Acesso em 10 de setembro de 2007.

PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1995.

PETRONE, P. A cidade de São Paulo no século XX. **Revista de História**. São Paulo, n. 21/22, 1955.

PONCINO, L. **Mil Faces de São Paulo: Pequeno Dicionário Histórico e Amoroso dos Bairros de São Paulo** Editora: Fênix, 1999.

POCHMANN, M. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação e Sociedade**, Campinas: vol. 25, n. 87 p. 383-399, 2004.

PRADO, J, C. **A cidade de São Paulo: geografia e história**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

PROTÁSIO, A. R. A Natureza no Cárcere: o conceito de natureza em Antonio Gramsci. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** v.1, p.3, 2009.

REIGOTA, M. A. S. O meio ambiente e suas representações no ensino de Ciências.

Revista Uniambiente. Brasília, ano 2, v.1, n.2, p27-30, 1991.

_____. **Meio ambiente e representação social.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia Social**, Porto Alegre, v.20, n.spe, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400009&script=sci_arttext&tlng= Acesso em: 02 de janeiro 2010

RIBEIRO, M. A. **O Mundo do trabalho o mercado de trabalho na cidade de São Paulo nos vinte anos.** Disponível em:
http://www.educoas.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1997/articulo7/index.aspx?culture=es&navid=201.%20Tempo%20de%20rupturas:%20S%E3o%20Paulo%20nos%20anos%2020. Acesso em 21 de dezembro de 2009.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei:** legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP; Nobel, 1997. (Coleção Cidade Aberta).

ROLNIK, R. **São Paulo.** São Paulo: Publifolha Edição, 2001.

SÃO PAULO. **Perfil Municipal de São Paulo.** Disponível em:
<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>. Acesso em 20 de fevereiro de 2010.

_____. **Orientações Didáticas:** Alfabetização e Letramento - EJA e MOVA / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2008.

_____. Histórico: **Origem da Lapa remonta aos primórdios do povoamento de São Paulo de Piratininga.** Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/lapa/historico/index.php?p=328>. Acesso em 20 dezembro de 2009

_____. **Biblioteca Virtual.** Disponível em:
<http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/index.php?secao=apresenta>. Acesso em 4 de novembro de 2009.

_____. **Bairro da Mooca.** Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_1/affonsotaunay/index.php?p=96. Acesso em 22 de janeiro de 2010.

SATO, M.; MEDEIROS, H.(Orgs) O verde e amarelo da educação ambiental. **Revista brasileira de educação ambiental** / Rede Brasileira de Educação Ambiental. Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia:** teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 33.^a ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Pedagogia histórico crítica:** Primeiras aproximações. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

SED. **Proposta Curricular:** Educação e Trabalho. Disponível em:
http://www.google.com.br/search?q=http%3A%2F%2Fwww.sed.sc.gov.br%2F...%2F419-proposta-curricular-educacao-e-trabalho.+p%C3%A1g+110&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&client=firefox-a&rlz=1R1WZPB_pt-BR___BR356. Acesso em 10 de janeiro de 2010.

SILVA, K. M. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores? (PROFA) e a formação do professor alfabetizador de jovens e adultos no município de União dos Palmares/Alagoas. **Universidade Federal de Alagoas:** Maceió, 2007, p. 95.

SOARES, L. J. G. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica:** Dimensão, 1996.

SOARES, L. J. G. **Educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SORRENTINO, M. **Educação Ambiental e universidade:** um estudo de caso. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Org.). **Textos em representações sociais.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano. In: SPINK, M.J., (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano.** São Paulo: Cortez, 1994.

SPOSITO, M. P. (coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis:** um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

TANNER, R. T. **Educação Ambiental.** Tradução SCHLESINGER, G. São Paulo: SUMUS E EDUSP, 1978.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, E. C. Problematizando a educação ambiental. In: SANTOS, L. H. S. (org.) **Biologia dentro e fora da sala de aula:** meio ambiente, questões culturais e outras questões. Porto Alegre: Mediação, 2000.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental:** Natureza, razão e história. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. Pesquisa em educação ambiental na universidade. In: TALAMONI, Jandira L.B.; SAMPAIO, Aloísio Costa (org). **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania.** São Paulo: Escrituras, 2003.

_____. Pesquisa-Ação. In FERRARO-JR, L.A. (Org.); **Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivo Educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

TRISTÃO, M. **A Educação Ambiental na Formação de Professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume, 2004.

VASCONCELLOS, J. M. Trilhas Interpretativas como Instrumento de Educação. Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. **Anais**. V. I. Curitiba, PR: IAP; Unilivre: Rede Nacional Pró Unidade de Conservação. 1997.

_____. Relações entre Educação Ambiental e Educação em Ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 27, v. 27, 2006, p. 147-162.

ANEXOS

Ficha entregue por ocasião do nosso primeiro contato com a escola (à coordenação e/ou direção), a ser encaminhada ao professor que participaria da entrevista.

Nome:

Sexo:

Formação Acadêmica:

Ano de formação:

Vínculo institucional:

Tempo de atuação na área de Educação:

Número de escolas que você trabalha:

Nome das escolas:

Carga horária do professor

Último curso do qual participou(nome do curso e instituição responsável pelo curso)

Disponibilidade para a realização de encontro com a pesquisadora

Em caso afirmativo do item acima indique um possível horário

E-mail para contato e/ou outra forma de contato

Você trabalha com educação ambiental?

Roteiro de entrevista para os professores

- 1) Conte como foi sua trajetória, como professor, desde a escolha da sua profissão até a sua atuação nos dias atuais.**
- 2) Conceitue, de acordo com o seu ponto de vista, o que é Educação e EJA.**
- 3) Como e quando você começou a atuar na EJA?**
- 4) Quanto tempo você leva para vir da sua casa até a escola?**
- 5) A que atribui o fato de o aluno da EJA ter parado de estudar? Por que ele não terminou seus estudos?**
- 6) Por que o aluno do EJA voltou a estudar?**
- 7) O que o aluno busca EJA?**
- 8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?**
- 9) O que é EA?**

- 10) É possível trabalhar com a EA na EJA? De que maneira?
- 11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?
- 12) Como são realizados os trabalhos de EA?
- 13) Qual é o contexto de inserção da EA?
- 14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com a EA?
- 15) Em que momentos de sua prática docente a EA foi um dos elementos norteadores?
- 16) Você considera que o estudo da EA é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?
- 17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?
- 18) De que modo a EA pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?
- 19) E de que maneira suas atividades relacionadas com a EA podem auxiliar esse aluno, que já é um cidadão, a ser incluído na nossa sociedade atual?
- 20) Em sua opinião, quais seriam as características da EA, esse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da EJA na sociedade em que vivemos?

Seguem os questionamentos e as respostas obtidas por parte dos professores

Transcrição das entrevistas - Questões norteadoras das entrevistas.

Professor 1 - Escola 1 - Bairro: Sé

(1) Conte como foi sua trajetória como professora, desde a escolha da sua profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: A inclusão dele na sociedade é muito difícil; a gente faz o máximo. Foi bem por acaso, porque eu me formei na federal em Santa Catarina e me casei; eu trabalhava em outra área e eu vim pra cá porque meu marido foi transferido, então eu vim pra cá e fiquei 10 anos sem trabalhar e aí, de repente eu senti necessidade e me formei em estudos sociais. Na época, licenciatura plena; eu uso aqui minha licenciatura *plus*, que é geografia e

história, OSPB, educação moral, essas áreas; então eu entrei no estado e na prefeitura com licenciatura *plus* em geografia e aí eu comecei a dar aula. A única coisa que eu achei é que eu estava apática para trabalhar, então eu comecei e depois fiz concurso; já faz 15 anos que eu estou dentro da educação, então foi meio por acaso, não foi uma coisa pensada.

(2) Conceitue, de acordo com o seu ponto de vista, o que é Educação e EJA.

Resp: Além de ser obrigatória, eu acho que é tudo. É uma criança, porque hoje em dia os pais trabalham e a maior parte de valores e tudo fica por conta da escola; a escola hoje tem uma grande responsabilidade, não só na educação e em transmitir conhecimentos, mas em transmitir valores e dar uma educação de como se comportar, porque geralmente os pais não têm muito contato com a criança e eu vejo um fardo muito grande porque quando se fala em educação parece, assim, que é tudo... Tem que fazer crescer a criança em todas as áreas, então eu acho que é uma grande responsabilidade, quando se fala em educação... Muitas! Demais! É uma carga muito pesada.

(3) Como e quando você começou a atuar na EJA?

Resp: É a educação de adultos que não tiveram oportunidade. O que acontece aqui é que nossos alunos, a maioria, vêm do norte; como aqui o aluguel é mais barato e tal eles vêm morar nessa área, então existe uma grande procura e todos os dias as pessoas, os alunos, que chegaram hoje ou há um mês, que vem da Paraíba, Pernambuco e assim por diante, eles vêm em busca de uma condição melhor, vêm em busca de trabalho e acabam sabendo que tem aqui a educação noturna, que tem um jantar, que oferece material e eles se matriculam e vem para dar continuidade; muitos deles já estão parados há muitos anos; às vezes 10 anos que não vem à escola e vem muito tímidos e até maltratados, então a gente tem que ter muito carinho para trabalhar no EJA.

Não, eu trabalhei 8 anos no regular; foi uma oportunidade que eu tive. Antes eu não me interessava e trabalhava há vários anos aqui, de manhã e de tarde e de repente eu me separei... Antes eu não podia sair de noite e depois que eu me separei não tive problema nenhum e como eu era a primeira na escala de escolher as salas, eu escolhi de noite e aí eu comecei a trabalhar com adultos; foi uma coisa que não foi pensada; eu senti bastante interesse e grande diferença em dar aula para o EJA e dar aula para o regular; no regular as crianças não querem te escutar, não querem saber de nada; é difícil trabalhar com eles. Você tem que falar muito alto, quer ensinar e se expressar e não consegue. No EJA não, já

é ao contrário; você pode se expressar, eles te escutam, eles se interessam, eles tem sede de aprender, eles tem vontade e é muito diferente. É um trabalho até gratificante porque você vê o crescimento deles; em muitas áreas você vê o crescimento.

(4) Quanto tempo você leva para vir da sua casa até a escola?

Resp: Se tiver trânsito de 20 a 30 minutos, eu resido na vila Mariana.

(5) Por que o aluno do EJA parou de estudar? Por que ele não terminou seus estudos?

Resp: Bom o que leva a parar de estudar é que acontece que isso é muito comum no Brasil, principalmente no norte e nordeste; muitos se casam cedo, muitos vão trabalhar e não tem mais oportunidades ou até mesmo não dá importância aos estudos; então, quando eles vem pra cá, começam a procurar trabalho e aí em tudo é exigido o ensino médio, ensino fundamental e eles não tem....Sentem a necessidade de estudar como uma opção de crescer na vida.

(6) Por que o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Buscam conhecimento porque tem alunos que buscam fazer uma faculdade; alguns sonham e até conseguem; e muitos buscam terminar o ensino médio ou fazer outro curso, mas todos eles buscam, almejam um trabalho melhor ou crescer dentro do seu próprio trabalho; muitos estão trabalhando e a empresa está exigindo que eles tenham um certificado.

(7) O que o aluno busca na EJA?

Resp: Olha, é uma questão muito ampla o que está me perguntando. Há uns dois anos atrás eu fiz um projeto aqui na escola que, exatamente, se chamava o Renascer da Águia; foi até premiado e tudo e, nesse projeto, incluía palestras, um monte de coisas. Eu cheguei a trazer pessoas de RH de empresas, que vinham ensinar a eles como se comportar em entrevistas, como preencher o currículo, tudo isso. A gente dá assistência a eles em tudo isso, a gente ajuda, só que é uma tarefa muito difícil porque, na verdade, nós também estamos abandonados; então você imagina: ser professora e ir atrás desse tipo de coisa para ajudar nosso aluno; isso é uma tarefa difícil.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Para começar, ele já é excluído da globalização; para ele ingressar dentro do mundo é uma coisa muito difícil. Muitos deles, a maioria, têm serviço de ambulante; então, entrar no mercado de trabalho é muito difícil. Chegar a conseguir um cargo numa empresa?

Alguns conseguem trabalhar em empresas, mas para outros o serviço é de ambulantes, na 25 de março ou aqui.

(9) O que é EA?

Resp: Acho que a EA é prioridade no mundo alunos; não é só na escola, é em todo lugar. A EA hoje é a prioridade no mundo porque se nós, humanos, não ligarmos para a necessidade de cuidar do ambiente, cuidar do planeta, então o que será do mundo? A gente sabe que as perspectivas não são boas e a educação ambiental é cuidar de tudo; começa até no ambiente de trabalho; começa aqui, agora e vai lógico, abrangendo lá fora. Até essa inclusão do aluno na sociedade eu vejo como questão ambiental.

(10) É possível trabalhar com a EA na EJA? De que maneira?

Resp: Olha, domingo é o dia mundial da água e se viu que os professores estão trabalhando nisso, só que a gente não tem que esperar para falar da água. Eu acho que a questão da água, a questão do aquecimento, a questão da poluição, qualquer questão relacionada ao nosso planeta, ao nosso modo de vida, nosso modo de nos relacionarmos com a natureza e com o mundo é uma questão para serem falados todos os dias. Primeiro porque nós vivemos num mundo capitalista; eu to vendo uma matéria agora sobre capitalismo e tudo e aí você entra em educação ambiental; então a gente aproveita para estar todo dia falando sobre isso. Não é uma coisa separada. A educação ambiental está ligada a tudo.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Olha, por exemplo, quando eu falo de regiões do Brasil, quando a gente fala em rios, quando fala do potencial de alguma região em rios, você pode estar falando da água. Tá falando do cuidado, você tá falando de rios, tá falando do rio São Francisco, eu acho que assim... Geografia, se eu estou falando do Canadá, to falando da geleira, vou entrando no aquecimento global; quando eu falo do capitalismo, eu acho que assim, em qualquer momento, eu to falando das questões ambientais. Até mesmo nas nossas conversas diárias porque se você percebeu você viu a degradação do Glicério, que eu acho que é um dos bairros mais degradados; essa semana nós tivemos uma enchente tremenda aqui. Se você chegasse aqui era desolador porque o lixo boiava por tudo. Você percebeu o buraco que está ali e que a prefeitura começou (a consertar) - ou o estado - há mais de um ano e não tomaram mais providências? Então, tudo isso a gente conversa com eles e até é uma

maneira de ensinar que eles têm o direito de reivindicar. Tudo isso aí, todo gancho é aproveitável e isso é uma conversa diária.

(12) Como são realizados os trabalhos de EA?

Resp: Falando de continentes, ganchos com a aula.

(13) Qual é o contexto de inserção da EA?

Resp: Olha, eu procuro sempre qualquer gancho assim durante a aula. Eu posso estar falando de continentes, posso estar falando de país, tem que fazer uma coisa com relação e aproveitar qualquer gancho; eu aproveito qualquer gancho para tratar da poluição, do aquecimento; eu trabalhei muito com esses temas ano passado; eu trabalhei muito o problema da água, o aquecimento, todas as questões atmosféricas; eu trabalhei praticamente o ano inteiro. Por mim, este é um assunto muito trabalhado.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas à EA?

Resp: Eles se interessam assim... Muitos não são alheios; a gente tenta mostrar pra eles que tem que começar daqui; que eles, como cidadãos, eles tem direitos e tem que aprender a reivindicar as coisas; eu acho que isso aí é incluir ele e a exclusão começa aí, vivendo em lugares totalmente degradados. Os órgãos públicos não têm um olhar pra esse lado aqui e eles não sabem como reivindicar; então a exclusão já começa aí.

(15) Em que momentos de sua prática docente a EA foi um dos elementos norteadores?

Resp: Lógico, nos temos problemas de doenças, como a dengue. A questão da água envolve muita coisa; a questão das enchentes que nós temos sofrido muito; é a poluição visual, a poluição sonora. A gente vive no meio da degradação total. Para eles terem até uma vida melhor, para aprender a reivindicar. Eles têm aí como chegar aos órgãos públicos, como se unir com a comunidade e reivindicar os seus direitos porque, não sei se você percebeu, que São Paulo inteira foi trocada a calçada e aqui continua a mesma coisa; nós já fizemos passeatas com velas acesas e tudo chamando atenção da população e chamando atenção das autoridades.

(16) Você considera que o estudo da EA é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Para lidar com as questões do cotidiano diário

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira

essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eu acho que eles são bem excluídos; eu diria até totalmente excluídos, porque primeiro ele desconhece os seus direitos. Ele é chamado de cidadão, mas ele não usufrui dos direitos que tem um cidadão; primeiro, um cidadão tem direito de morar num lugar sadio, com toda a infra-estrutura. Ele paga impostos e não tem, muitas vezes, onde morar; eles são excluídos em matéria de mercado de trabalho, pois não conhecem um computador; são excluídos na tecnologia moderna, são excluídos politicamente, economicamente. Sabe, a gente trabalha a auto-estima pra dar um incentivo para eles caminharem, sabe? Chegar lá vai ser muito difícil. Poucos vão conseguir, pois a exclusão é muito grande.

(18) De que modo a EA pode possibilitar a inclusão do individuo na nossa sociedade atual?

Resp: Olha, são questões difíceis! É difícil movimentar um grupo de pessoas e ensinar a se unirem e a reivindicarem seus direitos; isso aí não é fácil. A escola, lógico, ela dá teorias, ela ajuda a abrir um pouco a mente, mas a dificuldade, também nesse bairro, de inserir essas pessoas - como você falou, através do meio ambiente - na sociedade é porque aqui eles estão sempre de passagem e, portanto, não participam politicamente; muitos não votam, então é uma questão muito difícil.

(19) E de que maneira suas atividades relacionadas com a EA podem auxiliar esse aluno, que já é um cidadão a ser incluído na nossa sociedade atual?

Resp: Sim, eu tenho trazido alguns esclarecimentos, conhecimentos, mas só isso não basta. Assim, os recursos são muito poucos; falta o apoio do órgão público para a escola. Nós não temos muitos recursos; o que temos é uma sala de vídeo, uma televisão horrorosa; nós temos uma sala de computação, onde eles ficam praticamente uma meia horinha por semana; muitos têm o primeiro contato com o computador e não sabem o que é uma pesquisa no computador; não conseguem, não dá tempo. É muito pouco.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da EA, esse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da EJA na sociedade em que vivemos?

Resp: Teria que ser um processo permanente. A partir do momento que ele entra aqui é um assunto, como eu te falei que a gente discute bastante. Eu acho que a professora de ciências; também na área de ciências, na área de geografia...São assuntos bem

discutidos e é um processo, eu diria que é um processo lento; muitos tem contato com esse assunto pela primeira vez e muitos, quando a gente fala que a geleiras podem derreter, de repente começam a saber que a geleira está derretendo e isso ele nunca ouviu falar. Ele é uma pessoa que não lê que é completamente desinformado. Quando a gente fala da porcentagem de água potável que tem no planeta é assustador o pouquinho que tem; é o primeiro contato que ele vai ter. Por exemplo, o trabalho que teve sobre a dengue...Você vai falar para as senhoras sobre quem é que tem plantinha que guarda água, tudo é um trabalho. Para eles, tudo é válido, mas elas vão sair daqui e vão verificar, então, a gente estar auxiliando sobre como jogar o lixo - e você vê, aí é um lixo - não jogar o lixo na rua, pois causa o entupimento que dá as enchentes. Eles sabem e tem que dar uma trabalhada, pois a degradação é aqui mesmo e por falta de cuidados deles mesmos.

Professor 2 – Escola 2 - Bairro: Belém

(1) Conte como foi sua trajetória como professora, desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Então, eu comecei a dar aula faz cinco anos. Sempre dei aula no EJA. A primeira escola que comecei foi na EJA. Era um pessoal mais velho, era uma delícia dar aula. E depois disso peguei a noite. Tem muito aluno mais jovem, que repetiu e parou um pouco, mas voltou a estudar.

(2) Conceitue, de acordo com o seu ponto de vista, o que é EA.

Resp: Educação é uma maneira de você abrir o horizonte e abrir as possibilidades. E não tem perfil de conteúdo. Você precisa ser muito objetivo; mais para saber, para estar atualizado.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Faz cinco anos

(4) Quanto tempo você leva para vir da sua casa até a escola?

Resp: O trajeto, por ser próximo, facilita o trabalho, então eu comecei a dar aula. E perto de casa é mais fácil. Eu vou dar aula nessa escola.

(5) Por que o aluno do EJA parou de estudar? Por que ele não terminou seus estudos?

Resp: Então, o pessoal mais velho está aqui para se atualizar. Em geral eles querem alguma coisa a mais. Muitos, por causa do trabalho. Não tem um perfil, é um público bem

misto, com interesse.

(6) Por que o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: O próprio estado deu esse tipo de oportunidade. A procura diminui. É bem diversificada, mais nova.

(7) O que o aluno busca na EJA?

Resp: A maioria vem devido ao trabalho e o próprio trabalho vai ajudar a pagar a faculdade que pretende fazer ao finalizar a EJA

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Olha, na minha disciplina eu tento trazer mais coisas da atualidade; eu faço um gancho; eu gosto de estimular eles com jornal. Eu tenho um retorno grande da EJA... Professora, você falou isso! Eu tento aproximar a biologia.

(9) O que é EA?

Resp: Uma educação para a vida em geral, para lidar com o meio, com o espaço físico da escola, da região, da cidade. Não é uma coisa assim, a participação deles.... Não é só isso.

(10) É possível trabalhar com a EA na EJA? De que maneira?

Resp: Sim há possibilidade. No começo eu não deixava muito tempo de falar de meio ambiente. E depois eu senti a necessidade de puxar esses conteúdos.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Falando sobre aspectos industriais

(12) Como são realizados os trabalhos de EA?

Resp: Alguns vão prestar um concurso e vestibular. Educação ambiental é interessante, pois abrange vários assuntos; dá para abrir um pouquinho mais esse espaço. Não, eu priorizo por ano; eu deixo um espaço no terceiro ano e agora a gente tem que acompanhar a nova proposta. O principal foco. Essa mudança, sempre acaba se falando alguma coisa.

(13) Qual é o contexto de inserção da EA?

Resp: Então, está muito longe do que eu gostaria. É muito difícil; é algo muito elaborado. É... Os principais aspectos ambientais. Indústria, mostrar algumas barreiras. Chamavam, pois eu trabalho o dia inteiro. Trabalhar, fazer texto. Algo assim... Eu não consigo lembrar.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com EA?

Resp: A maioria se interessa... Muito pouco tempo. Por enquanto a receptividade está legal. Na verdade acaba abrindo um leque.

(15) Em que momentos de sua prática docente a EA foi um dos elementos norteadores?

Resp: O estudo é muito importante; de uma maneira, cultura. Parar para pensar nessas questões ambientais é possível, pois sou parte do todo.

(16) Você considera que o estudo da EA é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Sim, já que possibilitará uma leitura da nossa realidade.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Difícil falar se eles estão incluídos; acho que eles estão tentando se incluir... E não dá para fazer, a base teórica para o vestibular aqui é insuficiente.

(18) De que modo a EA pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: As atividades podem auxiliar na inclusão, pois ele faz parte do todo. Ecologia, pois educação ambiental é apenas o nome.

(19) E de que maneira suas atividades relacionadas com a EA podem auxiliar esse aluno, que já é um cidadão, a ser incluído na nossa sociedade atual ?

Resp: Olha, acho que algo, alguma coisa do tipo idéias, algumas praticas no sentido que eles modifiquem alguma coisa, pois a auto-estima é importante para ele se reconhecer em algo. Eu não parei para pensar. Ah, eu gosto muito de falar de lixo para eles reverem conceitos e também sobre consumo. Eu não estou conseguindo responder a pergunta.

(20) Em sua opinião, quais seriam as características da EA, esse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da EJA na sociedade em que vivemos?

Resp: Então, tem que mexer com atividades práticas com eles próprios, um projeto de auto-valorização. Se ele não cuida dele, se ele vive num ambiente que não é legal... Essa consciência que ele faz parte do todo. Mudar a realidade dele e a realidade do planeta. O

ambiente dele não está adequado. Está totalmente fora da realidade.

Professor 3 – Escola 3 - Bairro: Moema

(1) Conte sua trajetória como professora, desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Resp: Eu tinha um sonho de ser bióloga e fiz licenciatura em ciências biológicas na UNESP de Botucatu.

(2) Conceitue, de acordo com o seu ponto de vista, o que é Educação e EJA.

Resp: Na EJA é uma nova oportunidade de aprendizado. Trabalhar com o jovem, com o adulto é um trabalho difícil, pois ele já está com todos os conceitos “incrustados”. É uma oportunidade, uma possibilidade, um momento de retomada.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Trabalho com a EJA desde o primeiro ano da faculdade, pois, por estudar, só tinha possibilidade de trabalhar a noite.

(4) Quanto tempo você leva para vir da sua casa até a escola?

Resp: Mora próximo a escola

(5) Por que o aluno do EJA parou de estudar? Por que ele não terminou seus estudos?

Resp: Eles param para trabalhar. Eles são porteiros; empregadas domésticas.

(6) Por que o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Os alunos querem um diploma. Dizem que o serviço exige e que o patrão disse que é importante. As mulheres deixam de estudar para terem filhos.

(7) O que o aluno busca na EJA?

Resp: Os alunos buscam modificar a realidade em que eles vivem. Não há um material específico da EJA, pois não há interesse das editoras em fazer uma publicação. Esse é o primeiro trabalho que veio até a escola e que trata dessa temática.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: As dificuldades de falar da temática. Na minha opinião, as dificuldades são as mesmas de quando você fala algo novo... O pessoal da EJA reluta de primeira. A pessoa mais velha é, mas difícil.

(9) O que é EA?

Resp: O que seria educação ambiental. Seria a possibilidade do individuo se perceber como cidadão, como um componente do meio ambiente, um componente ambiental a partir daí. Basicamente é isso; a partir daí pode contribuir para as questões ambientais.

(10) É possível trabalhar com a EA na EJA? De que maneira?

Resp: Para a EA, eu procuro ganchos dentro dos assuntos. Hoje eu trago mais desafios ambientais

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: É essencial para que ele seja inserido de uma forma cidadã. Eu tenho discutido muito sobre a educação ambiental.

(12) Como são realizados os trabalhos de EA?

Resp: Eu trago questões ambientais para eles discutirem.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Relacionando com os conteúdos do dia a dia.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com a EA?

Resp: O interesse dos alunos...Quando eles percebem que eles fazem parte do meio ambiente, eles se envolvem mais. Fora as coisas que atingem diretamente, eles têm pouco interesse.

(15) Em que momentos de sua prática docente a EA foi um dos elementos norteadores?

Resp: Ele precisa ter uma preparação para o trabalho e esses temas podem sensibilizar e fazer eles melhorarem a percepção ambiental.

(16) Você considera que o estudo da EA é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: A escola pode inserir esse aluno. Característica ambiental. Só os temas não incluem o aluno; ele precisa ter uma preparação para o trabalho e esses temas podem sensibilizar e fazer eles melhorarem a percepção ambiental. Ele estará mais apto a ter uma resposta positiva. Eles precisam dessa preparação para o trabalho.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Os alunos da EJA têm de tudo um pouco... Tem aluno que é incluído, que trabalha e que tem interesse. E outros agentes percebem que ele está à margem mesmo. Alguns estão fora mesmo: ex-presidiários, ex-problemas... E nem sempre a escola inclui o aluno; às vezes ela exclui.

(18) De que modo a EA pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: O aluno se perceber como cidadão

(19) E de que maneira suas atividades, relacionadas com a EA, podem auxiliar esse aluno - que já é um cidadão - a ser incluído na nossa sociedade atual?

Resp: Atividades contextualizadas com a realidade dos alunos

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da EJA na sociedade em que vivemos?

Resp: As características são as seguintes: a possibilidade do indivíduo se perceber como cidadão, como um componente do meio ambiente, um componente ambiental a partir daí. Basicamente é isso; a partir daí pode contribuir para as questões ambientais.

Professor 4 – Escola 4 - Bairro: Vila Leopoldina

(1) Conte como foi sua trajetória como professora, desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: É, eu trabalho desde que eu fazia graduação. Eu já comecei a dar aula em curso regular e depois eu fiquei um tempo, uns seis anos, trabalhando na universidade com pesquisa. Então eu tinha uma bolsa e iniciei o mestrado na biociências para médica, focado em peixes. Fui médica de peixes e não conclui. Fiz concurso pra dá aula aqui e estou há 24 anos aqui dentro da escola estadual e particular, Só agora, só em estadual e com a diminuição de salas do ensino médio é que eu terminei parando no ensino de jovens e adultos. Nem acho o curso uma coisa satisfatória pra mim, como professora, porque é muito defasado e muito pouco pra o que ele necessita em comparação da dificuldade dos alunos; um ensino muito precário, praticamente pra aumentar o índice de indivíduos formados em ensino médio e ensino fundamental, porque a formação é muito precária. Eu me formei em geografia e antes de me formar, quando eu estava no segundo ano da

faculdade, eu já estava dando aula na rede publica e logo depois na particular também. Aí eu trabalhei em umas escolas do estado e numa escola particular e depois eu prestei o concurso da prefeitura e vim trabalhar na prefeitura; quando eu estava no estado eu já trabalhava na EJA, que antes se chamava supletivo. É eu gosto bastante e se eu pudesse escolher eu só escolheria trabalhar com adultos; eu acho que eles tem muito interesse. Apesar de muitas dificuldades, eles são interessados em aprender, então eu acho que é gratificante. É muito bom trabalhar com eles.

(2) Conceitue, de acordo com o seu ponto de vista, o que é Educação e EJA.

Resp: A definição pra eles, pros alunos, seria assim... Eles dão uma grande importância pra isso; eles dão importância pro professor, por exemplo, eu também dou aula pro curso regular e é diferente o jeito que eles vem entrar o professor; eles dão mais importância do que o dos alunos do curso regular; dão mais valor pro estudo. O publico são os alunos trabalhadores, que trabalham aqui na região; têm muitas empregadas domésticas, motoristas. Aqui pelo bairro a gente tem pessoas que trabalham em supermercados; temos alunos que trabalham em algumas empresas, em fábricas que ficam por aqui; muitos porteiros, zelador, costureira. Um pessoal que nem sempre mora aqui perto, mas trabalha aqui perto e fica mais fácil do que voltar para casa. Muitos não têm tempo de ir de casa até a escola mais perto; é longe, não dá tempo. Tem lógico, os que moram por aqui, mas a maior parte é de trabalhadores da redondeza

O perfil daqui é dos que trabalham nessa região; não são alunos moradores da região porque é uma região de classe média, então, muitos alunos que trabalham aqui a noite e vão pros seus lugares dormir; muitos são jovens...Agora que eu to na EJA para sétimas e oitavas séries, estou vendo que tem muito mais deficientes do que eu pegava no ensino médio. A chegada de deficientes é muito grande; quando vem pelo menos do fundamental regular e começa, menos pior.

(3) Como e quando você começou a atuar na EJA?

Resp: Olha, quando começou a EJA eu já dava aula nessa região; dei aula 12 anos na Vila Madalena, mas como diminuiu bastante o ensino médio regular eu pedi remoção pra cá e a característica dos alunos no começo da EJA era de alunos que não tinham tido oportunidade de cursar um ensino regular e voltavam, mais velhos, pra fazer o curso. Eu não sei desses critérios porque quando eu ingressei nessa escola, em 1996, já tinha a EJA,

com o nome de supletivo. Isso depende da demanda, do número de pessoas que vem aqui se inscrever; a gente tem um problema que muitos alunos desistem. Não é porque não gostam, é porque são alunos trabalhadores, então, ano passados, por exemplo, nós tivemos um que começou sem emprego e arrumou emprego num posto, à noite; o outro era porteiro e passou a ser zelador, então tinha que ficar à noite ou alguma outra coisa do tipo. Então temos muitos alunos que desistem e tudo mais, mas a EJA e a quantidade de classes têm a ver com a demanda e o número de pessoas que vem se inscrever. O “x” dá pra abrir uma classe, mas se for menos não dá pra abrir, então eles ficam numa lista de espera e não abrem a classe... Por quê? Eu nem sei, mas ano passado tinha uma classe com 55 alunos; desses 55 uns 10 ou 15 arrumaram emprego e alguns desistiram, Tem muita menina que vai ter bebê e não desiste porque pela lei ela fica com o trabalho. Mas é assim, a gente tem uma mobilidade grande.

(4) Quanto tempo você leva para vir da sua casa até a escola?

Resp: Mora próximo

(5) Por que o aluno do EJA parou de estudar? Por que ele não terminou seus estudos?

Resp: Eu acho que é o trabalho, é a necessidade, mas também tem muitas meninas que foram mães muito cedo. Quando elas falam que tem 30 anos com filha de 15... Então, eu acho que são assim... Às vezes, muitas mulheres falam que é por causa dos filhos e da família e os homens, muitas vezes, por trabalho; muitos não são daqui e na idade em que deveria estar estudando eram de outras cidades do interior, ou de outras regiões; grande parte de nossos alunos trabalha no campo, na época de colheita... Não sei... Eu acho.

Então, em ciências e em outras matérias eu não sei, mas em geografia é assim - que é até o que eu tinha escrito - eu não pego um tema específico de educação ambiental para trabalhar, mas a gente está trabalhando sempre, porque não dá pra falar de geografia sem falar da água, da poluição, da falta da água. Hoje mesmo, no jornal está escrito sobre estar comprando água em galões, que custa não sei quantos dólares. Estão comprando a água. Então não dá pra especificar... Qualquer coisa... Como o clima, você não pode falar de clima sem falar dos últimos anos... É o aquecimento global... Eu estou falando da Antártica, não dá pra ficar sem falar do descongelamento, então as questões são tratadas, mas assim... Sempre dentro de algum assunto. Se você tá estudando a região norte, sobre o desmatamento, isso é questão ambiental.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Para ajudar os filhos para participar da educação. Às vezes apenas por uma cobrança no trabalho e outras vezes por estar almejando entrar numa faculdade, mas a maioria era de pessoas que vinham do hospital das clínicas, pessoas pressionadas pelo seu serviço pra terminarem o ensino médio. Sempre tive aulas de biologia... Bom, atualmente, o que eu vejo é gente jovem que para de estudar pra trabalhar e vem ainda jovem com 18 -19 anos para a EJA para ser mais rápido e aí acontece uma grande diferença de conhecimento. Os garotos tem um ensino muito próximo do deles e os mais velhos se distanciaram muito pelo tempo que pararam de estudar, então, esses dois na mesma sala fica muito mais precário para você atender pedagogicamente um currículo que atenda e tenha a velocidade ideal.

(7) O que o aluno busca na EJA?

Resp: Eu acho que eles buscam, além do conhecimento, o diploma. Muitos precisam do diploma, para ter um cargo melhor. Agora, eu vejo assim...Eles querem aprender...Porque tem aquele aluno que vem só pra ter o diploma, mas não é o caso deles, dos mais velhos principalmente, pois além do diploma eles querem aprender. Tem muitas donas de casa que querem aprender para ajudar os filhos em casa e valorizam o estudo; então muitos vêm pra aprender mesmo, mas eu acho que há alguns empregos que exigem o fundamental - que seria o primário e o ginásio de antigamente - então eles têm essa exigência do diploma e de concluir esse curso.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Sim, muito além das questões ambientais que eu acho que são importantes também. Tem a parte também de se valorizar como pessoa porque eles estão estudando, eles estão falando de coisas que estão acontecendo, então hoje não tem como estudar sem se falar de questões atuais e eu acho que isso faz muito bem pra eles, que eles se sentem bem.

(9) O que é EA?

Resp: Ah, eu acho que eu não sei qual seria o assunto específico. Deveria ser um nome específico como “questões ambientais”, mas eu acho que é isso que o aluno deveria estar fazendo no dia-a-dia, na vida dele. Eu acho que é o mais importante, pois às vezes fica estudando coisas de longe e esquece o seu dia-a-dia, o que você pode fazer no seu dia-a-dia

para contribuir para uma vida saudável no planeta... É ligado à poluição, por exemplo, está tendo resíduos de carros, eu fiz a revisão e foi reprovado; tive que trocar o escapamento. Assim... São coisas simples no nosso dia-a-dia... O que eu posso fazer pra economizar água, economizar energia, papel? Não basta só reciclar, posso estar reaproveitando,,Como itens que você pode estar relacionando com o dia-a-dia do adulto pra ele poder estar pondo em prática, pois só aprender quando é relacionado com o meio-ambiente não vale a pena. Acho que além de aprender você tem que por em prática... É tipo assim... Ah, eu to sendo a favor da natureza: não como carne, mas esta fumando um cigarro do lado de uma pessoa que não fuma; então, são coisas pequeninhas, mas que você pode estar fazendo no seu dia-a-dia porque quando a gente vai dar aula, quando a gente vai falar de assuntos - não só de questões ambientais - outros também, mas pegando por esse lado, eu acho que tem que ser muito assim... tem que estar pondo em prática

(10) É possível trabalhar com a EA na EJA? De que maneira?

Resp: Eles aceitam, mas eu vejo assim... Os adultos são muito revoltados com o governo, por exemplo, fala do desmatamento, fala de poluição e como o governo não faz nada, então... Eu trabalho muito isso também assim: o que você pode fazer no seu dia-a-dia, numa pequena coisa então, sei lá... É não desperdiçar água; dei o exemplo da água, carteira que riscam com estilete... Você está falando da exploração da madeira, do desmatamento, mas se você ta danificando uma mesa de madeira, automaticamente você está contribuindo para o desmatamento. às vezes eles ficam revoltados com números, gráficos alarmantes assim, mas ao mesmo tempo eles ficam bem. Essas são questões do dia-a-dia deles; não é só a questão do aquecimento global, que eles estão vendo mais, mas eu acho que é assim como critica ao que está acontecendo, o que é mais critico, mas nunca achando que eles são os culpados, mas sim os que estão mais longe é que são os culpados, como os Estados Unidos...Eu vejo eles assim, mais pro lado da política.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: É, a gente tenta sempre educar puxando pro lado critico, para que ele pense. Principalmente professor de geografia; agora fora isso tem a mídia, porque quando são questões ambientais que não são muito comentadas na mídia elas não ligam muito; agora, quando é daquelas que falam mais eles participam mais e tem mais esse senso critico, mas é, muitas vezes, só o que eles escutam.

(12) Como são realizados os trabalhos EA?

Resp: Olha, normalmente eu trabalho isso com eles no primeiro ano do ensino médio, associado ao conteúdo planejado que é ecologia. Então, dentro da ecologia eu trabalho a questão ambiental, só que muito pouco porque nós temos 2 aulas por semana - a noite é 40 minutos e, com uma grande dificuldade, na primeira aula dá só 25 minutos e na última a mesma coisa, portanto, é uma situação muito difícil, mas eu acho que vale a pena trabalhar.

(13) Qual é o contexto de inserção da EA?

Resp: Na realidade do aluno. Olha, eu espero que seja. Eu não fiz nenhuma pesquisa sobre isso, mas eu espero, eu me preocupo muito com eles em questão alimentar, em questão, às vezes, de um dinheiro que ele pode estar precisando.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com a EA?

Resp: É sempre muito bom, apesar de que agem diferentes. As salas são super porcas, mas eu acho que a escola não educa... Há cheiros que indicam que você deve estar atento na questão do cigarro, a questão do esporte; essa falta de associação da saúde do indivíduo com o meio que o cerca; com isso é muito distanciado pra ele. Às vezes ele até tem o conhecimento, mas não tem como praticar isso.

(15) Em que momentos de sua prática docente a EA se mostra como um dos elementos norteadores?

Resp: É, a questão do lixo...Mas sempre fica muito em debate que não tem tempo de sair com eles, de pedir que eles façam um trabalho em casa para que eles realmente aprendam, porque eu tenho alunos que dormem em sala de aula, bastante...Tenho alunos que chegam muito cansados, então é aquela coisa de motivar mesmo esse debate com eles, propondo uma prática deles e dando exemplos também.

(16) Você considera que o estudo da EA é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: É, eu acho que não só para a profissão, mas também para o dia-a-dia, como ser humano, como cidadão. Eu acho que isso é importante para todo mundo hoje em dia; que é uma questão super comentada, preocupante... Várias coisas estão acontecendo no nosso planeta, então eu acho que sim... Não só profissionalmente, mas como cidadão.

Bastante! É muito importante ter a oportunidade de aprender. Houve um tempo que você via uma diferença muito grande dentro da educação. A comodidade de transporte público coletivo... É tudo isso! É ver outras atividades, viver de outra maneira, ter sucesso. Fica essa questão de como a gente contribuiu para fazer as pessoas reciclarem pelos meios de comunicação, atacando isso diretamente e diariamente e tudo isso é muito importante pra minha formação.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Na sociedade eles estão incluídos porque eles trabalham, estão participando de tudo; eles estão lendo, eles estão ocupando o espaço na sociedade, nas escolas. Eu acho que a EJA - não aqui especificamente - está meio largada; muito largada!...Então a gente vê assim, como eu posso dizer? Primeiro as crianças, pra depois ver se sai certo ou se sai errado. A EJA sempre fica pra depois.

Olha, eu acho as vezes que sim. Na maioria das vezes o aluno foi inserido, mas perdeu uma oportunidade, infelizmente. Mas ele se inseriu por outro mecanismo,, por outra saída que é de ser trabalhador então ele ta inserido sim e ele merece essa chance e eu tenho muitos alunos de EJA que vão fazer a universidade, mesmo precários,em faculdades precárias. Eu tenho 22 anos de magistério e só em São Paulo, então, eu encontro o retorno disso. Ele, adulto da EJA, que teve que parar de estudar, que não tem uma renda muito elevada, o que ele pode estar fazendo em relação ao que está aprendendo.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do individuo na nossa sociedade atual?

Resp: Ah, eu acho que isso tem, Eu tenho depoimentos de alunos que começaram como empregadas domésticas, porteiras de prédios. Eles ganham uma autonomia, uma segurança. São pais de família e não querem ter uma escolaridade muito a quem da dos filhos; pois isso da muito mais dignidade a eles, na família deles, no entanto, é uma coisa não muito proveitosa, pois o conteúdo é muito defasado...Mas serve ainda.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Com certeza! Isso ai eu acho que é importante para as futuras gerações, que vai educar como pais ou como personagens dentro de uma sessão de trabalho, dentro de

uma sensibilização para a sua saúde inclusive a mental.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Bem em momentos em que as situações midiáticas, situações em que acontece um acidente, por exemplo, teve um incêndio numa fábrica de detergentes em Diadema então isso se torna um assunto midiático... Todo mundo fica sabendo e por ai eu desencadeio a situação da proximidade do impacto ambiental, que deve ser visto pelas construções de fábricas de químicos perto de residências e escolas. Então normalmente eu ensino assuntos de educação ambiental, do que deve ser feito e da importância do estudo do impacto ambiental pra não ter construção de algumas indústrias perto de residências... Então de outra maneira, o aquecimento. Disse que no sábado (passado) todo mundo tinha que desligar as luzes por uma hora e que isso é um processo que está se ampliando e que cada vez mais eu vejo que tem alunos que tem se interessado; tem sala que não teve nenhuma adesão, mas tem salas que eles ficaram sabendo e que a família fez, então, isso pra mim são momentos em que, como um conta-gotas, dá pra inserir a questão da educação ambiental.

Professor 5 – Escola 5 - Bairro: Saúde

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Olha, eu comecei a dar aula em 1997 e eu era estudante. Eu estava na USP e já sabia que eu queria ser professor. De lá pra cá, um ano sim e um não.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: A EJA é importante na medida em que considera a educação importante, se coloca em prioridade. O dinheiro vai ser mais importante se ele pensa em economia.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Foi minha escolha de trabalhar a noite. O ano passado eu trabalhei com EJA na prefeitura. Experiência de uns cinco anos.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora longe da escola que trabalha

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: São estudantes trabalhadores, largaram para trabalhar. Motivo social e motivo cognitivo e, depois de adultos, em função da demanda social.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Em função da demanda social, necessidade no trabalho. Eles voltam para tentar solucionar esse problema.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Existem alguns equívocos em relação aos alunos. Os alunos estão equivocados nessa busca. Eles buscam a questão do emprego porque arrumaram o emprego, mas há aqueles que querem adquirir o conhecimento

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: A EJA é uma maneira de inclusão econômica. Ele vai conseguir pensar e ler um livro.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Antes o nome era meio ambiente, mudou o nome. A idéia de o sujeito viver bem com seu ambiente. Não quer dizer que isso é trabalhado como conteúdo. Às vezes acontece trabalhar um projeto. No mais ele trabalha um texto

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: A escola trabalha com temas, projetos, a sustentabilidade. Os meninos de EJA juntam o óleo doméstico. Existe essa maneira de trabalhar projetos. Trabalhamos o filme “Um dia, depois de amanhã”, essas reflexões que são feitas terão proveito. Não significa que todos os professores tem o tema educação ambiental. A gente trabalha com a questão da ética. Não destruir o patrimônio público. Ele vai para uma floresta, ele não vai deixar um papel no mato. Entendendo o meio ambiente como o ambiente em que eles vivem.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Quando fala de aquecimento global e de acordo com a temática do dia

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: As questões na ordem do dia...A questão do aquecimento global. O trabalho na EJA é mais tranquilo. Os adolescentes perturbam nesse sentido. A consciência. Esses

adultos querem estudar. Eles tem a visão prática do mundo. Inclusive para trabalhar a questão ambiental. Eles são educadores, pois quando se educa um aluno de EJA você está educando a família. Agora, já nessa fase da adolescência você não tem essa resposta. A escola do estado e escola da prefeitura. Eu estou aqui há quatro anos.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: O tema do jornal é o meio ambiente. No momento que eu pego jornal. É legal pegar o tema da moda.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Sim, como o trabalho de conscientização não é muito fácil. Professa coisa na arte de professar a gente pode gerar algo importante. Ela importante é fundamental, mas o resultado não é 100%; no mínimo a gente tem que tentar conscientizar. Eu deixei meu carro ligado. Eu fui pensando nisso.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Se a EA tiver sucesso nesse processo, ele será um agente contribuidor e não agente destruidor. Marginal no âmbito do pensamento. Importante para a sociedade. Ele vai ter essa consciência. Na própria casa dele ele terá essa noção. Toda a informação que seja vinculada na escola.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Eu diria que o professor tem que ser um exemplo; a segunda coisa é que ele pode ter ações com projetos, textos. Situações de reflexões que podem problematizar. Compre a idéia e faça parte dessa idéia.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Nem todos, nem sempre dá para dar uma resposta científica. Eles foram excluídos. Ninguém vai para a EJA. Se você elaborar bem essas razões, são pessoas, cidadãos, que convivem com a exclusão. Na EJA eles estão habituados à exclusão. Todos vêm de um processo de inclusão.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do individuo na

nossa sociedade atual?

Resp: Várias ações. Sustentabilidade. De alguma forma econômica. Mercado de trabalho formal ou informal; ele tem pessoas agregadas a ele. Se você não tiver uma linguagem prática. Isso é importante. Fundamentalmente atingi-lo no seu meio.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: O aluno acredita que a água não acaba. Será que é verdade? Fazer conta? E o que isso tem a ver com o mundo deles? Alguns são faxineiros, guarda noturno. Seu filho não merece um mundo melhor? Você precisa de 10 sacolas plásticas para cada compra

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Trabalhar com textos. Fernando Sabino trabalha com textos literários. Cartas, e esse é um tema recorrente. Quando aconteceu o Katrina nos EUA... É um tema permanente na escola. A educação não é só um tema ela está no bojo. Porque ele não deve fazer isso.

Professor 6- Escola (6) - Bairro: Barra Funda

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: A escolha de ser professor foi um acaso. Fiz biologia, mas o objetivo, o primeiro objetivo não era lecionar, era trabalhar com pesquisas - por questões mesmo financeiras por questões de ter que sair da cidade onde a gente mora. Eu vim arriscar fora e acabei indo para a área da educação e gostei de lecionar, né? E vejo um ponto negativo porque é uma carreira que para nós, para o professor, devia levar o conhecimento, mas faz um trabalho inverso. A gente vai afastando cada vez mais do que é novo, das descobertas da ciência. Pelas circunstâncias... Eu acho bem financeira mesmo! Você não é bem remunerado pelo seu trabalho. Então não foi uma escolha assim. Então...né?

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Com relação a EJA, eu acho válida, necessária, mas também é assim...É pra tapar um buraco...Essa é a visão que eu acho que o governo tem. Eles teriam que ter maior

qualidade. O espaço deveria ser com mais qualidade. Não só para cumprir, por tabela, um espaço. Deveria ser melhor o que é oferecido pra eles. São dedicados e têm o objetivo de voltar. A gente sempre fala para respeitar o nosso espaço e multiplicar... E aceitar aqueles que querem voltar para a sua cidade de origem.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Também como eu comecei a atuar no EJA... Eu comecei também não por opção. A minha jornada foi ficando pequena e as escolas foram fechando salas; foram abrindo espaço pro EJA e a gente, então, para completar uma jornada de trabalho, aceitava. Eu tive que optar pela EJA. Não teve nada de especial.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: O tempo que eu levo para ir a escola? Daria 1 hora e 10 minutos.

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos

Resp: Como eu vejo o aluno do EJA... Vejo que a sociedade e o trabalho cobram né? Eles não tão aqui para ampliar o conhecimento... São poucos. Eles precisam de um diploma para justificar o seu trabalho

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Para continuar exercendo a profissão que eles têm. Alguns têm outros objetivos, que é fazer faculdade, fazer um concurso público, mas a maioria vem levada pela exigência atual de ter um nível médio. Então voltam a estudar, justamente por isso.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: O que eles buscam né? Eles buscam o diploma, como eu disse. O conhecimento? São poucos. Também não tem aquela de eu quero aprender, de ir atrás dos professores, o que faz com que o professor vá pesquisar, vá correr atrás pra ampliar o conteúdo. Eles se contentam com aquilo que você passa. A coisa mais difícil hoje é você ver uma pergunta de alguma coisa que ele viu e que queira ampliar o seu conhecimento. São raros.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: A inserção ocorre por isso, porque há esse aluno na sociedade. Eu vejo o que ocorre na sociedade, como que a gente diria, no trabalho. Culturalmente é pouco o crescimento deles. Em termos de cultura, agora eu vou ao teatro vou ler um livro melhor. Nesse o crescimento cultural é pouco. É mesmo uma fixação no trabalho; é manter pelo

menos o que tem.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A EA eu acho que é uma educação de sobrevivência. (A professora, nesse momento, é interrompida pelo aluno). Eu vejo assim.. Que a EA passa para esse. Eu dou esse enfoque, inclusive. Uma visão futurista. Que tem que preservar o planeta para as gerações futuras. Eu dou esse enfoque.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: É possível trabalhar a EA, só que, de que maneira? Eu acho que a EA, (interrompida pelo aluno) para mim...A gente mora na área urbana, com alto índice de poluição...Desde o fato de você evitar usar um spray, de ter o cuidado de escolher um produto que seja biodegradável. Então, pra mim isso é EA. Então é você ter a certeza de que aquilo que você faz reflete no meio ambiente. E o que você pode fazer para evitar pequenas coisas. Então eu trabalho dessa forma aqui com eles. Sempre tentando lembrar que você não joga um papel pela janela, não por que não tem faxineiros pra recolher, não é isso, mas é o estrago que isso faz a esse meio ambiente. Será que ele será degradado em quanto tempo, se você jogar um chiclete? Quanto tempo vai demorar pra ele ser reciclado? Formação da decomposição. É nessas pequeninas coisas que agente trabalha.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: A temática é sempre abordada, depende da sala que eu estou trabalhando eu sempre faço uma ponte com essas situações, né? Porque primeiro a conscientização é difícil. Porque a gente sempre acha quando a gente fala em meio ambiente, em educação ambiental, não sei se é nessa linha que você... Se é isso... A gente pensa, eles pensam sempre assim, a gentes tem que preservar a Amazônia do desmatamento. A gente tem que não poluir o rio lá de não sei onde, mas no nosso caso, na nossa localidade é normal. Você aceita como normal... É o nosso rio Tiete que está morto, mas é normal! Eu conheci ele assim eu vou morrer e ele vai ficar assim, mas a Amazônia não, ela tá lá! Eu sempre procuro trazer para a nossa realidade. Não que você não tenha compromisso, mas você também tem que ter compromisso com o que está próximo de você.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Trabalhos de EA... Os trabalhos são com as turmas que eu leciono que eu

trabalho com eles... Só quando o conteúdo está bem focado nessa EA. Então só nesse enfoque. Nos outros, não, é só uma conversa diária, um toquezinho. Na EJA nós temos o tempo curto, tem coisas que a gente não pode estar se estendendo muito. Um toque rápido.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Aproximando os temas da realidade dos alunos

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental

Resp: No começo fiz um trabalho. Hoje a gente tem a lei que não pode fumar em prédios públicos. O que você mudaria. A gente pode mudar isso, proibir aquilo, tem que mudar o comportamento. Aí, no dia seguinte, encontra um deles fumando no corredor. Ah, professora lá foi só para escrever, para falar. Há uma distância entre o que eles pensam e o que eles vão fazer.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Olha, na EJA... Norteador eu acho que ele é sempre. Eu acho que geralmente o que eu escuto aqui: Ahhh, professora, Biologiaaaa? Aqui você respira você anda, você fala, não tem como não falar... É vida, não tem como passar batido, por isso você é um ser vivo. A EA é norteadora; estamos voltando no começo; é a questão da nossa sobrevivência. A gente... Qual é a nossa preocupação? A qualidade de vida! É a sobrevivência da nossa espécie, para a gente que tem, culturalmente falando, um pouco mais de conhecimento. Você, que é um professor formador de idéias! A sua sobrevivência e a sobrevivência da sua espécie.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Acho que é um elemento importante para a formação pessoal, profissional e para a formação de meus alunos também. É porque a EA, ela passa pelo respeito, pela cidadania. É um direito saber quais os seus limites! E você tem isso bem claro, partindo de uma educação que você tem, familiar, que te dá os limites, os nortes dessa situação de respeito, de respeito a você, ao próximo, aos objetos. Você passa para a EA, você sabe onde é o estrago que você vai fazer e se você se respeita, conseqüentemente, vai respeitar o lugar onde você vive... Você vai ter isso muito claro. Então, acho que a EA é um elemento

importante. Deveria passar como se deve pedir licença, como dar um bom dia; levantar de um lugar para a outra pessoa sentar. É cidadania, é direito. Estar em um lugar limpo, onde possa respirar; água tratada... E aí vai... A gente está falando de coisas mais corriqueiras, não sei se teria uma idéia mais ampla, mas é o que a gente fala aqui.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Olha, dessa escola acho que são pessoas incluídas na sociedade; é justamente para ter uma receita ou para ficar em pé de igualdade, é que eles estão aqui fazendo a EJA. Uma fixação é que eu vejo muito você está incluído no bairro que você mora, no trabalho e no bairro onde fica o trabalho, na empresa que você trabalha, na atividade que você exerce... Eles estão incluídos, sim. Alguns querem passar de um núcleo para o outro, querem ampliar seu grau de conhecimento e desenvolvimento, e outros querem simplesmente se firmar onde estão incluídos.

Temos aqui dois aspectos: pessoas que residem próximo, né? E aqui a gente tem ainda uma situação interessante, porque nós estamos perto de um bairro nobre, o Higienópolis, a Santa Cecília, a Barra Funda, então a gente tem uma clientela de porteiros, empregadas domésticas. Então, o perfil é esse aí, normalmente voltado pro trabalho. E alguns estão aqui porque moram longe, mas trabalham no bairro, então, para ir até em casa demora. Então tem esse perfil. Poucos são jovens que já eram da escola; então tipo é pela idade, não porque não tiveram oportunidade, mas por que “brincaram” um pouco e então voltaram. Pessoas, mesmo, que pararam de trabalhar ou são nordestinos que vieram com o objetivo de conseguir um emprego melhor.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Essa aqui acha que já respondi. Acho que é pelo respeito, pelo exercício da cidadania... Natural, social, ambiental.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: As nossas atividades específicas... A gente não tem como eu te falei. A gente não tem esse tempo para trabalhar, mas um trabalho interessante que a gente fez, decorrente de um trabalho de uma observação ambiental, foi à situação... A gente trabalhou um

exemplo: o mosquito da dengue. A gente passou pelo enfoque da destruição do habitat desses mosquitos, por que eles estão cada dia na zona urbana e mais, situação dele ainda é endêmica, mas em alguns pontos já chega a ser epidemia. Nos centros urbanos passa pelo comportamento, pela falta de respeito com o meio ambiente e, decorrente desse trabalho da dengue, a gente passou por um que não tinha nada haver... A gente passou por um calendário de vacinação. Quando você tomou a última antitetânica, partiu de uma situação real das doenças tropicais, não são do primeiro mundo. O envolvimento ambiental. É nesses instantes que a gente aproveita esse envolvimento com a saúde.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Características da EA... Ela não pode ser sozinha. Na EJA a gente dá enfoque à EA que passa pela educação, pelo bom dia, pelo respeito, a escola é responsável por isso. Antigamente era a escola, felizmente ou infelizmente. A educação tem que passar pela educação propriamente dita. Os jovens estão órfãos de educação e a educação ambiental sofre. Se você observar, uma geração órfã desses conceitos precisa educar. Aí ele vai saber respeitar.

Professor 7 – Escola 7 - Bairro: Vila Mariana

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Então, eu comecei... Eu recebi um convite para dar aula de inglês; é uma coisa que gosto muito de fazer. Esse ano é o primeiro ano. Eu tive que pegar para completar a jornada. Está sendo uma experiência gratificante. Está sendo uma experiência muito boa.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Hoje temos uma clientela muito diferente. Termina o ciclo na oitava...Bastante jovens que pararam de estudar para trabalhar; hoje a clientela da EJA está mudando bastante e está acabando...Poucas salas. Educação de Jovens e Adultos... Não precisaria existir a EJA. Não precisaria existir! É para recuperar o tempo perdido... Não tem demanda! Você direcionou para a EJA. Com a progressão continuada. Tem aluno concluindo o ensino básico. Não tem mais aquela pessoa que para de estudar. É um público

que está acabando, pois todos os brasileiros já possuem nível suficiente de ensino para se inserirem na sociedade.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Esse ano é o primeiro ano na EJA

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora muito longe da escola

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Para trabalhar

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Para melhorar sua posição no emprego

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Terminar mais rápido, buscar novas oportunidades de emprego para melhorar.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Eu vejo assim, eles já estão inseridos; eles estão correndo atrás do prejuízo para ter uma promoção, um emprego melhor.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Eu acho isso superimportante: falar sobre EA. É superimportante abordar esse pessoal. Para conscientizar adultos em qualquer idade. Na EJA é mais uma retomada de valores. É mais fácil conscientizar.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Existe a coisa do vício. O adulto entende, compreende aquilo que você está tentando conscientizá-lo. Eu acho que eles entendem, mas, colocar em prática...

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Contexto! Eu busco contextualizar. Um dia aconteceu o problema do lago da Aclimação; o problema do revertedouro; passa pelo dia-a-dia. Algumas coisas que acontecem no clima... Então você puxa esse assunto.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Contexto atual do aluno

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: O cotidiano

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: O interesse dos alunos? Eu acho que o interesse é muito pouco. Mas assim, faço o que eu posso fazer para melhorar.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: A gente que joga o problema para que eles possam refletir um pouco.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Então, eu acredito assim... Torna uma sociedade mais sustentável. Buscar energias mais alternativas; criar uma leva de multiplicadores. Procurar não só reciclar, mas reaproveitar.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Alguns sim e outros ainda não e, quem sabe, voltando. A maioria está inserida, trabalhando, tem uma família. Olha, eu não acho que posso fazer com que ele consiga alguma coisa, melhorar uma coisa, tornar ele mais crítico, mas fazer com que ele consiga um emprego melhor, por ter educação ambiental.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Vai ser uma pessoa com uma visão mais ampla. Rodízio e reciclagem de lixo... Ele vai ter um diferencial. Talvez numa entrevista de um trabalho.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Quando você fala de economia de água e luz desperta bastante interesse. **(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?**

Resp: Alguma idéia que vai ter um retorno financeiro... O interesse é despertado.

Professor - 8 – Escola 8 - Bairro: Pompéia

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Eu sempre quis ser professor, desde criança e aí, no último ano, tinha que escolher e me identifiquei com a Geografia. No último ano do magistério fiz as duas coisas.

Terminada a faculdade, prestei um concurso para PEB I e aí prestei PEB II.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Aqui são pessoas trabalhadoras, muitas pessoas de fora, do Jaraguá, da zona norte; não são pessoas do bairro. As pessoas vêm do trabalho, estudam e depois voltam para suas casas. São pessoas mais vividas; muitas são vindas do nordeste. São pessoas dedicadas, que tem interesse.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Na EJA foi assim... Logo que ingressei peguei uma carga horária noturna com bastantes aulas à noite e poucas à tarde... E não cansa trabalhar com eles

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside um pouco distante

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Porque eles param de estudar e depois tem necessidade de ter cultura, necessidade de crescimento pessoal e alguns por conta do trabalho; outros não tem aquela necessidade, mas tem uma força interna que motiva eles a estudar

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Desde aluno que quer prestar vestibular. Outros que querem apenas concluir, pois não puderam terminar por conta do trabalho; tem muita senhora, dona de casa, então, tem todo esse movimento nacional pela educação

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Faculdade, concluir os estudos interrompidos no passado.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Muitos são inseridos, pois já tem o trabalho. Acho que é meio dividido. Outros já tem uma vida construída e outros querem melhorar, fazer um curso técnico e a EJA é um caminho mais rápido para os outros níveis de ensino, pois o tempo para eles é bem escasso e eles tentam aproveitar o tempo e o espaço.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Não é uma conscientização, é mais uma construção, sabendo que tudo que o homem faz tem uma consequência e que só a ação coletiva é que pode mudar alguma coisa; não só os políticos.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim, acredito que sim..

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: A gente vive cercada de problemas ambientais e a gente busca que eles reflitam sobre a problemática da poluição, enchentes, inclusive no bairro; busca conscientizar, abrindo os olhos. A gente busca, na medida do possível

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Eu trabalho assim, um tema central e puxo os ganchos: ocupação do solo das encostas; a realidade dos automóveis; aí puxo para os meios de transportes coletivos, a Amazônia, falo da Mata Atlântica; vou puxando os ganchos para a EA.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: temas centrais do cotidiano

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Eles gostam, pois tem haver com o cotidiano; eu procuro trabalhar o bairro; sempre dou as características físicas e quais são os impactos dessa urbanização.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: A educação ambiental é importante. Acredito que isso é devido ao período da história, a mudança de hábitos em casa, na escola, no ambiente de trabalho, através do contato, da conversa é uma construção da cidadania; pode não ter um fundo voltado para meio ambiente.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Para a formação do professor isso tem sido algo muito importante. Sempre que posso trabalho esse tema.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: . Acredito que sim, mas que ainda é uma coisa que está começando... Não digo que possa ser uma coisa imediata e precisa de uma ação politizada; é um começo, um início, pois acredito que não são todos os professores que trabalham isso.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Inclusão dos alunos da EJA... Eles são, enfim... Eles estão incluídos no mundo do trabalho, familiar e do seu bairro

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: A gente não tem uma cobrança muito grande; metodologia de aula dialogada; faço muitas perguntas, pois eles têm muita bagagem e começam a se soltar e praticar a oralidade. Faço com que eles pensem e trabalhem a oralidade e por fim a escrita.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: São vários temas e, em especial, os temas ligados a vida na cidade, por exemplo, o papel da mídia. A mídia faz com que as pessoas tenham uma visão que mascara a visão do sistema e coloca a culpa na natureza; aí eu busco trabalhar com isso, com o que motiva eles e para saber que eles estão inseridos e que eles podem modificar a realidade

Professor 9 – Escola 9 - Bairro: Mooca

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Na verdade, a EJA eu trabalhei dos anos 2002 até 2004 e retomei agora, em 2008. No magistério, desde 1993. Fiz curso magistério e fiz o curso de biologia; já tenho um curso... E as pessoas aconselhavam que era um emprego mais fácil; mulher, sempre tive muito interesse pela biologia e em ser bacharel.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Momento de retomada

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Entrou por acaso em 2002

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Próximo a escola

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Muitos falam que é por causa do trabalho; as mulheres, por causa de gravidez e filhos e aqui, nessa escola, não são tão velhos e aqui são os que reprovaram.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Devido ao mercado de trabalho

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Eles buscam o diploma rápido; o tempo perdido numa reprovação e alguma atualização; eles querem logo o diploma.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Então, é a EJA... A gente tem que reduzir para o semestre e tendo buscar na proposta curricular o que é importante para eles; é muito técnico, acaba distanciando um pouco, partindo de temas atuais

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Então, eu utilizo no caso do primeiro ano os conteúdos de ecologia; a intenção é estender tudo isso: floresta, casa, escola. É difícil você sair da sala de aula e nessa escola iniciei nesse ano.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: O trabalho que iniciei foi com o pessoal da suplência, devido a disponibilidade maior; eu gosto de trabalhar com projetos paralelos.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: A idéia de poder fazer a diferença é um contaminando o outro.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Para a mudança de postura e pensando que você é um dos integrantes daquele todo; se tornar mais crítico quanto às decisões que acontecem no bairro

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Gancho nas temáticas da grade curricular

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Eu sinto que eles estão sempre abertos a novas idéias e a novos conceitos; não vejo resistência.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Quando a gente fala a respeito... Sempre que se fala de decomposição e do processo de reciclagem e agora como eu consigo...

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: A EA? Acredito que sim. Ela pode auxiliar na inserção, devido ao trabalho com os princípios básicos e sobrevivência.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: A EA é motivadora do meu trabalho. Eles não são inseridos e por esse motivo voltaram para a escola, pela cobrança... E mesmo na sala de aula tem dificuldades de demonstrar e participar; no início eles ficam travados e ao se expor, fala errado

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: A EA é possível ser trabalhado na EJA. É a partir do conceito de espécie e nós somos uma espécie e temos problemas em comum com os outros para tirar a idéia do homem acima de tudo, sempre retomando essa parte e mostrando a função dos diversos organismos vivos.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Eu trago reportagens fotografias e por perguntas e hipóteses dos alunos e geralmente começo a discussão por perguntas; eu uso elementos do projeto pedagógico da escola e área verde e adolescentes adoram sair da sala de aula e o adulto, na questão do formato de jornal nacional.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno

da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Seria um meio utilizado para mudanças de comportamento; pequenas mudanças que possam contagiar o núcleo familiar, como eles são responsáveis pela pequena mudança de comportamento

Professor 10 – Escola -10 - Bairro: Cambuci

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Eu decidi ser professora muito jovem; eu tinha 13-14 anos. Fiz em Ribeirão e completei em Mogi, pois eu gostava muito de ser professora. Aos 44 eu me aposentei, sempre atuando como professora, sempre atuando como professora; nunca tive outra profissão.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Eles são alunos muito interessados e adultos... Tem uma necessidade pelo conhecimento, embora tenha um ou outro, mais jovem, que dá um pouco de trabalho. Você sente que seu trabalho dá retorno. Classes melhores de trabalhar... Eles questionam, participam.

Tem muitos alunos de outras regiões e tem alunos da região também, devido a inserção no mercado de trabalho; alguns são donas de casa. Eles querem terminar com um pouco mais de conhecimento e querem se inserir no conhecimento, no trabalho, lá fora.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Sempre gostei muito de trabalhar na EJA e trabalhei como coordenadora. Trabalhei em São Bernardo quase 10 anos! Eu tinha todas as turmas de EJA a noite. Eu gosto e quando o aluno interage, tem retorno, e eu sempre gostei muito de trabalhar... E eles se sentem muito gratificados.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora próximo

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Trabalhar

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Primeiro, eles já tem uma idade e são mais maduros e uma das coisas é

sensibilizá-los com o que acontece com eles.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Eu acredito que eles vêm buscar informações e uma melhor posição junto a empresa, no trabalho e para as empresas serem qualificadas na ISO; eles vem buscar uma melhor condição social e tem alguns que prestam o exame do estado e passam em todas as disciplinas.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: A EJA tem contribuído, sim... E eles, entre eles mesmos, levam currículos uns dos outros; eles estão participando e conduzindo o colega para a área de trabalho e, muitas vezes, sem o conhecimento isso é difícil.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A EA procura, dentro de uma conscientização, que nós dependemos uns dos outros, não conseguimos viver sozinhos... Trazer as pessoas para que elas percebam que não é ser individuo sozinho e o que ele fizer vai surtir efeito.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Eu uso assim, de acordo com os temas que eu estou trabalhando. Até mesmo no espaço escolar, que eles deixem em ordem, que o professor media o conhecimento sobre a necessidade de organizar o meio. Eles vêm a pé para a escola.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: O trabalho ambiental, dentro da EJA, é possível e sempre seleciono temas como a água, o desequilíbrio, pois esses alunos já têm uma consciência dessa importância do meio ambiente.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Na medida que ele tem essa consciência, ele age com maior cuidado, até em condições alimentares e com a própria empresa, cuidando do verde, da água, do ambiente; eu não sou obrigada a respirar o ar que você suja.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Eu trabalhei problemas do aquecimento global e eles trouxeram artigos sobre o nível dos oceanos, pois eles se interessam e se interam. Seria muito difícil fazer um trabalho a margem. No dia 22 de março fiz um trabalho com a água... E um dia eles

trouxeram quanto de água a agricultura tem consumido e os estragos da água e que 75% da água nossa vai para a agricultura.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: A gente norteia para que desperte o interesse dos alunos; não tem rejeição, tem muito interesse

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Cotidiano do aluno

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Para a minha formação foi essencial e eu tenho um terreno em que o pessoal faz horta; quando você passa essa consciência você.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eles são pessoas incluídas e trabalham nas atividades de sua empresa; tem alguns que são do sistema aberto de prisão e eles precisam desse processo para se inserir.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do individuo na nossa sociedade atual?

Resp: Quando trabalhamos um tema, eu pergunto o que pode causar de conseqüências para as nossas vidas e levo os alunos a refletir sobre, por exemplo, o Brasil - utiliza o álcool.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Às vezes eu abro o mapa do Brasil e mostro as diferenças... E digo que se o nosso irmão não tiver água.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: A EA é mais... Não só para conscientizar, mas para mostrar a necessidade de preservar essas condições e para isso eles devem praticar o conhecimento. Conscientizar e,

acima de tudo, por em prática. A família e os filhos fazem isso.

Professor 11 – Escola -11 - Bairro: Vila Madalena

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Eu trabalho desde que eu fazia o curso de graduação; eu já comecei a dar aula em curso regular e depois eu fiquei um tempo, uns seis anos, trabalhando na universidade, com pesquisa. Então eu tinha bolsa e iniciei o mestrado na Biociência, focado em peixes e não conclui. Fiz concurso pra dá aula aqui e estou há 24 anos; aqui dentro da escola estadual e particular. Agora só em estadual e com a diminuição de salas do ensino médio terminei parando na EJA. Não era um sonho e nem acho o curso uma coisa satisfatória pra mim, como professora, porque é muito defasado e muito pouco do aprendido pra o que ele necessita para superação das dificuldades dos alunos; um ensino muito precário, praticamente pra aumentar o índice de indivíduos formados em ensino médio e ensino fundamental porque a formação é muito precária.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Olha eu acho que Não somente no eja a educação ambiental é um compromisso de uma fatia importante da cidadania dos governantes e do município federal e não só da parte de professora de biologia, mas toda uma equipe de educação que forma uma parte . Ela extrapolar meu compromisso ela vai para um personal trainer e para um químico e para matemática e para todos que formam equipe de educação e todos que tem compromisso com a sociedade esses que colhem nossos impostos e paro eja eles perderam a oportunidade de ter isso mais profundamente para correr atrás do prejuízo e nesse aspecto eu diferencio o eja do ensino regular. O perfil daqui são que trabalham nessa região não são alunos moradores da região porque é uma região de classe média então muita alunos que trabalham aqui a noite e vão pro seus lugares dormir, muitos são jovens que agora que eu to dando EJA para sétimas e oitavas séries,então são pra mim eu estou vendo que estão muito mais deficiente do que eu pegava no ensino médio que já fizeram quinta EJAS então quando vem do ensino fundamental EJA pro ensino médio EJA a chegada de deficiente é muito grande quando vem pelo menos do fundamental regular e começa menos pior.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Olha no... Quando começou a EJA... Eu sempre dei aula nessa região; dei aula 12 anos perto da Vila Madalena. Como diminuiu bastante o ensino médio regular eu pedi remoção pra cá e a característica dos alunos, no começo da EJA, era de alunos que realmente tinham perdido a oportunidade de cursar o ensino regular e voltavam mais velhos, pra fazer o curso.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora muito próxima

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Bom, esse foi o primeiro estagio e atualmente o que eu vejo é gente jovem, que para de estudar pra trabalhar e vem ainda jovem, com 18-19 anos, cumprir a EJA, para ser mais rápido. Aí há uma grande diferença de conhecimento, pois os garotos tem um ensino muito próximo e os mais velhos se distanciaram muito, pelo tempo que pararam de estudar; então esses dois na mesma sala fica muito mais precário...Você atender pedagogicamente um currículo que atenda e tenha a velocidade ideal para todos

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Para finalizar o curso rapidamente, às vezes apenas por uma cobrança no trabalho e outras vezes por estar almejando entrar numa faculdade, mas a maioria, a minha maior amostragem, era pessoas que vinham do hospital das clinicas, pessoas pressionadas pelo seu serviço pra terminarem o ensino médio; sempre tive aulas de biologia.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: A eu acho que para isso tem é muito bem eu tenho depoimentos de alunos que começaram empregadas domésticas, porteiros de prédios, que eles ganham uma autonomia uma segurança, até eles que são pais dentro da família pra o filho não estar na escolaridade muito aquém deles, e isso dá muito mais dignidade a eles na família deles, no entanto é uma coisa de inserção da cidadania é muito proveitosa o conteúdo é muito defasado mais serve ainda.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Olha, normalmente eu trabalho isso com eles no primeiro ano do ensino médio associado ao conteúdo planejado que é ecologia então dentro da ecologia eu trabalho a questão da educação ambiental de modo também muito pouco porque nós temos 2 aulas por semana porque é a noite é 40 minutos com uma grande dificuldade na primeira aula da

só 25 minutos na última a mesma coisa portanto é uma situação muito difícil mas eu acho que vale a pena trabalhar.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: é o trabalho com o contexto dos alunos

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim é possível

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: De acordo com o que está ocorrendo na sociedade

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Bem em momentos em que as situações midiáticas situações em que acontece um acidente é, por exemplo, ai caracteriza melhor teve um incêndio numa fábrica de detergentes em diadema então isso se torna um assunto midiático todo mundo fica sabe por ai eu desencadeio a situação da proximidade do impacto ambiental que deve ser visto para construções de fábricas que podem ter acidentes químicos perto de residências e escolas então normalmente eu insiro assuntos de educação ambiental do que deve ser feito e da importância do estudo do impacto ambiental para construção de algumas indústrias perto de residências então de outra maneira o aquecimento é sábado passado todo mundo tem que desligar as luzes por uma hora e que isso é um processo que está se ampliando.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: E que cada vez mais eu vejo que tem alunos, eu pergunto em cada sala, que tem se interessado tem sala que não teve nenhuma adesão mas tem salas que eles ficaram sabendo e que a família fez então isso é pra mim são momentos que a conta-gota que dá pra inserir a questão da educação ambiental é a questão do lixo mas sempre fica muito a nível de debate que não tem tempo de sair com eles de pedir que eles façam um trabalho em casa para que eles realmente aprendam porque eu tenho alunos que dormem em sala de aula, bastante tenho alunos que chegam muito cansados então é uma coisa de motivar mesmo esse debate com eles propondo uma prática deles e fazendo exemplos também.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: É sempre muito bom apesar de que eles agem diferentes as salas são super

porcas, mas eu acho que a escola, não tem não educa. Isso é graficamente com lixeiras com indicativos que você deve estar atento na questão do cigarro, a questão do esporte, essa falta de associação com a saúde do indivíduo no meio que o cerca com isso é ainda muito dissociado, pois às vezes ele até tem o conhecimento, mas não tem como praticar isso.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Com certeza eu acho que isso aí eu acho que é importante para futuras gerações que ele vai educar como pais ou como personagens dentro de uma sessão de trabalho dentro de uma sensibilização para e que isso faz parte para sua saúde inclusive a mental.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Bastante é muito importante ter a oportunidade de aprender do Brasil a fora há um tempo mais cedo então você via realmente uma diferença muito grande dentro da educação em sonora da educação de comodidade de transporte público coletivo. É tudo isso adquirir vendo outras sociedades viverem de outra maneira e terem sucesso e fica essa questão de como a gente contribuiu para fazerem as pessoas reciclarem pelos meios de comunicação atacando isso diretamente e diariamente e tudo isso e é muito importante pra minha formação.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Olha eu acho às vezes na maioria das vezes sim na maioria das vezes o aluno foi inserido por, mas que perdeu uma oportunidade infelizmente mas ele se inseriu por outro mecanismo por outra saída que é de ser trabalhador então ele tá inserido sim e ele merece essa chance e eu tenho muitos alunos de EJA que vão fazer a universidade mesmos precários em faculdades precárias mas eu encontro eu tenho 22 anos de magistério e só em São Paulo então eu encontro o retorno disso em alunos de Eja sim.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Olha eu espero que seja eu não fiz nenhuma pesquisa sobre isso mas eu espero, eu me preocupo muito com eles em questão alimentar em questão do gasto de as

vezes de um dinheiro que ele pode estar comendo uma fruta e as vezes ele fuma e come alimentos sem nutrientes e isso estar associado a sua saúde futura e eu acho e me torno um exemplo e eu tenho uma idade muito diferente do que eles dizem e mostro a eles uma atitude e eu mostro como separo meu lixo e como faço para facilitar o cara que vai lidar com o lixo e acho que isso que ele vai se tornar mais inserido pois sai com noções de higiene saúde publica

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Eu acho que sim minha atividade e acho que ele vai ser um profissional inserido e diferenciado e a escola com toda a defasagem veiculo de formação e transformação e agente vê que em um ano e meio agente vê que ouve um resultado positivo

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Olha eu tive tempo e alunos que pude desenvolver muito bem isso essas garotas tinham objetivo de ser professora e desenvolvi trabalhos práticos de visualizar o trabalho de uma coleta de lixo de um conjunto nacional da paulista e no conjunto nacional moram e habitam e trabalham e a sindica tem um trabalho num universo daquele como se fosse uma prefeitura desde a coleta de todos os apartamentos e trabalham com o lixo com dignidade e fantástica e tem todas as etapas de serviço para mim e minhas alunas vivencia diferenciada que aspecto do lixo pequeno e importantíssimo e é muito acelerado e corrido e consigo fazer eles verem vídeo que tocam nesse assunto vejo muitos vídeos e documentários e um caso verídico do lago vitoria na Namíbia e houve uma introdução de um peixe introduzido e ele foi introduzido sem estudos e todas as populações da região e afetou toda a população e agora só exportam para Rússia e Ásia e um acidente da ambiental terrível . E mostrando essas coisas que em uma conotação política e metodológica e mundial. A maneira que se insere uma indústria e é vendido o óleo diesel e porque o lucro deve ser maior e quanto mais você é um cidadão educado ambientalmente você vai cobrar as questões e discutir. Apesar de termos uma Petrobras e saberem a diferença entre o diesel bem tratado e o não bem tratado.

Professor 12 - Escola 12 - Bairro: Mooca

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: É o seguinte eu comecei a lecionar quando eu tinha 19 anos e aí eu ingressei no eja numa escola particular aqui nessa região. Até me senti.... Por eu ser mais jovem perante aos mais velhos. Eu fui conhecendo as dificuldades que eles encontravam.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: EJA resgate da tempo perdido

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Fiquei 3 anos na EJA e depois eu peguei 2002. Têm muitos que pararam pouco tempo... E outra, não tenta trabalhar de uma forma articuladora para que todos possam participar. Eles dizem: se não fosse a senhora eu não conseguiria.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside próximo a escola

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: É o seguinte, o jovem de hoje não dão importância para o estudo devido a progressão continuada. Eles sabem que vão passar; chega na oitava série. Muitos param devido à situação socioeconômica. Muitos são pais e mães muito cedo. Largou o estudo por motivo maior como família, dinheiro. A gravidez indesejada. Largam do estudo para criar do filho. Eles não têm a visão da faculdade, pois no emprego eles precisam ter o ensino médio. Vem do ensino fundamental por falta de interesse. Não tem visão da faculdade. A escola tem a função de educar, tomar conta. Tem família, pais que não olham o caderno. Tem alunos que não vem para a escola e fica o dia todo na rua. Aí a mãe pensa que ele só volta a noite. Eu tenho um caso de um aluno... Ele foi aluno meu do ensino fundamental regular e hoje ele voltou e continua com os mesmos hábitos. Ele falta demais; ainda não têm maturidade.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Devido a cobrança do emprego

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Arranjar um bom emprego ele quer ser bem sucedido.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: A gente passar orientações básicas para a cidadania, para ele ter condições sociais, para que ele possa ser útil a empresa. Nós não preparamos o aluno para o vestibular. A gente procura que o aluno tenha a escrita. A gente pega no Ensino Médio regular alunos semi-analfabetos. Muitos não conseguem escrever. Alunos semi-analfabetos! A gente trabalha de outro modo. A gente tem o aluno disléxico. O aluno que tem algum problema na fala e ou na linguagem. Distúrbio de fala...

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Olha, na outra escola dá para fazer...Pode levar ao Jardim Botânico para trabalhar com as plantas ou ao zoológico para trabalhar os seres vivos. Nós fazemos visitas com a EJA, período diurno.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Com o noturno, através de cartazes, dialogo fotografia. Eles vão para lixos, porque é pichado, porque é jogado o lixo na rua. Seria bom sair na área de campo. Tudo gera dinheiro! Jardim Botânico, poucos. São Paulo tem bastantes atrações!

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: A biologia, em termos de meio ambiente, natureza, lixo, reciclado. Fotossíntese, luz.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Agente trabalha na parte prática mesmo. Eles podem pesquisar na família, onde moram.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: O que é o efeito estufa, diferença entre o aerossol. O cabelo você joga no campo. Eles têm experiência de vida.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Eu acho, porque assim, do jeito que está se não tivermos consciência da economia da luz.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Daqui para frente a chuva. A rua alagou. Ta vendo, as pessoas não têm

consciência! A gente, às vezes, para a aula. Aqui é normal alagar. A gente começa a trabalhar. A proposta curricular do ensino de São Paulo não está voltada para a EA.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Sim, Podia existir na biologia uma disciplina que fosse EA. Se o governo tem a intenção de conscientizar para o futuro.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eles são pessoas incluídas; são pessoas de nível econômico bom. Eles pararam para sustentar uma família. É total porque não tem uma apostila para a EJA também.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: A poluição visual, como sonora, a reciclagem de lixo e até o tratamento; não jogar as coisas. A higiene e também os tipos de doenças. E nada pode acontecer com eles de mal.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: As enchentes estão cada vez mais! A gente tem que trabalhar isso... Coisas do cotidiano deles; eles gostam. Quando falo de Lamarck...

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Eles gostam de ver coisas da própria cidade. Os jovens de hoje discutem... Isso é no ponto de vista da senhora! Tem diálogo. A EA é o estudo do meio ambiente em geral. Cria um cidadão crítico, reflexivo. Os jovens de hoje não ficam quietos; eles questionam e aí tem um debate. Para eles a EA é o estudo do meio ambiente em geral.

Professor 13 – Escola 13 - Bairro: Lapa

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Olha, a escolha da profissão foi assim...Eu me formei na faculdade de Santo Amaro, OSEC e hoje em dia se chama UNISA. Naquela época, quando eu me formei, eu já trabalhava no instituto Adolf Lutz. Quando eu me formei já trabalhava na área de saúde. Entrei na faculdade e entrei no Adolf Lutz. Comecei a dar aula a noite. Comecei a dar aula, inicialmente, para os cursos normais e depois deixei o estado e fui para a área privada; trabalhei na indústria de alimentos. Nesse meu retorno comecei como OFA na rede, sempre na diretoria centro-oeste.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: A EJA, esses alunos, por não ter essa oportunidade, quando a pessoa chega está a fim de aprender e isso implica em visão de futuro... Por ter que trabalhar para sustentar filhos. Eles te fazem perguntas mesmo! Você deve colocar bem o que foi passado, o presente e que as coisas mudam. Visão de clima, geografia e geologia. Então tudo isso aí tem muita importância para uma pessoa adulta; ela já tem uma visão do mundo que nem sempre é a visão correta e nós direcionamos a pessoa para uma visão correta. O que se pensava, o que se fez e o que não se deve fazer mais. Então, essa visão é muito importante. O aluno da EJA, na maior parte das vezes, é o adolescente que fugiu do Normal porque ficou velho demais; o aluno que está com 16 anos e quer fazer, mas o aluno de 18-20 anos também quer fazer a EJA; e pessoas idosas, aposentadas, que buscam só o conhecimento, também. E o terceiro e o pior deles, que eu acho que é o pior deles, forçado pela condição de empregabilidade; a pessoa vem forçada por sua empregabilidade.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: E comecei a ter contato, justamente, com a EJA e senti uma grande diferença. Na verdade, eu gosto dos dois, mas são focos diferentes.

Como o curso normal, você mexe com adolescentes, pois é um pessoal adulto e a maior parte já conheceu os estragos que foram feitos no meio ambiente. A forma como você enfoca o assunto meio ambiente é diferente, pois a maior parte é adulta e conheceu os estragos que o homem fez ao meio.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside longe da escola

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Olha... Muitas pessoas vêm seriamente fazer, mas muito não. Eles sabem

que o que mata mais é falta; como isso depende da consciência de cada, enxerga no indivíduo, na manutenção do emprego, e nem sempre tem o aproveitamento que deveria ter. Como depende da consciência de cada um,

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Uma recolocação no mercado... Me trás o diploma se não você está na rua... E o resto aprende mesmo

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Manutenção do emprego e finalizar rapidamente os estudos

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: No momento que recoloca a pessoa no mercado de trabalho

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A gente vai desde os primórdios da época primitiva do ser humano, o ser humano com a visão de agente de mudança do ambiente, que é o que continua sendo até hoje. O cupim não destrói o meio ambiente. O cupim não mata florestas e o ser humano destrói muitas vezes, comparo o ser humano ao cupim

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Olha... Eles se mostram interessados a medida que vocês calcam interesse nisso. O professor é um moldante. O interesse dos alguns eles se mostram interessados nisso, você molda seus alunos, o professor é um moldante. Eu sou biólogo, pois tive um professor bom o professor. Eu sigo a vida dela até hoje. O professor é um ponto de referência para o aprendiz.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Problemática do cotidiano- questões ambientais-. A gente vai fazendo a paralela; visão política e visão da igreja - Igreja como força política. O que essas forças políticas podem promover ou não? Qual a direção que essas forças políticas promovem? E a sensação de impunidade e arrependimento das gerações passadas? Eu me sinto devedor.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Olha gente, eu não cheguei a queimar floresta e eu me sinto devedor, pois de certa forma eu consumi produtos. Então, esse tipo de visão é a visão que a gente dá e também a gente fala de futuros cataclismas, com intuito de prevenir as pessoas. Eu não

compraria um apartamento próximo da praia. A maioria disse que compraria. Você compraria um apartamento próximo da praia? O mar vai tomar conta; o mar está subindo; os cientistas atualmente fizeram o cálculo que temos 30 anos para o degelo total. Um metro a cada quatro anos! E chegaram a conclusão que são 2 metros! A velocidade de degelo é rápida. E faltamente acharam que está errado de novo. Quando os biólogos falavam, há 30 anos atrás... Nem o tratado de Kyoto deu jeito! A camada de CO₂, isso também é falado.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: As problemáticas do dia a dia colocadas na mídia

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Eles se interessam e participam

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Nas atividades cotidianas. Muito importante, pois ele é um agente de mudanças futuras; ele tem filhos; ele tem uma família. Ele repassa isso. Eles estão sendo, gradativamente... No começo era meio estranho e se ela vem buscar conhecimento ele está querendo se capacitar. Depende do professor, da escola e da sociedade. Ela precisa fazer tudo isso. Se você ficar cinco anos sem ver nada... Tem cara que está há 20-30 anos parado. Para ele poder entender, depende da escola, do professor. Nós, biólogos universitários, se ficar cinco anos sem ver nada é um choque!

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Olha, eu acho que foi uma das coisas mais contundentes na minha vida, mais contundentes. O que você vê e me permitiu enxergar... O mundo que tem pela minha frente. Uma vez eu estava dando aula num colégio particular. Eu passei essa visão para os alunos. Me chamaram a atenção, então vocês preferem que esses alunos sejam tratados a pão de ló até o dia em que o pão de ló desaparecer da terra e vocês teriam que comer terra. Eu não sei a idade de cada um aqui. Me desculpem...Daqui a 20 anos você terá 40 ou 30 anos e você estará vivendo uma situação...Eu fiz o meu papel. Você estará vivendo uma situação trágica!

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira

essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: A partir do momento que eles fazem a leitura da sociedade são incluídos

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Olha... A EA passa pela prática, né? Infelizmente o curso noturno é aquele curso que o pessoal tá moído. O cara trabalha de motoqueiro na cidade de São Paulo. O corpo exige de você descanso e, às vezes, as pessoas não agüentam. Situação real... Tem gente que trabalhou o dia inteiro. Mesmo com toda a boa vontade, você tem um corpo. O ideal seria levar para a estação de tratamento, museu, verificar isso e aquilo. Eu sou biólogo generalista. Eu mostro figura e eu converso com o pessoal

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Problemática das questões ambientais

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Olha, a primeira é o interesse próprio, pois você não pode pegar uma pessoa que não tenha interesse; está lidando com um adulto. Dependendo da receptividade que você tem, pode pedir para eles fazer trabalho, pesquisas, fazer com que eles busquem e tragam para compartilhar em sala de aula. Até situações de locais que forneçam uma viagem, uma palestra, um vídeo, uma situação de audiovisual. Eu acho que a minha visão é mais ou menos por aí.

Professor - 14 Escola 14 - Bairro: Pinheiros

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: É, na realidade, quando você se forma você vai procurar emprego. Na realidade o caminho para a EJA foi lá na FEBEM e nesse ano começou a ter sociologia no estado eu comecei a pegar aulas fora. No caso da FEBEM, evasão para lidar com a criminalidade, trabalho e cuidados com o filho.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: EJA retomada e o perfil dos alunos aqui são moram na periferia, trabalham na região de Pinheiros e estudam aqui. Pensando pragmaticamente é difícil... Isso vai depender muito da pessoa; vai depender de cada um e é difícil mensurar e reverter as idéias, pois não é só a inserção no mercado de trabalho...

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Na FEBEM

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside próximo

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Na fundação, no geral, tem uma historia de vida mais complicada e aqui na escola uma grande quantidade de mulheres... Aí vem a questão da maternidade e quando os filhos crescem podem voltar a estudar; tem um pessoal que tava dando trabalho... Eles são colocados a noite por diretores, por ter uma idade mais avançada que os meninos.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Necessidade de trabalhar

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Hoje em dia você tem um disparato de idade; grupo grande para pegar o diploma; alguns se interessam por temas específicos; os mais velhos tem mais interesse com as temáticas.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Retorno

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Então, no caso da sociologia, entender o homem na dimensão social e natural; não nos vemos como material e o homem acima e a natureza abaixo, então é importante estudar a perspectiva indígena. O homem dentro da natureza e principalmente numa cidade como São Paulo, que a natureza esta fora, as crianças aqui não sabem o que é cenoura e leite...

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Qualquer assunto pode ser trabalhado; questões de transgênicos e como você encaminha a discussão e o problema que você conduz o trabalho.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Então, como está começando o meio ambiente acaba sendo mais comportamento social e ele entra junto e não como centra; l há temas maiores.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Você tem o conteúdo formal e a inserção vem tanto de você como deles, que fazem perguntas... E na sociologia, estrutura de poder e estado, devido a maturidade desses alunos da EJA.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Na realidade dos alunos

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: O interesse é percebido da seguinte maneira: No caso da FEBEM, você não vê os meninos... Aqui eles vão para casa e lá são confinados. Eles começam a questionar o conhecimento que você joga e as questões que eles fazem. A partir dos questionamentos que eles fazem podemos perceber isso

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Têm visões apocalípticas... Segundo o calendário maia, o mundo vai acabar; você consegue ver movimentos na sociedade e na natureza desregulados e lança, brincando, algumas discussões.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Pode ser. Se você conseguir abstrair o conhecimento de forma mais ampla e você começa a construir o movimento mais amplo e a partir disso um tema legal para articular. Isso vai emergindo, desde as condições de vida e a falta de condições e passar a pensar a cidade como um ambiente e joga muitas coisas pro lado da Amazônia; deve chegar é próximo ao aluno.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Em alguns aspectos eles são excluídos em seis meses em comparação com o ensino regular. E depende de cada caso...

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Quando essa educação ambiental está relacionada ao cotidiano desse aluno auxiliando a reflexão

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Tem um tema muito ligado a vida concreta deles, que vai desde a forma de alimentação até a forma que como eles circulam pela cidade e onde eles habitam; faz com que os alunos transformem coisas cotidianas em coisas exóticas para o estudo. A Sociologia trabalha dessa forma.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Práticas que desenvolvam reflexão pelo seu meio natural ou artificial e isso reflete para todos os aspectos de sua vida.

Professor 15 - Escola 15 - Bairro: Santa Cecília

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Eu fui agricultor desde os meus 17 anos. Sempre me interessei pela área da biologia e educação. Aí, estudei três anos em Prudente e Mogi das Cruzes. Tenho 15 anos de EJA e 20 na educação em São Paulo.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: EJA possibilidade de retorno a sociedade

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Após cinco anos lecionando ingressou na EJA

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside próximo a escola

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Grande parte dos alunos; por causa do trabalho e por que não estudam no período adequado; a outra parte, por falta de interesse e de incentivo dos pais.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Voltam pela necessidade de trabalho e parte deles mora em regiões que não tem escola; muitos alunos da gente vieram de fora; são da Bahia, do Maranhão. Não têm acesso ao estudo!

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Resumindo, acho que conhecimento e melhorar a qualidade de vida deles lá fora. Melhorar o emprego. E para exercer qualquer a profissão precisam ter um conhecimento registrado.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: É Infelizmente é a inserção desses alunos devido aos estudos. O estudo, eu acho que não está qualificando adequadamente, deixa a desejar. Para ajudar, falta muita coisa para acrescentar. De certa forma, eles tendo essa graduação, esse certificado de que eles terminaram o ensino médio e fundamental. Eles conseguem um emprego...

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Bom, no meu ponto de vista é a maneira pela qual eu trabalho. O conceito, no meu ponto de vista, é que a EA é o ambiente em que o aluno vive. A escola aqui vive numa região muito crítica; região que existe um uso de drogas muito elevado. A região está bastante denegrida por esse fato e na prefeitura existem projetos para melhorar essa situação, mas estou há 10 anos trabalhando aqui e não vi nenhuma melhora. A gente também vem lutando. Começa na casa que eles vivem... A EA, os que têm casa para morar. Acaba sendo situação. Acaba parecendo uma situação de preconceito, mas é a maneira pela qual a pessoa vive. Se torna muito difícil. Nutrição, higiene em sua casa, como usar o banheiro escolar e a merenda escolar e tudo isso... Eu venho trabalhando de certa forma com esses alunos.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim é possível. Eles têm mais idade e aceitam melhor. As pessoas levantam de manhã... Não viu o sol, não sabe que choveu, você lembra que você respirou. Você deve trabalhar isso para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: A qualidade de vida em todos os aspectos: nutrição, esporte. Quando você

fala na higiene, na segurança pública transporte - e todos dependem do transporte - e isso deve ser tratado.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: São momentos, idéias, já que ambiente é tudo aquilo que está a nossa volta. Resumindo, tudo ali. Esse é o fator que dá para trabalhar isso

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Na realidade do aluno. É porque não tem vaga na escola devido a quantidade de emigrantes... Por que falta isso ou aquilo e porque a Crise e na região a maioria são bolivianos, coreanos e a gente vê o que acontece na Espanha, França... E será que a emigração está controlada pelos governos brasileiros? Será que isso não influencia no desenvolvimento sustentável da sociedade? Para isso precisa de uma organização e planejamento e os conhecimentos necessários, de higiene, envolvem o conhecimento de EA, mesmo o uso do papel e do plástico.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: O interesse dos alunos é muito difícil... O interesse deles é raro, pois eles não querem se aprofundar, mas os mais velhos têm esse interesse e está muito difícil ter o interesse do aluno para conseguir atingir o objetivo. Para você ter o interesse do aluno você precisa ser um artista.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: A EA é importante. Temos alunos zeladores de prédio, restaurante, pizzaria e as questões de higiene são importantes. Talvez essas pessoas não tenham a oportunidade de fazer outro trabalho... E fala sobre a quantidade de detergente e trabalha com as pessoas sobre a economia... A nossa população tem que ser reeducada; esse é um exemplo bem básico.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Sim já que possibilita o aluno participar da sociedade

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eu acredito que $\frac{1}{4}$ não são incluídos, já que são envolvidos com drogas e não trabalham; o restante já trabalha e tem filhos que estudam aqui. Eu acho que essa pergunta...

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Uma região em que o lixo é jogado na rua temos um problema na rua e temos problema de pessoas que reformam os apartamentos e jogam o lixo na rua e não percebem que tem que contratar uma empresa para limpar e tudo isso é trabalhado também e não sei se consegue estimular a mudar o comportamento do professor

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Os mais jovens, a parte ligada ao corpo beleza alimentação por alguns alunos e alimentação. Fala do esporte da alimentação e eu costume jogar um pouco da educação ambiental. E no caso do eja o pessoal se interesse pela qualidade dos alimentos e agricultura é fonte de energia.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Como o exemplo do restaurante... Alunos zeladores, hotéis e aqueles que não têm trabalho e são moradores de rua... Até eles catam papel e conhecem a reciclagem e, pelo menos, é um meio de subsistência e o conhecimento deve estar inserido em todo ambiente. Há alunos aqui que chegam até a faculdade; e a EA deve estar incluída em todos os âmbitos; ela deve estar inserida na educação geral, por ser uma questão de sobrevivência, de controle de natalidade e densidade.

Professor (16) – Escola 16 - Bairro: Alto de Pinheiros

(1) Conte sua trajetória como professor desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Então, como eu falei para você, eu atuei por volta de 20 anos e gosto do que faço e trabalho em laboratório, com pesquisa; é importante unir a pesquisa e parte da educação.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: EJA Eu acho que assim... É uma proposta importante do estado, que dá oportunidade a essas pessoas que interromperam (*seus estudos*); que é importante essa parte da educação ser voltada para esse publico no caso da EJA. Perfil do aluno O perfil dos alunos da escola... Não são daqui do bairro e a idade deles é bem variável, desde 20 a 22 anos até 56 anos; muitas são donas de casa, há autônomos, taxistas, estoquistas e diaristas. A maioria trabalha mesmo e alguns trabalham no Ceasa, que é próximo daqui É um ou outro que não trabalha...

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Não Respondeu

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora Próxima

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Muitos dizem que tinham dificuldades de chegar à escola por morar na roça e muitos pararam por necessidade, para trabalhar, a média de há 20 anos atrás. Os mais jovens são cobrados pela sociedade.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Necessidade, pela sociedade... Muitos vão para a faculdade e muitos têm vontade de seguir alguma coisa. Teve o caso de um aluno que entrou no Mackenzie e para estudar informática.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: O aluno busca a informação, tentar recuperar e se preparar para melhorar para atuar na sociedade. Esse ensino atua de forma melhor.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Esse nível de ensino atua na inserção da seguinte maneira devido ao trabalho de conscientização, devido à reciclagem; separa o que pode usar ficando esse conteúdo pra própria vida.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Ecologia, reciclagem - preocupação com o meio ambiente e aquecimento global.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e

Adultos. De que maneira?

Resp: É possível, mas o certo seria trabalhar um pouquinho mais de tempo e em quase todos os momentos; trazem algumas notícias sobre a temperatura... A todo o momento eles trazem essas informações e eles conseguem ver a interdisciplinaridade.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Temas atuais... Eles são interessados e sempre lêem e tem muita coisa... Por conta de ter um conteúdo programático é grande.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Cotidiano- mas há falta de literatura específica para auxiliar

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Realidade do aluno

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Eles participam e são interessados. E sempre buscando a grande atualidade do tema; o grande problema é a questão do tempo, a restrição do tempo...

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Eles falam do sertão que eles moravam e, dentro da cabeça deles, eles conseguem trazer para a realidade deles...

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Sim muito importante

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eles refletem sobre a realidade. A questão da enchente. A conscientização é muito boa. Alguns começam a pensar que gostariam de estudar as questões do ambiente um pouco mais.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Eles são alunos incluídos.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: A minha prática auxilia na participação, na medida em que eles falam da TV e jornal e eles fazem uma ligação com o cotidiano e conseguem perceber quanto lixo eles geram e eles próprios passam a questionar, com a participação da família, sobre todo o cuidado que eles têm com o meio ambiente, a maioria deles é avô e isso eles começam a questionar...

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Voltada para a realidade dos alunos. No final você vê que eles vão para a faculdade é um pessoal muito gostoso de trabalhar e um grande problema é a falta de um material específico para os alunos da EJA. E os alunos questionam que todos os outros níveis de ensino possuem livros e literatura específica, mas para os alunos da EJA não tem. Não tem material específico uma tabela, nada para eles e caso tivessem, talvez pudessem ter mais retorno.

Professor 17 - Escola 17 - Bairro: Parque Sevilha

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Me formei em 1985 e fui morar na Bahia para o cultivo de camarão; voltei para São Paulo a atuei no concurso público e aí foi quando fui fazer aviação, estudar música. Já atuei na Europa: Londres, Espanha. Então... Assim não tinha uma grande intenção.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: A EJA é uma tentativa de trabalhar com essa demanda de pessoas que não se escolarizaram na idade adequada; tentativa mais ou menos válida... Houve uma redução do número de aula... Eles estão querendo mudar a quantidade de aulas; espero que mantenha a grade curricular. É muito importante que o aluno estude e tenha o contato com o professor, que pesquise. A educação é lançar um pouco de luz nessa ignorância.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Eu comecei atuar na EJA desde que eu comecei aqui, em 1997; desde sempre trabalhei na EJA. EJA...Na verdade, quando eu vim para essa escola, já havia a EJA...Não é que fui atrás já estava no caminho. Consegue ter uma aula de mais atenção.

O Brasil tem uma dívida social imensa com essa obrigação constitucional. Educação não é tudo, mas espero que o governo pare de utilizar como politicagem barata e deixe de desviar recursos... E torne a educação uma educação interessante.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora próximo

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Param de estudar por problemas pessoais e não conseguem continuar; são pessoas muito humildes: empregadas domésticas e costureiras... A vida não os privilegia no nível financeiro. Muitos nordestinos... Muitos deles são nascidos no estado do nordeste, pois na cidade não há emprego... Questão sócio-financeira

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Muitos voltam a estudar, pois na empresa cobram isso. Quando o aluno volta a estudar, a dinâmica mental fica melhor, senão o aluno não se desenvolve. Ele desenvolve melhor o nível de atenção; ele está mais ligado. Os pais estão obrigando a estudar e alguns, por uma inquietação pessoal, mesmo um vazio existencial... Há muitos que vem pela necessidade de estudar, para buscar algo profissionalizante. Ainda há uma velha idéia de que há uma melhora na condição de vida... Subalternos, de ficar limpando balcão por aí.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Muitos buscam o conhecimento, quando a gente dá. Quando estamos trabalhando a alimentação, a saúde. Obesidade, grupo de risco para problemas cardíacos, fugindo de muito sal e açúcar, e eles dá muito valor a esse tipo de informação. E buscam sociabilização. Dão muito valor ao conhecimento.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Quanto maior o conhecimento deles, maior será... Alguns dos conceitos, a pessoa aprende à medida que eles mudam seu comportamento. Quando eles entram, está numa determinada situação; eles ficam mais atentos e espertos e quando eles retornam... As mulheres mudam os maridos, mudam com os filhos e eles passam a ser mais respeitados e quando ele fala algo errado, ele é tido como ignorante. Quando volta para a vivência social,

o emprego colabora com a vida deles.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A EA é uma maneira de eles se informarem... Uma pilha e uma casca de banana é a mesma coisa? Um vira adubo, a pilha libera metais pesados. Projeto na escolha... Veicular informação. Que estão na mídia cada vez mais forte. Como se o ser humano pensa que a terra fosse dois buracos: um para tirar os recursos e o outro para jogar. Diminua a consumo, recicle mais. É um conceito amplo... Para mim é mais ou menos por aí.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim, é possível; é possível sim. Aqui, há muitas informações que eles não possuem. A reciclagem e a indústria de aço vieram fazer palestras. Diferenças do plástico... A sacolinha. A boa e velha sacola da feira. Atuar por meio de projetos e reciclagem de papel. Atuar de forma ativa. Quando é só conversa... Soube que vinham dando a sacolinha e eles recusavam.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Na verdade é um tema transversal... Em todos os momentos. A aula de matemática, contexto da quantidade de plástico. Não sei quantas toneladas... Quinhentos anos! Se Pedro Álvares Cabral... Aqui o plástico... Fiz algumas equações matemática. Era trabalhada em uma aula de português. Como tema direto eu trabalhei na EJA o efeito estufa e a camada de ozônio.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Sequência didática, associações inadequadas. Aulas expositivas, estudos dirigidos. Cada dois grupos vão expondo alguma coisa. Peguei uma reportagem da Folha de São Paulo sobre a durabilidade de plástico. Etapa inicial. Agora estou vendo outras coisas. ...Dificuldades para a previsão do tempo. A gente vai trabalhar o conteúdo e vou falar sobre o assunto quando os alunos se interessarem por eles. Efeito estufa, possibilidade de o mar invadir, combustíveis derivados de petróleo. A questão da OPEP, indústria automobilística, a empresa noticia... Muitas coisas equivocadas a mídia veicula. Aluno muito alienado. Temos muita empregada doméstica batalhando pelo dia a dia.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Todo mundo está ligado na mídia. E toda a história da humanidade. É que as pessoas são influenciadas na mídia. As informações que circulam... Trazer esclarecimentos. No supermercado, não pegar sacolinha. Reciclagem!

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Olha... Por incrível que pareça eles têm interesse. Eles pegam latinhas por aí. Os alunos trouxeram coisas. O plástico da boneca e do supermercado. Sacolas biodegradáveis.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Mas eu acho que ele está presente. Está sempre presente. Numa sociedade nova, que a gente vai ter que criar.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Hoje a gente necessita de uma mudança de paradigma da relação do ser humano com o meio ambiente. Ela é tão importante como a alfabetização e a matemática. Vou trabalhar muito isso aí.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: São pessoas incluídas, lembrando sempre das dificuldades, massa de manobra. Nós estamos trabalhando para que ocorra uma inclusão verdadeira e não de forma falaciosa. Busque e obtenha uma sociedade mais ampla. Uma saúde de qualidade, saneamento básico. Estado democrático. Que aumente o IDH.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Bom, a EA faz parte de uma educação; educação alimentar, política, social, prática de atividades físicas, que as pessoas tenham consciência do que faz bem para eles. Ela tem que incluir para propiciar a inclusão.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: São duas mãos, na medida em que ele torna-se mais consciente. Quando

você pensa nos artefatos plásticos, industriais, químicos. O que o escravo ganhou, trabalhando no canavial? Ele jamais levou o núcleo. Ele tinha ração mínima. Hoje o drama da EA e a sociedade como um todo... Consome porque está lá. A indústria que busca taxas... O lucro deveria ser taxado.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: O esclarecimento político desse aluno da EJA é muito importante. O ser humano, a humanidade é uma única coisa? Mas existem as diferenças sociais. Existe sim uma luta de classes para moldar as características históricas. Não entrando na confusão que a humanidade é uma coisa só... Uma usina hidrelétrica para produzir alumínio, a sociedade só vai ter prejuízo e continuamos à margem. Buscar canais de debate. Abordar esse tema de modo menos ingênuo e mais esclarecedor. A gente é professor!

Professor 18 - Escola 18 - Bairro: Pari

A professora não permitiu que a entrevista fosse gravada, pois disse que fica muito nervosa perante uma gravação.

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Ela disse que começou fazendo ciências sociais e depois fez geografia.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: A EJA é uma oportunidade de estudo fora da idade normal do aluno, sendo essa modalidade de ensino denominada de supletivo.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: A professora disse que atua nessa modalidade de ensino desde o surgimento do supletivo. Perfil dos alunos: metade é de idosos tranquilos na vida e querem estudar. A outra metade é dos que perderam tempo não estudando.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: De ônibus, leva 40 minutos... São 15 minutos, de carro. Os alunos param de estudar, pois muitos tiveram filhos e tiveram que ir trabalhar.

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Motivos que os alunos deixaram a escola foram muitos: casaram e agora os filhos cresceram; foram trabalhar e o trabalho exigia uma formação...

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Alguns voltaram devido ao diploma. Para responder uma demanda do trabalho.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Diploma e qualificação profissional

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Fala sobre EA quando aborda assuntos da política e da atualidade da profissão.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A EA é geralmente ligada ao lixo urbano, energia nuclear, aquecimento global e a todas as características que levam a esse fato. Água, oceano e saúde.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim é possível

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Segundo a professora, o conhecimento da EA influencia no cotidiano de seu aluno, já que eles têm que conviver com a sujeira no rio, ratos, enchentes e chuva. A educação ambiental tem que começar do local da escola, do bairro; deve começar onde ele está e você sente que quando tem um lugar sujo eles se sentem mal.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Os trabalhos sobre EA são em grupo, pesquisas e leitura da atualidade, leituras do cotidiano. Alguém lê o jornal e revistas.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Falta um pouco de propaganda e a união com o todo, principalmente a família. Propaganda e família. Trazer de casa o cotidiano para a escola questionar “A torneira aberta”

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: É difícil o interesse

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Modificar a cabeça das crianças é muito difícil; a mãe manda jogar o lixo no rio. Fica complicado quando falamos o contrário, já que a família é tudo. A EA na EJA utilizou como tema o terremoto... Sobre as placas tectônicas, o aquecimento global e sobre a natureza e atualidade na matéria. Todo acontecimento, fato é um motivo para se atender, para se falar... A atualidade leva a entender melhor.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Sim para leitura de mundo

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Os alunos fazem pesquisas sobre energia nuclear, sobre a poluição (biodiesel, petróleo), tecnologia do álcool. Os alunos se interessam mais por tabelas. A EA é importante em todos os sentidos: sentada na cadeira, na sociedade, quando joga lixo e para formação pessoal também. Quando se trata de situações cotidianas. Eles são incluídos, pois trabalham ou procuram trabalho.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Tratando do cotidiano

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Temas atuais e da realidade do aluno

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: A educação ambiental cotidiana por meio da pesquisa e realização de ações para modificação da realidade

Professor 19 - Escola 19 - Bairro: Bom retiro

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua

atuação nos dias atuais.

Resp: Eu sempre gostei muito de geografia acabei me encantando pelo curso. A EJA... A gente tem que completar uma jornada. Eu tenho que escolher com o que tem. Não estou aqui por uma escolha, embora seja interessante.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: A EJA educação tradicional. Perfil da EJA. Pessoas que trabalham aqui próximo. De algum tempo tem caído à idade... Trabalham por aqui e voltam. São pessoas com perspectivas futuras. Muita gente interessada em fazer faculdade.

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Não começou a atuar por escolha

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Mora Próxima

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: - Os mais antigos, sem abrir a boca, sem nada e dificulta a questão da discussão. Educação tradicional é bem gostosa. Olha porque parou é tão complicado. Agora mudou o público. Questão de vínculo com a escola; tem muita gente novinha, de 21 e 22, que está correndo atrás do prejuízo.

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Correndo atrás do prejuízo. Correr atrás para buscar o tempo perdido, embora seja difícil

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Recuperar o tempo

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Difícil a gente dizer assim...

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Se observar que o semestre não tem 6 meses e há tanta coisa para trabalhar... A EA permeia outras discussões. Leiam sobre impactos ambientais. Como uma coisa sonhadora, tem que ver o contexto e tem uma questão econômica atrás... E o que é conscientizar sem trabalhar com a prática e essa preservação só pode vir. Você não está percebendo que dá para jogar no dia.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e

Adultos. De que maneira?

Resp: Eu acho que um pouco com a questão do trabalho. É a questão do indivíduo; dele crescer intelectualmente. Como você vai educar seus próprios. A EA na EJA é possível, mas algumas coisas mudaram. A professora disse que eles perderam aulas. Eu não posso projetar apenas em torno da EA.

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: O tempo todo

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Em todas as discussões

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Para centrar a questão ambiental precisaria ter uma jornada maior, embora na teoria o estado não esteja preocupado com a educação.

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Participa o aluno da EJA; eles estão abertos para tudo que você quer ensinar. Eles têm interesse, sim. Corre contar o tempo. Falta a amarração de disciplinas. Estou fazendo só uma alusão; os alunos têm interesse sim.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Eu fechei em algumas series... Eu procuro conversar com eles. No primeiro ano eu dou uma inserida na questão ambiental mesmo, se eu estou discutindo um assunto. No terceiro, menos ainda. Está mais centrado no primeiro ano.

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: A questão ambiental é algo que permeia todos os indivíduos e pode permitir a busca de soluções que a gente tem. Países pobres, ricos ou países do sul. Conscientizar para todas as pessoas. Mostrar que nos fazemos parte desse mundo.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Eu acredito que sim; eles vêm o conhecimento... Este é algo que não tem ninguém que rouba.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Eu acho que isso permite se preparar para ter algo mais; não significa que ele é superior ou inferior a ninguém, pois a vida não ta fácil e serem excelentes profissionais.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Percebo que eles se preocupam muito com a questão do desmatamento, a questão do lixo urbano; eles passam a observar. Eles têm a tendência a dar a contribuição que eles já têm.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Eu sou apaixonada pela educação. Eu larguei tudo! E foi fazer outra coisa que não tem nada a ver. É essa correria que você está vendo não são financeiras.

Alguns alunos que se deslocam. A gente tenta fazer alguma coisa que chame atenção de alguma maneira. Na biologia que coloque na realidade. Eu gosto que eles participem.

Aperfeiçoamento de currículo. Medidas? Não tem material para a EJA; não se respeita a jornada de trabalho da EJA. Se não tivesse uma carga horária... Eu não posso!

Professor 20 - Escola 20 - Bairro: Pinheiros

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: É... Primeiro eu fiz faculdade de ciências biológicas bacharel e licenciada e escolhi isso durante a faculdade e decidi na faculdade fazer isso ser professora. Daí eu entrei numa pós de psicopedagoga e sempre trabalhei na área de educação; depois eu fiz pedagogia e terminei no final do ano passado. Ai há três anos eu fui chamada para o fundamental 2; fui dar aula de ciências e decidi enfrentar o desafio... E apaixonou... Decidi ficar na EJA e não pretendo voltar para outro período.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Conhecimento de mundo... Troca com muitos...

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: Quando começou atuar no estado

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Reside próximo

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: A maioria parou de estudar, pois precisava trabalhar. A maioria vem de favelas daqui de perto e de outras regiões

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Vêm devido à exigência do mercado de trabalho; para ser melhor aceito no mercado. Os adolescentes vêm por terem sido reprovados e os mais velhos vêm por interesse. A educação é importante para a vida deles e incentivo para os filhos dos alunos da EJA.

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Eles buscam se inserir e buscam ajudar os filhos; querem que os filhos deles possam ter uma vida melhor.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: A partir do momento, ele busca mais informações e discutimos de muitas coisas do dia a dia e eles conseguem participar das discussões. Conseguem ter uma discussão (meu patrão fuma, mas o carro dela polui e a moto que ela me deu também).

(9) O que é educação ambiental?

Resp: Atitudes do ser humano no ambiente de hoje... Como esse ambiente está se formando e eles vêem a importância da reciclagem e para a continuidade do planeta e eles percebem que é importante melhorar. E muitos têm filhos aqui. Isso é trabalhado na quinta e sexta séries; os pais da EJA e os filhos exigem e é uma base para que os filhos e pais façam; na EJA tem muita troca.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Sim. A maioria não tem um carro, mas essa menina ganhou uma moto e percebe que polui. A consciência deles e refletem sobre o que acontece... Meio ambiente

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: O tempo todo e na parte da poluição... A área da saúde também fala de meio ambiente e das doenças; acho que é o tempo todo e permeia todas as áreas... Ele consegue

ter uma discussão com embasamento e qualquer pessoa eles consegue ter a opinião dele e agir como cidadão, agindo e opinando.

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Discussões

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Saúde, ambiente permeia todos as áreas

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Os alunos se interessam muito.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: Questões ligadas a atuação do cidadão

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: É essencial para todos! Para mim e para os alunos... Permito que os alunos se atualizem e se envolvam com essas questões, não só as ambientais; essas pesquisas ajudam desenvolver bastantes coisas.

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Os jovens são complicados... Falar deles... Os adultos são incluídos, pois tem trabalho e família e eles atuam na sociedade, pois questionam e no grupo da escola e participam de reuniões e muitos deles desistem, pois apesar de estudar não tem um salário melhor e poder discutir e trocar com os outros.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do individuo na nossa sociedade atual?

Resp: A educação ambiental pode ajudar, já que ele tem base para isso. Eles conseguem discutir.

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: A gente fala das próximas gerações e também do ambiente em que eles vivem; também sobre quererem ter melhoria da própria vida e continuidade para as

próximas gerações.

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Realidade do aluno

Professor 21 - Escola 20 - Bairro: Pinheiros

(1) Conte sua trajetória como professora desde sua escolha da profissão até a sua atuação nos dias atuais.

Resp: Eu fiz geografia na Universidade de São Paulo; lá tem o curso de licenciatura e na licenciatura eu descobri como dar aula e como abordar os assuntos; me interessou e resolvi encarar o ramo da educação. O campo de trabalho da geografia está muito ligado a educação e ligado a ciências ambientais e como me formei no ano 2000, logo teve o concurso e ingressei.

(2) Conceitue de acordo com o seu ponto de vista o que é Educação e EJA?

Resp: Retomada

(3) Como e quando você começou a atuar no EJA?

Resp: A EJA foi consequência. Entrei na escola e tinha vaga! É outro tipo de público e são mais dedicados e diferentes do que o público de idade inferior, que são imaturos. Esse ano há um diferencial do ano passado: o número de jovens aumentou na faixa dos 16 anos, enquanto antes era um público mais velho. Também há uma diferença e 2009 há uma diferença, pois eles são mais rápidos, eles se envolvem com as propostas e, se compararmos com os mais idosos, eles possuem um pouco mais... Os idosos se interessam, apesar da disciplina e brincadeiras.

(4) Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Resp: Próximo

(5) Porque o aluno do EJA parou de estudar, porque ele não terminou seus estudos?

Resp: Falta de interesse e dificuldades financeiras

(6) Porque o aluno do EJA voltou a estudar?

Resp: Devido a necessidade de qualificação que o trabalho impõe

(7) O que o aluno busca na educação de jovens e adultos?

Resp: Para enfrentar um concurso publico e um vestibular.

(8) Como esse nível de ensino atua na inserção dos alunos na sociedade?

Resp: Na área de geografia ajuda a entender os problemas atuais e entender o sistema mundo.

(9) O que é educação ambiental?

Resp: A área de geografia abarcar uma serie de assuntos: efeito estufa, favela. A maioria é de classe baixa, apesar das exceções... É bom para eles entenderem os problemas que têm que enfrentar no dia a dia.

(10) É possível trabalhar com a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. De que maneira?

Resp: Realidade dos alunos

(11) Quais são os momentos em que essa temática é abordada na sala de aula?

Resp: Discussões embasadas em revistas e reportagens

(12) Como são realizados os trabalhos educação ambiental?

Resp: Eu trabalho com pesquisa conceitual e peço que eles procurem fotos sobre o meio ambiente; eles questionam o que é meio ambiente e eles acabam tendo a consciência de alguns conceitos como: fauna, flora e acabam fazendo uma critica ao ambiente total e ao mega ambiente. Eu tenho notado que eles adoram fazer trabalhos na área ambiental. O professor trabalha com casas sustentáveis e quer fazer um trabalho com a EJA.

(13) Qual é o contexto de inserção da educação ambiental?

Resp: Ambiente nos seus diversos aspectos – fauna, flora, sociedade

(14) Qual é o interesse do aluno com relação a essas atividades relacionadas com Educação Ambiental?

Resp: Na EJA eles tem interesse, mas pelo fato de trabalharem eles tem dificuldade.

(15) Em que momentos de sua prática docente que a Educação ambiental é um dos elementos norteadores?

Resp: O contexto em que eles vivem

(16) Você considera que o estudo da Educação ambiental é um elemento importante para a sua formação pessoal e /ou profissional? E para a formação de seus alunos?

Resp: Eu acho fundamental ter a consciência ambiental e as atitudes que temos com o nosso planeta têm interferência para todos os cidadãos!

(17) Os alunos do EJA são pessoas incluídas na nossa sociedade atual. De que maneira essa inclusão ocorreu ou está ocorrendo?

Resp: Alguns são incluídos, conseguem se expressar bem e dão respostas mais rápidas.

(18) De que modo a educação ambiental pode possibilitar a inclusão do indivíduo na nossa sociedade atual?

Resp: Você acaba convidando eles para fazer trabalhos e eles acabam participando de projetos maiores da EJA...

(19) E de que maneira suas atividades que são relacionadas com a educação ambiental podem auxiliar a esse aluno que já é um cidadão ser incluído na nossa sociedade atual

Resp: Na criação do grêmio e, na hora do intervalo, tinha seleção de músicas. Alguns têm o conhecimento técnico das músicas e há outros também que manjam de computação e prestam assessoria para a escola. É uma forma de engajamento e a escola é um espaço coletivo...

(20) Em sua opinião quais seriam as características da educação ambiental, desse tema tão discutido na nossa atualidade, que possibilitariam a inclusão de fato do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sociedade em que vivemos?

Resp: Só pelo fato de estar no ambiente escolar, discutindo a questão ambiental... Assistir vídeos. Todo o ambiente propicia os alunos questionarem e produzir alguma coisa; eles curtem e querem fazer mais.

Questões utilizadas para traçar o perfil dos alunos

Perfil dos alunos (questionário)

Em cada escola em que for realizada uma entrevista com o professor, aplicarei nos alunos da sala em que ele der aula, o seguinte questionário:

Qual é o seu nome?

Qual é a sua idade?

Você nasceu em que cidade?

Caso não tenha nascido em São Paulo? Quais foram os motivos que te trouxeram para a cidade de São Paulo?

Qual é o seu estado civil?

Você possui filhos? Quantos?

Você estudou até qual série?

Porque você parou de estudar?

Porque você voltou a estudar?

Quanto tempo leva da sua casa até a escola?

Quais são seus objetivos após terminar o EJA?

De que modo o EJA está auxiliando você na busca de seus objetivos?

A educação ambiental é algo que você já estudou? Como essa temática foi estudada?

Você considera que o estudo da educação ambiental é algo importante para a sua formação pessoal e /ou profissional?

A Educação de Jovens e Adultos, para você, é um caminho para a sua inclusão na nossa sociedade atual?

Como a educação de jovens e adultos possibilita a participação do indivíduo na sociedade visão do aluno

Termo utilizado para o consentimento da entrevista cedida pelos professores

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito pesquisa, que me foi devidamente esclarecida, a qual tem por finalidade fornecer dados para a dissertação intitulada: Educação Ambiental Estudo das compreensões e relações feitas com a atuação do professor considerando os aspectos pessoais, profissionais e sociais na atualidade, em escolas de educação de jovens e adultos da cidade de São Paulo. Trabalho este em processo de desenvolvimento pelas autoras Professora Fabiane de Paula Silva e professora Doutora Jandira Liria Biscalquini Talamoni, na Linha de Pesquisa em Ciência, Tecnologia, Ambiente e Desenvolvimento Humano, do curso de MESTRADO EM Educação Para Ciência da Universidade Estadual Paulista- UNESP “Júlio de Mesquita Filho” Campus Bauru, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a pesquisa objetiva verificar e analisar os conhecimentos científicos sobre educação ambiental que esses professores possuem e quais as contribuições desse conhecimento para sua atuação na educação de jovens e adultos na sociedade atual.;
- b. que a coleta de informações da pesquisa é feita por meio de entrevista que será gravada;
- c. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- d. que para mais esclarecimentos posso contatar o (a) autor (a) e orientador (a) responsável Prof^o (a) Fabiane de Paula Silva pelo telefone (011) 33410795 e Prof^o (a) Doutora Jandira Liria Biscalquini Talamoni, pelo telefone (014) 3103-6078.
- e. que estará a mim garantida a total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo algum para mim;
- f. que o uso dos dados por mim fornecido é reservado aos (as) autores (as) da dissertação, acima mencionados (as), sendo preservado o respeito ao meu anonimato;
- g. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumprido o disposto no item f.

- h. que tenho ciência de possíveis desconfortos, como, por exemplo, a apresentação e registro das (...), a minha disponibilidade de tempo para a entrevista, com duração de aproximadamente uma hora e a marcação de outra entrevista, caso haja necessidade de complementação das informações coletadas.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelos (as) autores (as) e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

São Paulo, de de 2009

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Nome: _____

RG: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / ____

Sexo: M () F ()

Endereço: _____ Nº.: _____ Apto.: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____

Tel.: _____ Cel.: _____

E-mail: _____

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

São Paulo, de de 2009

Assinatura da pesquisadora

Carta de apresentação do Projeto



Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências

Departamento de Ciências Biológicas

Caixa Postal 473 - 17033-360 - Bauru, SP - fone (014) 3103-6078 - fax 3103-6092



São Paulo, 01 de março de 2009

Prezado (a) Senhor (a) coordenador(a),

Pretende-se realizar uma pesquisa, com o objetivo de investigar as contribuições da educação ambiental na educação de jovens e adultos (EJA) na sociedade atual, nas escolas do (EJA) da rede estadual, na cidade de São Paulo.

A investigação faz parte do Trabalho de Mestrado da aluna Fabiane de Paula Silva da Faculdade de Ciências-Programa de Pós - Graduação de Educação para a Ciência, sob orientação de Jandira Liria Biscalquini Talamoni.

Um levantamento do número total de escolas existentes em São Paulo mostrou-nos que é impossível realizar a pesquisa em todas elas e, portanto, será amostrada apenas uma escola estadual em cada subprefeitura da cidade de São Paulo.

Assim, venho através desta solicitar de Vossa Senhoria a gentileza de nos indicar quais os professores poderiam contribuir para a nossa pesquisa.

Acredita-se que os resultados finais possam ser importantes para que se tenha um melhor conhecimento sobre como a Educação Ambiental vem sendo trabalhada nas escolas e para que uma avaliação comparativa venha a auxiliar com relação à possível necessidade de revisão das práticas pedagógicas que vêm sendo atualmente utilizadas e à importância da formação dos professores para que possam efetivar as ações voltadas para as questões ambientais.

Na expectativa de poder contar, novamente, com a valiosa colaboração de Vossa Senhoria, agradeço antecipadamente vossa atenção, apresentando meus protestos de real estima e consideração.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Jandira Liria Biscalquini Talamoni

Fabiane de Paula Silva